Thurman C. Petty Jr.
Portal dos Deuses
Uma história de lealdade em Babilônia

Portal dos Deuses

Uma história de lealdade em Babilônia

Thurman C. Petty Jr.

Tradução
Islana F. Costa

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Título original em inglês:
GATE OF THE GODS

*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição
2ª impressão: 5 mil exemplares
Tiragem acumulada: 8 milheiros
2014

Editoração: Neila D. Oliveira e Matheus Cardoso
Projeto Gráfico: Vilma Baldin
Capa: Levi Gruber
Ilustração da Capa: Thiago Lobo

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petty Jr, Thurman C.
Portal dos deuses : uma história de lealdade em Babilônia / Thurman C. Petty Jr ; tradução Islana F. Costa. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2010.

Título original: Gate of the gods

1. Bíblia. A. T. – Histórias dos acontecimentos bíblicos – Ficção 2. Ficção norte-americana I. Título.

10-11364 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Tipologia: Bembo Std, 11,5/13 – 11483/30106 – ISBN 978-85-345-1342-5

SUMÁRIO

Dedicatória

A Jesus,
o verdadeiro Portal para Deus

Nota dos Editores

O autor deste livro fez uso de pesquisas e da imaginação para preencher as lacunas do relato bíblico. Embora suas afirmações não contrariem a Bíblia, o leitor deve levar em conta que os recursos narrativos utilizados por ele lhe deram certa liberdade para acrescentar detalhes.

Ventos Ruins do Norte

Nabucodonosor estava muito satisfeito. Tinha apenas 18 anos, mas já comandava o principal exército do seu pai e tinha acabado de destruir a fortaleza habitada por uma das nações mais poderosas do mundo. Agora, os sobreviventes fugiam de suas casas.

– Quero nossas melhores tropas perseguindo os egípcios. – O príncipe herdeiro estava apoiado no corrimão de sua carruagem de guerra e gritou para um mensageiro que estava por ali. – Diga a eles que devem pressionar o inimigo com todas as forças. Não deixem que ninguém escape.

O emissário apressou seu cavalo a fim de alcançar o exército babilônico que perseguia o inimigo. Às vezes, ao passar pelos soldados, derrubava um deles no chão. Afinal, a ordem de Nabucodonosor era muito mais importante que a de qualquer mero soldadinho. O cavalo subia as montanhas ao sul de Carquemis, passando cuidadosamente pelos corpos que se espalhavam pelo caminho e, então, apressando os passos enquanto alcançava o pico dos montes. Em alguns minutos, o rapaz encontrou o comandante do pelotão de frente.

Nabucodonosor sorriu ao ver de longe que o mensageiro estava diante de um de seus subordinados. Ele achava que sua mensagem traria novas forças aos homens cansados, fazendo com que a ofensiva prosseguisse sob o comando de seu líder. Na verdade, as tropas lutariam por seu jovem general até que sucumbissem, pois muitos ansiavam que um dia ele se tornasse seu rei.

–Vamos em direção às montanhas – disse Nabucodonosor ao seu cocheiro. – Quero me juntar ao pelotão de frente.

O rapaz chamou um novo mensageiro:

– Diga aos oficiais que preparem o pelotão reserva – disse ele. – Precisamos assegurar que todas as cidades daqui até o Egito sejam leais a nós.

Nabucodonosor deu uma última olhada para Carquemis enquanto sua carruagem se dirigia para Hamate. A cidade ficava para trás, em ruínas. O faraó Neco II tinha tomado a cidade havia quatro anos e a usava como base para afrontar o rei da Babilônia. Ele tentou salvar o que havia restado do Império Assírio, preservando o local como uma divisória entre o Nilo e a ascendente Babilônia.

Mas, agora, o Egito estava sendo punido. Um esquadrão de engenheiros militares da Babilônia já estava organizando a reconstrução de Carquemis e usaria os sobreviventes locais para levantar os muros da cidade.

Havia um rio muito importante naquela cidade. O rio Eufrates atravessava a muralha ao leste de Carquemis e suas águas eram tão rasas que era possível atravessar a cavalo. Tanto os egípcios quanto os babilônios sabiam que quem quer que possuísse a cidade controlaria a travessia e o comércio que existia na região.

E, agora, a Babilônia controlava o rio. O único oponente à altura deles havia acabado de ir para o sul, rumo à Palestina, pois queria alcançar solo egípcio antes de ser totalmente destruído.

O herdeiro do trono da Babilônia analisou o território da guerra coberto por milhares de corpos e soldados moribundos, que se espalhavam por toda parte. Sentiu uma dor no coração ao ver os bons soldados que tinha perdido na batalha. Seus lares nunca mais teriam o privilégio de ouvir suas vozes e risos. *Será que não há outro meio de resolver os conflitos internacionais?*, pensou. *Não*, respondeu a si mesmo. Ao menos não enquanto outras nações importunassem a Babilônia ou resistissem ao desejo que seu pai tinha: controlar o comércio mundial. *Quando todas as nações estiverem sob o domínio da Babilônia*, pensou, *então a guerra e o sofrimento cessarão. Vou fazer com que isso aconteça.*

A mente de Nabucodonosor se desviou dos seus pensamentos para um mensageiro que parava ao lado de sua carruagem:

– As forças de elite estão pressionando o inimigo, senhor – disse ele. – Os generais estão segurando o exército principal como o senhor ordenou. Estão fazendo um intervalo agora e aguardam novas instruções.

– Pare ali sob aquelas árvores – o jovem líder apontou enquanto falava com o condutor do veículo e acenou para que o mensageiro o seguisse. Ao mesmo tempo em que dirigia seu olhar para as árvores e o que estava adiante, ele conseguiu ver os últimos egípcios sendo perseguidos por seus soldados. Ao seu redor estava o exército principal, fazendo o costumeiro intervalo do meio-dia. Comiam pão, bebiam vinho e contavam piadas, aliviados por sobreviver a mais uma batalha.

– Reúna os generais – o príncipe deu a ordem enquanto descia da carruagem, ao passo que seus servos se apressavam em providenciar um abrigo sob uma das árvores próximas.

Ninguém pode me deter agora, pensou, convicto da vitória. *Eu vou controlar toda a região de Hatti,*[1] *do Líbano ao Egito. Em breve as grandes riquezas dessas nações férteis serão minhas. Um dia eu serei o rei da Babilônia e esta será a joia da minha coroa.*

A trágica retirada dos egípcios espalhou rumores negros em Judá. O serviço de mensageiros reais trabalhava dia e noite para trazer ao rei as notícias sobre o exército babilônico que se aproximava.

Na verdade, a cidade de Babilônia ficava bem longe dali, mas um deserto hostil tornava uma jornada direta um tanto improvável. Assim, a maior parte das pessoas que viajava da Babilônia para a Palestina seguia o rio Eufrates em direção a Carquemis e, depois, se dirigia para os vales da Síria, do Líbano e de Israel, o que dava uma distância de aproximadamente 1.600 quilômetros. Desse modo, os babilônios se aproximavam de Judá pelo norte, assim como a maior parte de seus inimigos através da história.

A tropa de frente da Babilônia destruiu os egípcios, enquanto se dirigia para Jerusalém. Os cansados soldados do Nilo, desesperados por sobrevivência, sempre encontravam morte certa nas mãos de seus perseguidores. Alguns até sucumbiam de exaustão e davam seu último suspiro sem receber os cumprimentos da espada do inimigo. Logo todos os combatentes vivos desapareceram no horizonte, deixando milhares de corpos espalhados pela estrada. Os sentinelas judaicos faziam

a ronda entre Jerusalém e o Grande Mar (o Mediterrâneo), prontos para informar a todos caso alguma tropa inimiga se aproximasse.

Os mensageiros reais trouxeram notícias que confirmavam que as forças inimigas estavam ocupadas sitiando várias cidades, inclusive cidades do Líbano e da Síria. Nabucodonosor tinha contas a acertar com o governador da Fenícia e da Síria, pois ele tinha se rebelado contra a Babilônia, aliando-se ao Egito.

Jeoaquim não tinha dúvidas quanto às intenções dos babilônios. Ele estava no terceiro ano de seu reinado e tinha sido coroado rei pelo faraó Neco II do Egito, que tinha matado seu pai, Josias, em batalha. Seu irmão Jeoacaz reinara por um curto período de tempo, pois Neco o levou cativo para o Egito. Mas Jeoaquim estava muito agradecido por isso, pois a desgraça do seu irmão tinha lhe dado a coroa

Contudo, naquele momento, sua sorte tinha desaparecido. A lealdade de Jeoaquim ao Egito se tornara conhecida de todos e lhe rendera favores especiais. No entanto, a Babilônia tinha acabado de derrotar o império do Nilo. E agora? Como ficaria sua situação? Como ele poderia negociar com o exército que tinha derrotado todos os seus aliados?

Sentiu que o medo sufocava sua garganta, apertando mais e mais conforme o inimigo se aproximava. Parecia que alguém tinha lhe dado um soco no estômago. Suas têmporas doíam pela pressão que um torno invisível fazia em seu cérebro.

O pânico estava deixando o rei Jeoaquim à beira de um ataque de nervos. Acontece que ele não era um homem muito paciente e seus amigos temiam seu temperamento violento. Era conhecido por desembainhar a espada e matar aos que ousassem ofendê-lo. Agora, todos os seus servos e oficiais encontravam uma desculpa para trabalhar em outro lugar, bem longe da raiva assassina daquele reprimido leão de Judá.

– Onde estão meus conselheiros? – rosnou para um criado infeliz que lhe trouxera um refresco.

– E-e-eu não sei, Ma-ma-majestade – gaguejou o rapaz.

– Então, encontre-os, seu rato imundo. Eles têm trabalho a fazer.

O pobre empregado, que havia sido transformado em mensageiro, foi mais que depressa procurar os conselheiros do rei. Com uma lista de

apoio dos guardas do palácio, enviou um e depois os outros para a sala do trono Em breve o destino de Judá seria selado e nada mais seria o mesmo.

– Nunca vi nada parecido, Daniel – arfou um homem alto, vestindo uma longa e justa roupa de sacerdote. Passou a mão nos cabelos grisalhos, observando estupefato os soldados errantes do exército do faraó que fugiam para o sul.

– O exército egípcio quase nunca teme um inimigo – meditou. – Devem ter sofrido uma grande derrota.

– Sim, senhor Jeremias – replicou o jovem de 18 anos de idade, enquanto se inclinava sobre as muralhas de Jerusalém. – Devem estar com muito medo para vir a um lugar tão longe como este, em vez de voltarem para o Egito pela estrada costeira.

Os dois permaneceram em silêncio enquanto observavam os soldados cansados que rodeavam a antiga cidade. Muitos pareciam ter abandonado suas armas bem antes de chegarem a Jerusalém.

Jeremias e Daniel desceram as escadas da torre e tomaram caminhos diferentes. Ambos reconheciam que a Babilônia se aproximava de Judá pelo norte e sabiam que a vida que conheciam não seria mais a mesma O Egito já não era o protetor de sua pequena, porém rica nação, e agora Judá estava à mercê da ambição de qualquer exército forte que quisesse conquistá-la.

Daniel foi rapidamente para sua casa perto do palácio, logo atrás do templo. Quieto, mas com uma força interior visível, ele sempre tinha um modesto sorriso que facilmente se transformava em um irresistível riso. Seus olhos frequentemente tinham um brilho que suavizava o fato de ele sempre encarar aqueles com quem conversava. Uma de suas íris parecia ser um pouco mais clara e ligeiramente maior que a outra.

Daniel era de altura mediana, mas muitos achavam que ele fosse mais alto. Pertencia à família real judaica e tinha movimentos elegantes.

Depois da morte do rei Josias, Eliaquim se tornou rei. O faraó mudou seu nome para Jeoaquim. Seu irmão Matanias logo se tornaria

Zedequias. O jovem Daniel, embora pertencesse à nobreza, não era um dos sucessores ao trono, mas ocupava uma posição de destaque na estrutura social de Judá.

Ao passar pelo Portão Leste, ouviu uma voz familiar chamá-lo:

Daniel, espere!

Virou-se e viu três de seus amigos correndo atrás dele.

– Hananias! – Daniel sorriu para o mais velho enquanto o trio se aproximava. – Terminou as lições cedo assim?

– Não – respondeu o outro. – Nossos professores nos mandaram para casa. Acharam que não estávamos seguros no templo por causa da proximidade do exército egípcio. Sabe-se lá o que aqueles homens desesperados podem fazer, não é?

Não se preocupe, Hananias – disse Daniel rindo. Ele apontou para as enormes portas de cedro atrás deles. – Os portões estão fechados e selados com as barras de proteção. Seria necessário um grande exército para adentrar Jerusalém.

– Tem razão – concordou Misael. Mas você conhece o escriba lá do templo. Ele tem medo até da própria sombra.

– É verdade – Azarias, o mais jovem dentre eles, acrescentou. Embora fosse o mais alto dos três, era também muito magro. Ainda que fosse um pouco estranho, ele tinha um belo sorriso, que mostrava seus dentes perfeitos sob uma barba cerrada. Mas o escriba faz com que nossas aulas sejam bem interessantes. – Azarias sempre tinha algo bom para dizer sobre os outros.

-Vamos sair daqui – Daniel os encorajou. Não gosto do cheiro deste lugar. Ele olhou para a rede de esgoto que passava pela beira da Estrada Leste e pelo portão.

O quarteto caminhava pela rua paralela ao muro sul da Porta da Cerâmica.[2] Comentavam sobre a fuga dos egípcios, a força aparente de Babilônia e o medo que tomou conta de Jerusalém. Quando chegou à sua casa, Daniel se separou do trio.

– Tomem cuidado! – disse já na porta de casa. – Confiem em Jeová[3] e Ele cuidará de vocês. *Shalom alikhem* (paz seja convosco)! – Trancou a porta, deu uma olhada nos animais que ficavam no primeiro andar e subiu as escadas em direção aos quartos.

Embora alguns considerassem a casa de Daniel um palácio, era menor e mais simples que a maioria das casas da nobreza judaica. Espaçosa, tinha paredes brancas decoradas com desenhos de flores, um contraste com as cabanas acinzentadas da maior parte dos cidadãos de Jerusalém.

– Ah, Daniel – sua mãe desviou os olhos da panela em que fazia um cozido de legumes, que estava borbulhando em cima do braseiro da cozinha. – Está quase na hora do almoço e seu pai já está pronto para fazer a oração.

– Sim, mamãe. Precisamos das bênçãos de Jeová mais que nunca.

– Como assim? – ela olhou para o rosto do filho.

– Quem sabe o que vai acontecer quando os babilônios chegarem a Jerusalém?!

– É verdade – A mãe colocou uma concha cheia de cozido numa tigela de cerâmica e colocou uma vasilha com frutas ao lado. Então, acenou chamando os outros membros da família para a refeição.

– Os babilônios vão realmente vir aqui? – perguntou Daniel durante uma de suas aulas na sala de entrada do templo.

– Sim – Jeremias respondeu. O rei Jeoaquim odiava o profeta e não sabia que ele ensinava os jovens, pois deixava esses "detalhes insignificantes" para os sacerdotes e levitas.

– Mas somos o povo escolhido de Deus – protestou Misael. – Ele não deveria nos proteger?

– É verdade, somos Seu povo, Misael – Jeremias olhou através da janela do santuário, numa posição um tanto embaraçosa. – Porém, a maioria dos judeus se esqueceu de Deus, preferindo fazer o mal em vez do bem.

– Mas o rei Josias não levou o povo a se voltar para Deus? – Daniel perguntou. – Ele destruiu os altares pagãos espalhados por nossa terra.

– Josias tentou – disse Jeremias com um suspiro. – Mas não podia forçar o povo a voltar para Deus. Eles obedeciam ao rei, mas no coração continuavam tão pagãos quanto antes das reformas.

– Olhem os lugares altos que eles reconstruíram ao redor de Jerusalém. – O profeta abanou a mão em forma de arco, apontando para lugares proeminentes em volta da cidade.

– Em cada telhado e vale, as pessoas oferecem sacrifícios à deusa Astarote, "a rainha do céu" – disse, cuspindo para fora da janela em sinal de nojo. – No Monte das Oliveiras também tem muitos altares pagãos do lado sul, bem na direção do templo! Foi o próprio Salomão que começou esse ultraje e nem mesmo Josias conseguiu acabar com esse horror. – O profeta caminhava pela sala com as mãos na cintura e o maxilar tenso pela raiva, mas tinha lágrimas nos olhos.

Daniel sabia que Jeremias estava muito chateado com a apostasia do povo de Israel e que nada além de um reavivamento completo satisfaria seu desejo de reconciliar o povo com Deus.

– O que acontecerá conosco? – perguntou o jovem. – Onde é que isso vai terminar?

Jeremias parou de andar e arregalou os olhos. Abriu a boca para falar, mas voltou a fechá-la, olhando para fora do templo por alguns minutos.

– Jerusalém vai desaparecer, Daniel – finalmente murmurou enquanto escorregava seu pé de um lado para outro no solo. – Jeová vai trazer Seu servo Nabucodonosor para destruir Judá e deportar nosso povo daqui.

– Por que o senhor não fala isso para o povo? – perguntou Hananias.

– Já disse. Tenho pregado sobre isso há anos e ninguém me dá ouvidos.

– Meu pai disse que tentaram apedrejar o senhor no templo – comentou Azarias. – E que o teriam matado se Aicão e os outros príncipes não tivessem impedido.

– Mas o senhor não pode fazer nada? – insistiu Misael.

– Tenho pensado em escrever um livro com as mensagens do Senhor – o profeta respondeu. – Mas não sei se isso vai fazer algum efeito.

Nabucodonosor levou algum tempo para sair de Carquemis. Seu vasto exército tinha recebido um grande número de reservistas vindos da Babilônia e o príncipe decidiu avançar em direção a Hamate, onde

uma vez mais teve que lutar com alguns remanescentes do exército egípcio. Mas a Babilônia venceu novamente e as tropas do faraó continuavam a fugir em desespero.

Enquanto passava pela Síria, Nabucodonosor ia tomando todas as cidades que recusavam o controle da Babilônia, fazendo milhares de escravos. Muitas cidades não opunham resistência, pois a sede de sangue dos conquistadores da Mesopotâmia tinha ficado famosa através dos séculos. Poucos queriam acender a fúria de Nabucodonosor, pois sabiam que isso seria suicídio.

O rei Jeoaquim tremia ao pensar na crueldade que seria se um inimigo adentrasse a capital de seu país e decidiu que resistiria, pelo menos a princípio.

– Os babilônios nunca conseguiriam capturar Jerusalém – gabou-se. – Temos muros intransponíveis e os melhores defensores do mundo. Nabucodonosor seria um tolo se lutasse comigo.

Porém, quando os caldeus começaram a cair como uma cascata nos vales e colinas próximos a Jerusalém, ele mudou seu discurso.

– Eles vão acabar conosco! – exclamou ao ver dezenas de milhares de veteranos de guerra cercando sistematicamente a cidade, parecendo formigas prontas para atacar um pote cheio de doces. Podia até imaginar como seria sua captura e execução nas mãos do inimigo cruel.

Nabucodonosor designou um grande exército para cercar Jerusalém, enquanto ele seguia em direção ao Egito. Seu pelotão de elite logo neutralizou qualquer resistência e o príncipe encontrou pouca oposição. Dentro de alguns dias, ele estava em Sim, a fortaleza egípcia, pronto para a batalha final. A vitória sobre Neco II parecia muito próxima.

O jovem comandante babilônio ainda não tinha se aproximado do faraó quando um mensageiro lhe trouxe a nota de rendição do rei Jeoaquim: "Poupe nossas vidas", implorava ele, "seremos seus escravos."

– Ótimo! – o jovem príncipe riu, enquanto seu escrivão terminava de ler o documento. – Vão pagar mais impostos se estiverem vivos em vez de mortos. Leve uma mensagem a Jerusalém.

O escrivão estava com suas ferramentas à mão: um instrumento parecido com um pincel e um pedaço de porcelana que usaria para fazer as anotações.

– Aceito sua rendição – ditou o príncipe herdeiro. – Ninguém morrerá, a menos que haja resistência da sua parte. Espero receber reféns como garantia da sua lealdade.

Mais tarde, o escrivão copiaria a mensagem numa tábua de barro macio, gravando tudo em cuneiformes, isto é, complexos moldes em forma de cunha. Ele trabalhava rápido, mas com muito cuidado, pois a mensagem do seu comandante não poderia ser mal interpretada.

Ainda estava terminando quando um emissário chegou a galope, desceu do cavalo e se jogou aos pés de Nabucodonosor.

– Meu senhor! – disse ofegante. – O grande rei, o rei Nabopolasar, da Babilônia, morreu e seus irmãos estão discutindo quem vai assumir o trono!

– Meus irmãos! – esbravejou o príncipe ao descer de seu trono portátil. – Traidores! Eles sabem que nosso pai escolheu a mim para sucedê-lo. – Ele se virou, olhando para o Egito por um instante. Lágrimas corriam pelos cantos de seus olhos ao se lembrar do pai. – Está morto – murmurou. – O famoso conquistador de Nínive, aquele que terminou com a tirania dos assírios. Nunca mais o verei.

Deixando seu pesar de lado, Nabucodonosor partiu para a ação:

– General! – gritou. Um oficial surgiu logo detrás e se curvou diante de Nabucodonosor. – Vou a Babilônia assegurar meu trono. Você está no comando.

– Sim, senhor – o general disse sorrindo. Estava muito feliz por aquela oportunidade. Os astros deviam ter destinado glórias para seu futuro, pois agora ele comandaria o grande exército babilônico.

– Jerusalém se rendeu – Nabucodonosor lhe contou. – E eu prometi poupar-lhes a vida se não resistirem. Transfira o exército para lá e certifique-se de que tudo seja devidamente arranjado.

– Quantos reféns vai querer, senhor? – perguntou o general.

– Dez mil. Dentre os príncipes, artesãos, oficiais e escrivães. Não esvazie a cidade, claro, mas traga-me os melhores – Nabucodonosor fez uma pausa enquanto fazia alguns planos. – Trate-os bem, pois eles me podem ser úteis.

– Quando o senhor se vai, Majestade?

– Dentro de uma hora. – Ele se virou e fez uma pausa. – Teremos que

esquecer o Egito por enquanto; então, quando terminar em Jerusalém, traga o exército para a Babilônia. Se meus irmãos me derem algum tipo de trabalho, vou precisar de vocês. Se não... Bem, as tropas já lutaram muito este ano.

– Que os deuses o acompanhem, senhor! – disse o general enquanto batia continência.

A notícia da rendição do rei Jeoaquim se espalhou por Jerusalém, disseminando o terror. Muitos fugiram da cidade ou se esconderam em cavernas ou qualquer outro lugar que servisse de refúgio para o derramamento de sangue que um exército vitorioso traz. Os reis não pagavam muito aos seus exércitos. Os soldados esperavam conseguir algum dinheiro saqueando as cidades e vilas que conquistavam

– Por que o rei Jeoaquim se rendeu? – protestou Misael. Os três amigos haviam se juntado à família de Daniel na despensa que ficava embaixo da casa deles. Gotas de suor brotavam de sua testa e escorriam para a ponta do nariz. – Ele não sabe que os babilônios massacram a quem capturam?

– E estupram as mulheres, arrancam a pele das pessoas ainda vivas e roubam tudo que é de algum valor – Hananias acrescentou. – Sim, Misael, ele sabe.

O som de uma trombeta soou ao longe, anunciando a ordem para abrir os portões.

– Não tenham medo! – Daniel não tinha perdido seu sorriso. Mesmo no meio de uma crise ele permanecia em paz com Deus e consigo mesmo. – Lembram-se do que Jeremias nos ensinou? Que Deus diz: "Aos que Me honram, honrarei."[4]

– Tem razão, Daniel – suspirou Hananias enquanto coçava a barba. – Nossos pais nos ensinaram a confiar nEle sempre. Acho que este é o momento de seguir seu conselho.

Daniel fez sinal para que todos ficassem em silêncio.

– Vamos fazer um pacto com Deus e uns com os outros de sermos fiéis a Ele, não importa o que aconteça.

– Certo – concordaram os outros.

A tensão se dissipou e a família partilhou as promessas aprendidas nas Escrituras. Misael tentou sorrir conforme sentia seus músculos relaxarem.

Os guardas do Portão Leste moveram as barras de proteção e começaram a abrir as pesadas portas. Mas, quando viram o enorme exército babilônico pronto a avançar, fugiram, permitindo que o inimigo cumprisse sua tarefa.

Guerreiros ferozes invadiram a cidade, prontos a enfrentar qualquer inimigo. Mas encontraram a cidade deserta, exceto por alguns poucos animais.

Destemidos, procuravam em todas as casas. Sabiam de todos os prováveis esconderijos e logo encheram as ruas de pessoas arrancadas de suas casas. Os guardas os colocavam em fila para que os oficiais pudessem escolher os reféns. Embora grosseiros e arrogantes, não machucaram ninguém, exceto os que ofereciam resistência, mas arrebanharam milhares até a praça da cidade dentro do Portão Leste, formando grupos para a longa viagem até a Babilônia.

A família de Daniel não se mostrou surpresa ou resistente quando dois soldados invadiram seu esconderijo e fizeram sinal para que voltassem à superfície. Eles cobriram os olhos por causa do sol e foram para a rua, descobrindo que os babilônios já tinham capturado todos os seus vizinhos

– Entendem o que eu lhes disse? – Daniel cochichou. – Deus nos protegeu. Embora estejam saqueando as casas, parece que não estão machucando ninguém.

Jeremias estava no alto do muro norte, assistindo com tristeza a cena dos grupos de reféns que começavam sua jornada para a Babilônia. Entre os cativos, ele pôde ver alguns dos mais promissores jovens da cidade. Alguns puderam levar suas esposas, mas a maioria viajava sozinha. Os invasores também tinham escolhido aleatoriamente alguma bonita moça para se tornar concubina do rei ou de algum nobre. As mulheres viajavam em carroças puxadas por bois.

Foi então que Jeremias avistou Daniel e seus três amigos entre os cativos. A inteligência incomum de Daniel, sua beleza e devoção a Deus teriam feito dele um grande candidato a uma posição de liderança na nação judaica. Mas, agora, ele provavelmente morreria em algum calabouço, ou então se tornaria escravo em alguma indústria de arte da Babilônia.

Os olhos do profeta se encheram de lágrimas ao pensar em tamanha injustiça.

– Por que permitiste que levassem Daniel? – chorou em oração. – A maioria dos reféns é pagã, mas Daniel...

Ele enxugou as lágrimas com o dorso da mão e se virou para olhar um movimento diferente atrás de si. Sua cabeça começou a latejar ao ver soldados babilônios se aproximarem do templo. Um sacerdote tentou impedi-los, mas eles o empurraram para longe, invadindo o recinto sagrado. Logo depois, saíram com os braços carregados de objetos de ouro e prata.

Dentro de algumas horas, os caldeus desapareceram em direção ao norte, levando seus reféns. Jeremias nunca mais veria Daniel e seus amigos. E os vasos do templo logo serviriam de altar para algum deus pagão.

–Vamos pegar a rota do deserto[5] – Nabucodonosor gritou para seu guarda pessoal enquanto subia em sua carruagem. – Devemos fazer a travessia em três ou quatro semanas.

– Sim, senhor – respondeu o general. – Tenha cuidado. Muitos já se perderam na aridez do deserto.

– Isso sem falar na falta de água.

– O guia me disse que encontraremos poços todos os dias. Há tamareiras nos oásis que nos darão um pouco de comida extra.

– Que os deuses o acompanhem, senhor. – O general se ressentiu por não ter conseguido convencer o príncipe a desistir da perigosa jornada. Ele se curvou e se afastou para que o grupo seguisse adiante.

– Saiam do caminho! – ordenou Nabucodonosor. Ele deu uma

olhada no comboio enquanto sua carruagem seguia em frente. O rei havia selecionado seus melhores guerreiros, homens corajosos e leais, que tinham provado inúmeras vezes que poderiam sobreviver a todo tipo de situação. Esse grupo o protegeria dos homens do deserto e lutaria com ele na Babilônia, caso encontrasse alguma resistência.

Deixando o exército em Sim, a pequena tropa seguiu pelo mar Mediterrâneo, passando por Gaza e ao norte das montanhas de Judá. Passaram bem perto de Jerusalém, cruzando o vale do rio Jordão e depois seguiram rumo à terra dos amonitas e de Quedar.

Os cavalos galopavam com os passos calculados, a fim de que viajassem mais tempo sem se cansar. Os homens andavam bem próximos, prontos para qualquer situação de emergência. As espadas estavam sempre ao alcance. Os arcos e flechas ficavam pendurados em seus ombros e as lanças presas nas selas ou carruagens, bem ao alcance das mãos.

Sentinelas iam cerca de cinco quilômetros à frente para avisar se havia alguma emboscada pelo caminho. Outros ficavam cerca de um quilômetro atrás da tropa, a fim de prevenir algum ataque surpresa.

O grupo real passava em um oásis a cada dez ou doze horas. Quando isso acontecia, alimentavam os cavalos e lhes davam água para beber. Depois, descansavam sob as palmeiras e comiam tâmaras ou outro alimento que encontrassem. Queriam que suas paradas coincidissem com a noite, mas nem sempre isso era possível.

Nabucodonosor estava muito agoniado por sua situação. Ele havia reconquistado a Palestina e destruído parte do exército egípcio, perseguindo o grande faraó em sua toca, e estava pronto a espalhar o terror que atingiria o Egito sob o domínio da Babilônia. Porém, tudo tinha sido em vão.

Seus pensamentos se embaralhavam. O pesar pela morte de seu pai se misturava à frustração pela campanha não terminada da conquista do Egito e à sua raiva pela evidente traição dos seus irmãos.

Depois de três semanas, os cansados soldados pisaram no solo da Mesopotâmia, perto do rio Eufrates, em Anate. Embora estivessem exaustos, continuaram em direção a Babilônia. Os sentinelas ficavam ainda mais alertas, pois um ataque surpresa àquela altura poderia resultar em morte prematura para todo o grupo.

A tensão aumentava conforme a tropa se movia adiante. Não havia tempo para descanso, pois a velocidade era a única esperança de sucesso. Eles seguiam pelas estradas menos movimentadas, tentando ocultar sua presença até o último minuto.

Já podiam avistar Babilônia no horizonte: linda e próspera, situada sobre um monte de ruínas que estavam em construção havia dois mil anos. A torre central do templo emergia majestosamente entre os arredores – era chamada de "Etemenanki", construída com base na Torre de Babel e usada como o templo do principal deus babilônico: Marduque. Os muros e prédios da cidade brilhavam sob os últimos raios do sol, e seus tijolos de vidro espelhavam tons de azul, amarelo, rosa e vermelho. Ainda não tinham encontrado resistência.

– Vamos chegar lá! – Nabucodonosor tentou não relaxar por ver o prêmio logo à sua frente. – Fiquem atentos para emboscadas nos portões da cidade. Coragem, homens! Se ganharmos o dia, todos serão recompensados.

Com as armas em punho, seguiram rumo aos portões abertos, com os escudos prontos para se defender de possíveis flechas vindas dos muros, pois faltavam apenas poucos metros para adentrarem a cidade. A bandeira de Nabucodonosor flamejava em uma lança nas mãos de um dos seus guerreiros.

Uma trombeta soou na torre de vigilância, fazendo com que os cavaleiros se aprontassem para a batalha e apressassem seus cavalos. Apenas alguns metros mais... Nenhum inimigo bloqueava o caminho... Não haviam recebido nenhuma flechada.

A trombeta voltou a soar. Nabucodonosor passou bem perto do posto do trombeteiro e reconheceu o ritmo.

– Parem! – gritou. – Permaneçam onde estão!

Os soldados exaustos obedeceram sem pestanejar, dominaram os cavalos e aguardaram novas ordens. Olharam rapidamente de um lado para o outro, atentos a algum perigo iminente. Seus nervos estavam tensos, prontos a defender o príncipe herdeiro.

– Avancem num desfile real! – Nabucodonosor gritou.

Os homens confusos obedeceram, movimentando-se a passos calculados pelo Caminho das Procissões, enquanto uma multidão

de súditos felizes se acotovelava nas ruas. O som da trombeta tinha anunciado a chegada do rei e a multidão dava as boas-vindas ao seu novo monarca.

---

[1] Palestina e Síria.

[2] Outro nome dado ao Portão Leste. A área do lado de fora desse portão tinha se tornado um depósito de cerâmica quebrada

[3] Jeová é o nome pessoal de Deus usado com frequência por Jeremias e Ezequiel. Significa "EU SOU" ou "o Eterno".

[4] 1 Samuel 2:30.

[5] Um atalho pelo deserto da Arábia, um trajeto cerca de 1.300 km mais curto.

Portal dos Deuses

As alegres boas-vindas que Nabucodonosor recebeu lhe trouxeram lágrimas aos olhos. A morte do seu pai, a exaustiva viagem, o esforço mental e o surpreendente alívio por seus irmãos não terem barrado sua entrada em Babilônia o deixaram tenso, mas cheio de felicidade. Ele saltou para frente dos seus homens, ergueu a lança sobre a cabeça e deu um grande sorriso para seus súditos, que se inclinavam diante dele.

Homens, mulheres e crianças se espremiam para tocar em Nabucodonosor, que conduzia seu cavalo de um lado para outro. Seus cabelos e barba estavam suados, opacos e duros, e as roupas estavam cobertas de poeira. Sua aparência não causava admiração alguma. Mas o povo via mais que um simples homem. Ele era o herdeiro do trono, o próximo rei da Babilônia!

Nabucodonosor estava surpreso com a multidão que atrasava sua chegada em casa. Eles também estavam sujos. Muitos haviam raspado a barba e a cabeça, enquanto outros tinham cortes cheios de sangue nos braços e cabeça. A maioria havia se coberto de pó e cinzas.

Cinzas! A mente cansada de Nabucodonosor finalmente solucionou o enigma: eles também estavam de luto pela morte do seu pai, o rei deles.

Acenando sua lança, o príncipe herdeiro se dirigiu para o portão do palácio, que ficava do lado direito da avenida. As portas estavam abertas e os pátios transbordavam a nobreza que aguardava seu novo líder.

Vestindo o manto real, Nabucodonosor estava em pé na sala do trono. O enorme salão – que media cerca de 50 metros de comprimento por 17 metros de largura – era como o Lugar Santíssimo para os babilônios. A fachada feita de tijolos vitrificados tinha um fundo

negro decorado com arranjos de flores amarelas e brancas. As colunas verdes e vermelhas tinham letras em três tons de azul no topo, tudo contornado com ouro. Uma fileira de leões deitados aumentava o efeito de grandeza.

Os nobres, cortesãos e guarda-costas que cercavam Nabucodonosor pareciam aliviados por sua volta em segurança. Regozijavam-se com o fato de que um jovem tão competente estivesse pronto a assumir a liderança do império ascendente que seu pai havia construído.

O príncipe herdeiro analisou visualmente os homens que apoiavam sua causa: oficiais da corte e do exército, nobres caldeus e imperadores e reis de várias nações conquistadas. A maioria seria considerada bonita, já que os governadores apreciavam a beleza como um dos mais importantes traços de sua alta posição social.

Embora tivesse apenas 18 anos, Nabucodonosor já havia aprendido a julgar o caráter das pessoas e também aquilo que as movia. Naquele momento, buscava em cada rosto algum traço de hostilidade. Ele ainda queria saber por que seus irmãos não haviam lutado pelo trono.

Será que eles se sentem ameaçados por mim?, pensou. Ele os olhava enquanto conversavam com outros oficiais e amigos, encorajando seu desejo por controle. *Não faz sentido*, pensou. *Eu lutaria até a morte pela coroa. Talvez os rumores sobre eles estivessem errados.*

Não viu más intenções quando eles se aproximaram dele. Também não pareciam invejá-lo e não havia nenhum tipo de enganação ao lhe desejarem sucesso. *Devo dar-lhes uma boa recompensa*, decidiu. *Eles guardaram o trono para mim.*

Os irmãos de Nabucodonosor não lutaram sozinhos para preservar o trono para ele. Muitos nobres caldeus agiram com base nas instruções de seu pai, a fim de desencorajar outros de assumirem o controle do governo. Eles arriscaram a própria vida ao anunciarem publicamente que Nabucodonosor tinha sido escolhido como sucessor ao trono.

A coroação na Babilônia acontecia anualmente no Ano-Novo, 1° de Nisan (22/23 de abril). Mas quando um rei morria, o povo coroava o novo rei o mais rápido possível e o restabeleciam ao cargo a cada ano-novo.

A hora da coroação se aproximava e o elegante desfile de nobres e oficiais levou o príncipe herdeiro para a área sul do Caminho das

Procissões, em direção a "Esagila" – o templo sagrado. A rua era pavimentada com betume e asfalto natural, e alguns tijolos enfeitavam o caminho. Muitos tijolos tinham a inscrição de Senaqueribe, o terrível rei da Assíria do tempo de Ezequias. Em cada lado da rua, por aproximadamente 180 metros, corria um mural azul esmaltado com 60 leões multicoloridos em cada lado.

A cerca de 800 metros ao sul do palácio, os nobres estavam em fila, adentrando o pátio da famosa torre da Babilônia, que ficava perto do templo do principal deus dos caldeus, Marduque, também chamado de Bel (deus do céu e da terra). Milhares de pessoas estavam no local e outras tantas lotavam as ruas à volta, esticando o pescoço para dar uma olhadinha no novo rei. Centenas de sacerdotes caminhavam entre a multidão, cada um cumprindo sua parte na cerimônia.

Os espectadores ficaram em silêncio quando viram um pequeno grupo subindo os degraus em forma de pirâmide, que levavam à torre de 90 metros de altura. Dois sacerdotes vestidos de preto iam à frente do grupo. Um dos nobres ia logo atrás deles, carregando a coroa do rei da Babilônia. Nabucodonosor os seguia e depois dele vinham outros sacerdotes e oficiais.

O grupo subiu devagar, fazendo pequenos intervalos para que os sacerdotes cantarolassem palavras de feitiçaria. Quando chegaram ao topo, os nobres se alinharam em duas fileiras, enquanto Nabucodonosor se ajoelhava para receber a coroa das mãos do sacerdote. O prelado ergueu a belíssima coroa e então a colocou sobre a cabeça do jovem ajoelhado à sua frente. Em voz alta, o homem determinou que Nabucodonosor fosse sempre íntegro em sua posição e depois movimentou a mão sobre o novo rei.

Nabucodonosor se levantou e olhou para a cidade e seus arredores. Na verdade, era um deserto, mas depois de irrigada a área se tornara produtiva. Contudo, somente um governo muito forte seria capaz de manter aquele sistema de canal extensivo, necessário para assegurar a prosperidade local – um grande desafio para alguém tão jovem.

O jovem rei voltou os olhos para a metrópole sob seus pés. Babilônia, a cidade de ouro, a glória de toda a Terra. Agora pertencia a ele. Seu olhar acariciou o palácio, os muros, os templos, a multidão

que se espalhava pela base da torre. Sentiu o coração acelerado diante daquela visão. *Estas pessoas dependem de mim,* pensou, sentindo o peso da liderança sobre seus ombros. *Merecem o que tenho de melhor para dar. Sim,* determinou, *prometo transformar esta cidade na mais grandiosa de toda a Terra, assim como governar este povo com justiça e respeito.*

Virou-se novamente para os sacerdotes e nobres. O sumo sacerdote se aproximou, citando frases ritualísticas numa língua antiga que não era compreendida pelas pessoas comuns. Com grande pompa, balançou a mão formando um arco, batendo no rosto de Nabucodonosor com tanta força que o novo rei quase perdeu o equilíbrio. O golpe doeu. Lágrimas começaram a correr em sua face.

O sumo sacerdote olhou para o rosto do rei, viu suas lágrimas e sorriu. Indo em direção à borda da escadaria, levantou a mão e gritou:

– O rei está chorando! Bel vai nos agraciar no ano vindouro!

Nabucodonosor sorriu para si mesmo, enquanto enxugava as lágrimas com um lenço. Desceram as escadas e ele se dirigiu para o templo de Marduque, onde adorou a maior divindade da cidade. Então, saindo da casa de Bel, levantou a mão e recebeu os aplausos de seus súditos. Um grande brado veio de milhares de vozes ali presentes e o povo se curvou diante de seu novo monarca, o rei Nabucodonosor, da Babilônia.

– Parece um sonho! – disse Nabucodonosor para o mordomo principal no dia seguinte à coroação. O oficial caldeu tinha servido ao rei Nabopolasar e era como um segundo pai para o príncipe herdeiro. – Durante toda a longa viagem pelo deserto, pensei que teria que lutar com meus irmãos pela coroa.

O chefe de Estado curvou a cabeça.

– Que meu senhor, o rei, viva eternamente! – Ele citou o cumprimento oficial requerido de todos. – Eles compreenderam que seu pai o nomeou seu sucessor. Além disso, o senhor é um guerreiro. Todos sabiam que, se houvesse uma batalha, o senhor venceria.

– Bem, eles foram sábios. Certifique-se de que todos recebam cargos de honra. – Nabucodonosor passou os dedos sobre seu elegante traje de linho azul, enquanto pensava. – Também quero recompensar sua lealdade. Certifique-se de que os outros governantes caldeus também sejam recompensados.

Sim, obrigado, senhor. – O chefe de gabinete ia saindo, mas se voltou novamente para o belo e jovem rei. – Mais alguma coisa, senhor?

– Sim. Preciso ver os decretos do meu pai e também gostaria de ver seus planos de construção.

Em alguns minutos os arquitetos chegaram, trazendo consigo as plantas dos projetos propostos pelo último rei. Alguns servos trouxeram uma mesa e Nabucodonosor ficou muitas horas curvado sobre as plantas.

– Seu pai, o rei Nabopolasar, pediu-nos que reconstruíssemos a torre do templo – o arquiteto-chefe explicou, apontando para os rascunhos detalhados. – Já fizemos alguns progressos, mas ainda há muito o que fazer.

– Notei seu trabalho ontem disse o rei. – E estou feliz com o artesanato. Também gosto do que estou vendo aqui disse, passando as mãos sobre os desenhos. - Terminem toda a construção que meu pai queria, exatamente como está descrita aqui.

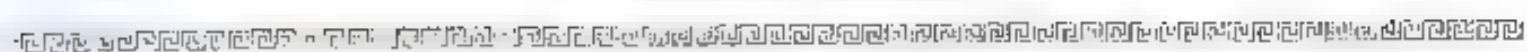
Os oficiais sorriram uns aos outros, pois a aprovação do rei ao seu trabalho lhes renderia muitos contratos

Nabucodonosor deixou as plantas de lado e se sentou em seu trono, perdido em seus pensamentos por alguns minutos. *Quero fazer muito mais que isso.* Ele parou e coçou a barba negra *Esta cidade está muito lotada. É muita gente em pouco espaço. Isso causa problemas de higiene.*

– Precisamos expandir... Talvez construir uma nova cidade do outro lado do rio.

– Boa ideia, senhor – concordou o arquiteto-chefe. – Vamos começar a trabalhar nisso imediatamente.

– Minha esposa, a princesa da Média, Amuhia, continuou o rei cresceu nas montanhas e sente falta de algo que lembre sua terra natal. Mas nossas planícies não têm montanhas! – Ele ergueu as mãos exasperado, o que causou riso entre os cortesãos. Talvez possamos construir um grande terraço coberto de árvores, arbustos e flores – imaginou. – Talvez possamos construir nossa própria montanha, e assim ela se sentirá em casa aqui.

Os escrivães do rei pressionavam suas agulhas de metal sobre as tábuas de argila amolecida, escrevendo tudo o que o rei dizia Não

era difícil acompanhar o ritmo, já que ele sempre fazia pausas entre seus pensamentos.

— Toda essa construção custará caro. — O jovem coçou a cabeça. — Mas então... Ele fez outra pausa. Estamos conseguindo muitas riquezas com as guerras. Isso deve ajudar. A Babilônia é a origem, o centro de todas as terras, senhores, o umbigo do mundo. Queremos fazer dela a maior de todas as cidades, para fazer jus ao nome pela qual é chamada: PORTAL DOS DEUSES.

Nabucodonosor trabalhou com os arquitetos noite adentro, traçando outros projetos de construção.

— A Porta de Ishtar se tornou muito pequena — ele notou. — Rebaixem a rodovia e reconstruam as fundações. Fortaleçam-na com muros duplos. Redecorem todo o portão com friso pavimentado com bois e dragões. Importem cedro para o teto e as portas. Revistam-nos de cobre e façam a soleira da porta e as dobradiças de bronze. Quero que este portão impressione a todos que vierem à cidade. Ah, sim, gravem meu nome em todos os tijolos novos. Não quero que ninguém se esqueça de que eu tornei esta cidade a maior de toda a Terra.

Dias depois de sua coroação, Nabucodonosor encarregou seus oficiais mais confiáveis de tomar conta da cidade. Então, juntou seu exército e marchou em direção ao norte. Agora era o momento de consolidar sua vitória sobre a Síria e a Palestina, coletando os tributos e impostos necessários para financiar seu gigantesco projeto de construção.

Jerusalém tinha sido humilhada. Pequenas batalhas tomaram conta do lugar e alguns morreram durante a tomada da cidade. Mas era a humilhação de ter de se curvar diante de um inimigo pagão que enchia o coração de todos de pesar. Para mostrar seu grande desespero, pessoas perambulavam pelas ruas vestindo sacos e jogando cinzas na cabeça.

Ai, que humilhação — a mãe de Daniel murmurou enquanto esperava com os outros na rua, vigiados por seus captores. — Como fomos chegar a esse ponto? Ela olhou para seu belo filho com lágrimas nos olhos. — Eu confio que Deus vai mudar essa situação. Eu lhe

dei o nome de "Deus é meu juiz" por acreditar que Ele defende Seu povo dos inimigos.

– Deus é nosso juiz, mãe. – Daniel a abraçou, movimentando-se lentamente para evitar que os guardas percebessem. – Ele vai nos proteger. Mas a senhora sabe que o povo de Israel O abandonou. Os profetas nos alertaram de que isso poderia acontecer. Sofreremos muitos insultos por causa dos pecados da nossa nação. Mas Jeová abençoará aqueles que confiam nEle.

– Tem razão, filho.

– Você! – Um soldado babilônio agarrou o braço de Daniel, arrastando-o em direção ao Portão Leste. – Você também. – Apontou para Hananias. – E você, e você – disse, apontando para Misael e Azarias. Daniel só teve tempo de mandar um rápido beijo para sua mãe, antes que os guardas os reunissem na rua como se fossem animais.

– Para onde estão nos levando? – arfou Misael, enquanto tropeçava entre os cativos assustados.

– Para a Babilônia – Hananias falou com o rosto tenso. – São conhecidos por levarem os membros da realeza como reféns.

– Mas como sabem... – Misael entendeu a resposta antes mesmo de terminar a pergunta. A realeza se vestia de maneira diferente, a fim de que pessoas comuns lhes mostrassem respeito. Esse costume era bom tanto para a família real quanto para o povo, pois tornava a sociedade mais organizada. Mas naquele momento o costume não ajudou os nobres, pois os deixava em evidência, como uma espécie de marca registrada. O antigo hábito de fazer os membros da realeza como reféns garantia que a nação conquistada pagasse seus impostos em dia, a fim de proteger a vida daqueles a quem amavam.

Os guardas reuniram todos para a longa marcha até a Babilônia. Os soldados obrigaram todos a tirar as sandálias e a cobertura da cabeça. Depois, ataram correntes e cordas em seus pulsos ou tornozelos, formando uma longa fila.

Os que resistiam eram algemados com as mãos para trás, o que deixava os ombros muito próximos um do outro, uma posição extremamente desconfortável. Os que cooperavam eram amarrados por apenas um dos pulsos, o que lhes dava certa liberdade.

As filas começaram a se mover para fora do Portão Leste. Eram cinco ou seis filas alinhadas, cruzando o Vale de Cedrom. Viraram à esquerda e deram a volta no lado norte do Monte das Oliveiras. Passaram às margens do Mar da Galileia e pegaram a estrada em direção a Damasco, um paraíso que ficava ao lado do rio Abana. Tanto os soldados babilônios quanto os escravos pararam para descansar da rigorosa jornada.

Depois da curta pausa, os dez mil prisioneiros passaram por Helbom, Zedade, Hamate e continuaram até Carquemis, no rio Eufrates, caminhando quase 650 quilômetros em um mês. Durante a longa jornada, seus pés primeiramente criaram bolhas, depois racharam e, por fim, se tornaram em carne viva. Contudo, a essa altura, a maioria já tinha sarado e calejado. Alguns cativos desmaiavam de exaustão e eram abandonados pelos guardas para que morressem. Alguns eram resgatados por viajantes amigáveis, mas a maioria morria sozinho.

– Não temam – Daniel encorajava seus amigos. – Isaías falou sobre isso, lembram-se? "Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel."[1]

– Não queremos ouvir isso – disse um cativo que estava ali perto. – Onde está Deus agora? Ele não nos salvou desta desgraça. Nabucodonosor roubou até o véu do templo! Deus não consegue proteger nem mesmo a casa dEle. Ele abandonou Seu povo!

– Isso parece mesmo muito ruim – respondeu o jovem príncipe. – Mas os profetas nos avisaram que isto aconteceria se não nos arrependêssemos e voltássemos para Deus. Mas, se confiar nEle, Ele lhe dará paz, mesmo que esteja acorrentado a uma carruagem babilônica.

– Eu queria muito acreditar nisso – murmurou o jovem. – Eu queria me tornar um mercador rico e viajar para lugares exóticos, assim como meu pai. Mas, agora, vou acabar numa masmorra, como escravo de algum governador pagão.

– Mas você está viajando e vendo lugares exóticos – Daniel o reprovou. – Se confiar em Deus, todos os seus sonhos também se realizarão.

– Você acha mesmo?

– Não posso garantir, pois não sou profeta. Mas Deus disse: "Aos que Me honram, honrarei."[2] E Isaías prometeu: "Tu, Senhor, conservarás em

perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em Ti."[3] Então, se confiar em Jeová, não importa o que aconteça, você terá paz em seu coração. Isso não é bom?

– É, parece bom, sim – replicou o outro jovem pensativo.

Os cativos gostaram de atravessar o vau de Carquemis, pois a água fria aliviava a dor dos músculos cansados e abrandava o calor.

– Deixe que se divirtam – disse um dos oficiais. – Nabucodonosor quer que cheguem com boa saúde e ainda temos um longo caminho pela frente.

– Estamos caminhando há dois meses – disse Misael enquanto limpava o suor da testa. – Será que ainda falta muito para chegarmos a Babilônia?

– Deve estar chegando – respondeu Hananias. – Os guardas têm falado muito sobre a casa deles. Não deve estar muito longe.

Eles viajaram durante muitos dias, passando por bosques de palmeiras, campos e pequenas vilas, sempre parando para descansar um pouco. As rodovias principais formigavam com o tráfego de comerciantes, mensageiros em cavalos, carroças, carruagens e fazendeiros. Alguns vaiavam os exilados e lhes diziam palavras obscenas, mas a maioria apenas mostrava certa curiosidade.

Quando os cativos avistaram Babilônia, ficaram estupefatos com seu tamanho. Jerusalém era bem pequena em relação a Babilônia. Muros duplos com sistema de canal de água, inúmeras torres e enormes portões cercavam a cidade.

Uma grande multidão se aglomerava no Caminho das Procissões para ver o exército conquistador e seus cansados prisioneiros.

Ao se aproximarem da Porta de Ishtar, os cativos passaram por um estreito canal de paredes defensivas muito compridas. As paredes pareciam dançar por causa dos muitos tijolos com desenhos de animais. Cada figura tinha sua própria cor distintiva: os búfalos amarelos tinham pelos azuis e cascos e chifres verdes; os leões brancos tinham jubas amarelas; os leões amarelos tinham jubas vermelhas; os dragões tinham caudas

e cabeças amarelas, corpos cheios de escamas e pés de águias ou de gatos. Todos os animais eram desenhados em cima de um fundo azul.

Dentro dos portões, os cativos passaram pelo templo de Ninmah, deusa-mãe, com suas torres e entalhes verticais. Enquanto seguiam o Caminho das Procissões, iam encontrando outros templos, mas admirar não fazia parte do itinerário deles. Em vez disso, foram arrastados para o pátio do palácio, dentro da Porta de Ishtar. O enorme pátio não suportava todos os cativos ao mesmo tempo; então, muitos tiveram que esperar na rua enquanto os guardas os distribuíam em diferentes prisões.

– Que lugar triste! – Hananias comentou enquanto desciam os degraus em direção a um calabouço sob o palácio principal.

– Ao menos aqui não tem sol – suspirou Azarias.

Um guarda os interrompeu. Ele falava um pouco de hebraico e massacrava as palavras que usava.

– Paz vocês, rapazes – disse, demonstrando alegria. – Eu estar feliz ver vocês. Escutar uma coisa. Vocês fizer problema, nós cortar sua pele vivo. Entender? Não fazer problema, ter longa vida.

Os carcereiros empurravam os prisioneiros por corredores escuros e os enfiavam em pequenos cubículos. Um guarda empurrou Daniel com tanta força que ele perdeu o equilíbrio e caiu por cima de uma pilha de palha mofada que estava jogada num canto. Um rato correu para se esconder quando Daniel se movimentou para recuperar o equilíbrio.

Daniel fez um esforço para tentar enxergar alguma coisa na turva luz da cela. Enquanto isso, seus três companheiros eram lançados dentro do cubículo. A porta foi trancada atrás deles. As paredes eram feitas de tijolos queimados, colocados tão juntos um do outro que seria impossível cavar através deles. O pequeno buraco no alto da parede permitia que entrassem no recinto alguns raios de luz e um pouco de ar. Ele sentiu uma onda de náuseas causada pela mistura do cheiro de suor, urina e esgoto que permeava o lugar. Mas foi o barulho dos ratos que o fez sentir arrepios, pois sabia que teria que dormir no mesmo nível que eles.

Os quatro jovens se assentaram em sua palha podre, todos em silêncio. As maldições dos outros prisioneiros enchiam o ar e o som de alguém vomitando só aumentava as náuseas que sentiam.

– Vamos morrer aqui! – exclamou Misael. – Não conseguiremos sobreviver uma semana neste lugar.

Hananias colocou o indicador nos lábios de Misael.

– Psiu. – As lágrimas corriam por seu rosto. – Só morreremos se for da vontade de Deus. Mas eu creio... – ele limpou as lágrimas com a manga da roupa. – Creio que Ele nos susterá.

– Era exatamente o que eu ia dizer – acrescentou Daniel. – "Não temas, porque Eu sou contigo" –, ele começou a citar e os outros o seguiram. – "Não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel."[4]

A cela parecia ter ficado um pouco mais clara, os ratos ficaram quietos e as náuseas começaram a diminuir.

---

[1] Isaías 41:10

[2] 1 Samuel 2:30.

[3] Isaías 26:3

[4] Isaías 41:10

Conflitos

As trombetas tocaram a saudação real, pois o rei Nabucodonosor tinha voltado da guerra. A cidade estava cheia de soldados e civis felizes e maravilhados pelo tamanho do exército que se aproximava. Se fosse um inimigo, teriam entrado em pânico. Mas, em vez disso, estavam cheios de orgulho.

O tamanho do exército irradiava poder. Estandartes coloridos e brilhantes flutuavam sobre o batalhão triunfante, erguidos pelas lanças dos soldados. Mas os olhares dos espectadores estavam todos focados no veículo ornamentado que ia ao centro da multidão efervescente. Puxado por oito belos cavalos brancos, que se destacavam de todos os outros, o trono portátil transportava o rei da Babilônia. O carro real tinha uma liteira ornamentada com franjas, cheia de símbolos ritualísticos e de batalhas anteriores. Nabucodonosor, vestido em trajes reais, desfilava na miniatura de castelo sobre rodas, cercado por dezenas de servos.

Milhares de pessoas aclamavam a chegada do anfitrião e também procuravam por seus queridos que haviam partido com ele. A tropa respondia àquela alegria com cânticos de guerra. "Nabucodonosor, o magnífico que conquista a tudo e a todos!" "Babilônia, o orgulho das nações, reinará soberana!" "Que o grande deus Marduque subjugue todos os seus inimigos!" O barulho feria os ouvidos de todos, mas a animação sobrepujava qualquer dor; então, ninguém queria parar de cantar. O rei Nabucodonosor havia voltado para seu povo. A grande Babilônia tinha mais uma vez provado ser vitoriosa!

Nabucodonosor recebeu uma sanção divina das mãos do deus Marduque no festival de ano-novo seguinte. O sumo sacerdote mais uma vez o estapeou, trazendo lágrimas aos seus olhos, e novamente o prelado pronunciou a bênção de Marduque para o ano vindouro.

O rei presenteou os sacerdotes com troféus coletados em sua campanha de guerra. Entre eles havia utensílios de ouro, de prata e de metal roubados do templo de Jeová em Jerusalém. Eles seriam expostos num museu conhecido como "A Casa do Tesouro de Esagila".

Nabucodonosor se retirou para seu palácio – um vasto complexo de prédios, rodeado pelo Caminho das Procissões, pelo rio Eufrates e pelo Canal de Libilhegalla. Na entrada do palácio, leões de basalto guardavam o Portão de Beltis, que dava no pátio leste. Essa área, a primeira de cinco cortes que levavam à sala do trono, borbulhava com atividades incessantes. Em volta dos pátios estavam os postos do exército, os escritórios governamentais, os quartos privativos e o harém real.

No pátio principal, um grande grupo de nobres estava reunido em volta de Nabucodonosor, que tinha trazido seus prêmios mais valiosos: artigos de ouro e prata, joias, peças de madeira e marfim entalhadas e outras obras de arte recolhidas durante os ataques à Síria e à Palestina. Todos os objetos ficariam expostos no museu do rei.

Como ele tinha ficado fora por vários meses, havia muitos assuntos importantes que exigiam sua atenção – rixas entre nobres ricos, casos muito difíceis para os juízes menores, discussões sobre impostos e execuções criminais. Nabucodonosor ficou submerso nos assuntos do Estado por muitas semanas, o que o deixou exausto.

– Este é um negócio muito importante – disse ele ao mordomo-chefe certo dia enquanto descansava entre um assunto e outro. – Mas é muito mais exaustivo que as campanhas de guerra.

– Com certeza, senhor.

– Agora entendo por que a maioria dos reis gasta a maior parte do seu tempo travando guerras. – Nabucodonosor desceu os degraus do trono e vagueou pelo pátio, examinando seus últimos troféus. – O combate é muito mais excitante que esses dias na corte.

– É verdade – concordou o mordomo. – Mas a guerra traz dor e sofrimento. Já o seu trabalho aqui trouxe paz a muitos corações angustiados

– Você acha? – O rei parecia surpreso.

Claro que sim, senhor. A quem este povo pode recorrer para resolver seus problemas senão ao senhor, ó grande rei? E quando o senhor chega a uma conclusão, o problema está resolvido. Assim, o povo pode gastar seu tempo e energia em coisas mais construtivas.

– Sábias palavras – meditou o jovem monarca. – Nunca tinha pensado nisso desta forma.

– Se lhe agrada, meu rei. – O mordomo fez uma mesura.

– Continue.

– Às vezes, a guerra é necessária para defender nossa gente ou para punir nações ofensoras, além de arrecadar tesouros para os cofres reais. Mas pense que grande bênção seria para o povo se seu rei pudesse encontrar maneiras pacíficas de resolver disputas internacionais e gastasse seu tempo melhorando sua própria nação, encorajando seu povo e fortalecendo-o.

– Você me mostrou muitas coisas novas em que posso pensar – respondeu o rei enquanto fazia sinal para que um servo mandasse o próximo caso entrar na sala.

Aspenaz Nabucodonosor chamou o chefe dos eunucos à sua presença.

O homem se curvou, caminhou até chegar ao trono e então voltou a ficar em pé.

– Que o rei viva eternamente!

– Verifique os prisioneiros no calabouço – começou o rei. – Selecione os que tiverem sangue real e que não tenham nenhum defeito físico. Devem ser bonitos, inteligentes e ter conhecimentos políticos e científicos. Traga-me somente os melhores. Quero treiná-los para trabalharem para mim.

Sim, senhor. – O oficial saiu da corte e se dirigiu para o calabouço. Ele sabia o que procurar, pois já havia escolhido muitos prisioneiros para preencherem posições burocráticas na Babilônia.

Acompanhado por alguns guardas e portadores de tochas, Aspenaz foi a cada cela podre do calabouço, examinando os homens e escolhendo

aqueles que estavam de acordo com os padrões do rei. Ele detestava o cheiro daquele lugar, mas tentou ignorá-lo, a fim de cumprir sua tarefa.

Já estava trabalhando havia mais de uma hora quando chegou a uma cela onde o chão tinha sido varrido. Os quatro homens ali dentro, embora estivessem vestidos com trapos tão imundos quanto todos os outros, estavam em pé, com as roupas ajeitadas da melhor maneira possível. *Que comportamento estranho para quem está num calabouço!*, pensou.

– Quais são os nomes de vocês? – Aspenaz perguntou num hebraico perfeito, uma das muitas línguas que falava.

– Daniel, senhor – ele sorriu e se curvou com educação. – Sou da casa real de Judá.

Aspenaz mal podia controlar seu espanto. Aquele jovem tinha sido arrancado de sua casa, viajado mais de mil quilômetros, fora trancafiado numa cela como se fosse um animal selvagem e ainda assim mantinha sua dignidade.

– E vocês? – Ele apontou para os outros.

– Hananias.

– Misael.

– Azarias.

– Eles também pertencem à família real judaica – acrescentou Daniel.

O oficial do governo observou o quarteto por um instante e então falou em aramaico com o guarda da prisão:

– Limpe-os, vista-os e leve-os para o pátio leste amanhã bem cedo.

– Como desejar, senhor.

O chefe dos eunucos continuou sua jornada, mas não conseguia esquecer aqueles quatro reféns cheios de dignidade.

– Nunca vi nada parecido – pensou alto enquanto saía da prisão. – Que homens impressionantes! Eles serão de grande utilidade para o serviço ao rei.

O sol batia no Caminho das Procissões quando dezenas de prisioneiros se apresentaram no pátio leste. Tinham tomado banho, estavam

vestindo roupas limpas e novas e conseguiam sentir, depois de muitas semanas, um pouco de esperança.

– Que lugar fantástico! – Azarias exclamou depois que seus olhos se acostumaram à luz do Sol. – Vejam todos esses animais estampados nas paredes. Com artistas como estes, por que eles iriam querer os humildes artesanatos de Judá?

– É lindo mesmo – disse Hananias. – Mas acho que eles não foram a Judá por causa das nossas artes e sim pelo nosso ouro.

– Psiu! – Daniel os alertou quando a trombeta soou. – Acho que o rei está vindo.

Nabucodonosor adentrou o pátio, cercado por guardas e oficiais do palácio. Ele não foi direto para seu trono; em vez disso, ficou andando entre os cativos, estudando-os cuidadosamente. De vez em quando, ele parava para observar melhor uma ou outra pessoa.

Quando se aproximou de Daniel e seus amigos, ele parou. Daniel estava na terceira fila e pensou que o rei estava observando o homem à sua frente. Mas não, o olhar do rei estava pousado sobre ele. O jovem prisioneiro ficou um pouco constrangido e teve vontade de desviar o olhar. No entanto, ele não conseguiu desviar seus olhos do rei. *Que estranho!*, pensou. *Nabucodonosor não parece ser muito mais velho que eu.* Suas costas começaram a formigar por causa da expressão facial do rei. De certa forma, o jovem judeu sentiu que eles poderiam ter alguma coisa em comum.

Aquele momento pareceu durar uma eternidade. O grande monarca e o refém continuavam se olhando. Mas o momento passou e o rei continuou a examinar os outros prisioneiros.

Depois que Nabucodonosor se sentou, virou-se para Aspenaz, que estava em pé perto dos cativos, e disse:

– Você escolheu muito bem. Eu aceito a todos.

Então, explicou seu plano para os prisioneiros.

– Selecionei vocês porque acredito que tenham habilidades que possam beneficiar meu reino. – Ele fez uma pausa e conversou baixinho com seu mordomo.

– Eu os escolhi – continuou ele – para que me sirvam em posições de confiança. Hoje, eu os adotarei como membros da família real e

vocês serão tratados como príncipes. Receberão novos nomes para mostrar a grande honra que lhes estou conferindo.Vocês também irão viver no palácio e beberão e comerão da minha própria mesa.

Os cativos não conseguiam acreditar em sua sorte e faziam comentários entre si, gerando um leve burburinho. Então, Aspenaz os olhou com certo desprezo e fez um gesto para que ficassem em silêncio.

– É claro que vocês precisarão ser treinados – disse o rei. – Assim, Rabsaris Aspenaz vai matriculá-los na academia do palácio, onde receberão a mesma educação que os membros da família real. Depois de três anos, eu mesmo vou examinar vocês Os que obtiverem boas notas receberão honras e cargos altos no governo. Espero que deem seu melhor. Que o Grande Marduque os ajude a ter sucesso!

–Vocês ouviram o que o rei disse sobre a comida? – Misael falou quando os quatro amigos chegaram aos seus novos aposentos. O quarto, embora fosse pequeno, estampava os mesmos desenhos pagãos que tinham visto em todo o palácio.

– Sim – disse Hananias. – Eles pretendem nos servir a comida preparada para o rei. Isso deve ser uma grande honra.

– Mas isso quer dizer que... – Misael olhou para a porta a fim de ter certeza de que ninguém podia ouvi-los. – Isso quer dizer que vão servir carne de porco. A Bíblia diz que não devemos comer isso.

– Também nos servirão carne oferecida aos ídolos – acrescentou Azarias. – Se comermos essas coisas, estaremos negando a Deus e adorando aos deuses da Babilônia.

– Ah, e vão servir também uma enorme quantidade de vinho – Hananias lembrou. – Eu acho que a história de Moisés sobre a morte de Nadabe e Abiú mostra o quanto Deus Se desagrada das pessoas que bebem coisas que tiram sua capacidade de raciocinar.

Os quatro ficaram em silêncio por um bom tempo. Eles não estavam mais numa masmorra úmida, mas sua situação estava ainda mais crítica. Embora estivessem numa situação muito mais vantajosa, corriam perigo de perder sua amizade com Deus.

Daniel sorriu diante do dilema dos amigos.

– Lembram-se de que prometemos ser fiéis a Deus em qualquer situação?

– Sim – os outros responderam em coro.

– Agora chegou a hora de testar nossa decisão. Podemos aceitar o favor do rei e ter grandes honras na Babilônia, ou nos posicionamos ao lado de Deus e corremos o risco de perder tudo, quem sabe até nossa vida. Principalmente porque comer da mesa do rei é também um sinal de lealdade política. Desprezar alguns pratos da sua mesa será visto como uma rejeição à sua soberania.

Que grande decisão temos que tomar! – suspirou Hananias.

– É mesmo – concordou Daniel. E não devemos tomá-la sem primeiro consultar a Deus.

Os quatro jovens se ajoelharam com o rosto voltado para o oeste, em direção a Jerusalém. Salomão, na oração de dedicação do templo, tinha pedido que Deus respondesse todas as orações que fossem feitas direcionadas para o templo e, agora, mais que nunca, eles precisavam que Deus os ouvisse.

– Senhor, nosso Deus – Daniel orou –, não viemos para a Babilônia por escolha própria Trouxeram-nos para cá como prisioneiros por causa dos nossos pecados e dos pecados de nossos pais. Embora tenhamos nos separado das nossas famílias e não estejamos mais indo ao templo, temos a certeza de que nossa vida está em Tuas mãos. Assim, cremos que Tu nos susterás e nos ajudarás. Dá-nos sabedoria para que saibamos o que fazer e a coragem para fazê-lo.

Enquanto se levantavam, Daniel começou a citar um salmo que Jeremias havia mencionado, e os outros o seguiram:

> Os Teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque, aqueles, eu os tenho sempre comigo.
>
> Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos Teus testemunhos. Sou mais prudente que os idosos, porque guardo os Teus preceitos.
>
> De todo mau caminho desvio os pés, para observar a Tua palavra.[1]

Creio que conseguiremos a vitória para Deus – Daniel continuou. – Mas somente se fizermos a coisa certa simplesmente por ser certa. Não seremos bem sucedidos na escola do palácio por acidente ou destino, mas sim pela fé em Deus e por um grande esforço de nossa parte. Acho que não temos outra escolha senão obedecer a Jeová, não importa o quanto isso nos custe. Não comerei as carnes oferecidas pelo rei nem beberei o vinho da sua mesa

– Concordo – disse Hananias. Se comermos a comida do rei, não seremos capazes de pensar com clareza e certamente cometeremos pecado.

– Não vai ser fácil – Misael lembrou. - Mas estou com você.

– Eu também – acrescentou Azarias.

– Então, está tudo certo. – Daniel sorriu para seus amigos. E vamos evitar causar problemas para nós mesmos e para nossos professores.

Aspenaz agradeceu aos astros sua sorte de ter encontrado alunos tão bons para a escola do palácio. Ele havia crescido na família real da Pérsia e, embora tivesse sido levado como refém por Nabopolasar, ocupava um alto cargo no governo babilônico Agora, ele sorria com a oportunidade de ajudar outros cativos reais em Babilônia.

De todos os prisioneiros que tinha entrevistado, nenhum se destacou mais que Daniel e seus três amigos. A maioria dos cativos ainda estava amargurada por causa da sua situação e muitos, ao lhes ser dado um cargo de confiança, se tornavam arrogantes. Mas Daniel não. Ele possuía uma modéstia e submissão que Aspenaz nunca tinha visto. O oficial real começava a sentir certo afeto por aqueles jovens judeus.

Ao final do primeiro dia, Aspenaz viu Daniel e seus amigos se aproximarem dele na sala de jantar.

– Daniel! – Ele não conseguiu conter sua alegria – Estou tão feliz que tenha sido escolhido para o programa de treinamento real!

Daniel sorriu e se curvou com delicadeza.

– Também estamos muito felizes, senhor. Mas temos um assunto para tratar com o senhor.

– Claro.

Daniel relatou rapidamente sobre suas crenças e a crise que estavam enfrentando.

– Será que o senhor, em sua bondade, poderia nos servir cereais, vegetais e frutas em vez da comida e vinho do rei? Certamente o palácio tem esses alimentos em abundância.

O sorriso do oficial desapareceu. Nunca tinha visto alguém se recusar a comer a comida preparada para um rei e logo percebeu as implicações políticas daquele ato.

– Bem, eu não sei... – Aspenaz gaguejou. Ele se sentiu meio confuso por um instante. – Não sei se consigo entender, Daniel. O rei deu a todos os seus subalternos permissão para adorarem como e a quem quiserem. Mas, se eu não os alimentar direito, ficarão doentes e o rei ficará irado comigo. Posso até perder meu emprego ou, quem sabe, minha vida.

O chefe dos eunucos olhou atentamente para os quatro homens à sua frente. Como sobreviveriam com uma dieta tão pobre? Todos sabiam que uma comida farta gerava uma saúde melhor e uma atividade cerebral maior. Além disso, ele não tinha autoridade para mudar uma ordem do rei, e Nabucodonosor provavelmente nunca iria concordar com aquilo tudo.

– Não, Daniel – Aspenaz respondeu com bondade, mas com firmeza. – Não posso alterar uma ordem real. Vocês terão que servir ao Deus de vocês da melhor maneira que puderem, comendo o que o rei lhes fornecer.

Daniel sentiu que o oficial não mudaria de ideia, então se curvou educadamente, agradeceu ao homem e se retirou com seus amigos.

– O que faremos? – agonizou Misael.

– Não se desesperem – replicou Daniel. – Ainda não podemos perder as esperanças.

Os quatro se dirigiram para a mesa designada a eles e se sentaram de acordo com a ordem prescrita. O vinho já tinha sido servido e os copos estavam organizadamente ajeitados sobre a mesa.

Os outros estudantes começaram a chegar e logo a sala vibrava com as vozes dos jovens cativos. O efeito do vinho fazia com que falassem cada vez mais.

Com licença, senhor – Daniel falou para um instrutor que passava por sua mesa. – O senhor é nosso tutor, não é?

– Sim, por quê? Você deve ser Daniel.

– Isso mesmo. – Escolhendo cuidadosamente as palavras, Daniel explicou sua desagradável situação para aquele servo, que seria o encarregado por seu treinamento. – Senhor, este assunto é muito importante para nós. Queremos propor uma experiência. Atenda nosso pedido por dez dias. Até lá o senhor saberá se nossa dieta nos fará bem ou mal.

O tutor gostou da sinceridade de Daniel. *Que rapaz fino!*, pensou.

– Por que não? – disse em voz alta. – Pode ser interessante. Se me permite dizer, acho que não conseguirão sobreviver com uma dieta tão pobre, mas acho que dez dias não farão tanto mal assim

– Obrigado, senhor – os rapazes disseram em coro.

– E agora, meu senhor... – Daniel falou enquanto colocava os copos de vinho numa bandeja. – Será que o senhor poderia fazer a gentileza de nos trazer um pouco de água?

Vocês devem estar loucos! – depois do jantar, um jovem judeu disse a Daniel em tom de zombaria. – Ouvi o que disseram para aquele pagão sobre vegetais e água. Estou surpreso por ele não tê-los matado à espada! – O rapaz cuspia as palavras e outros estudantes concordavam com seus argumentos.

– Vocês vão causar problemas para todos nós se continuarem com isso – gritou outro. – Perderão suas posições, talvez até a vida, se tratarem os babilônios desse jeito.

Daniel calmamente encarou seus zangados companheiros.

– O favor de Deus não vale muito mais que as honras da Babilônia? Prefiro morrer a desobedecer às leis do meu Deus.

– Mas Daniel... – protestou outro rapaz. – Se ceder só um pouco e esquecer as exigências inúteis da nossa religião, você conseguirá muitas coisas boas.

– Pode até parecer que sim – disse Daniel gentilmente. – Mas Deus não nos abençoará se Lhe desobedecermos, mesmo nas pequenas coisas.

Se eu obedecer apenas uma das leis de Deus por me ser conveniente e ignorar as outras por exigirem sacrifício, então estarei virando as costas para Ele e fazendo de mim mesmo uma lei. E há também outro ponto importante a se pensar: Deus nos deu nosso corpo para que O sirvamos. Se não cuidarmos dele, não seremos capazes de pensar com clareza e de saber a diferença entre o bem e o mal. Qualquer coisa que faça mal à nossa saúde nos torna mais suscetíveis ao pecado.

– É, faz sentido – alguém observou depois de pensar um pouco.

– Mas o que é isso? – disse outro. – Está se juntando a eles?

O jovem se retraiu, mas não se uniu mais aos outros no confronto com Daniel. Durante os anos seguintes, ele e muitos outros aprenderiam a conhecer e honrar a Deus pelo testemunho de Daniel e seus amigos.

Aspenaz estava em pé diante de Nabucodonosor, pronto para relatar como estavam seus alunos. Parabenizou a si mesmo pelo progresso que tinham feito e disse ter certeza de que estariam prontos para a formatura em três anos. Mas Nabucodonosor o deixou nervoso quando fez sua primeira pergunta.

– Ouvi dizer que alguns estudantes se recusaram a comer a minha comida. É verdade? – O rei parecia irritado.

– Daniel?

– Sim, Aspenaz. E seus três companheiros. O que está acontecendo?

O oficial ficou pálido. Embora tivesse recusado o pedido de Daniel, tinha escolhido ignorar o fato de o tutor ter acatado o pedido.

– Daniel é um jovem especial, muito raro – começou Aspenaz, sentindo seus joelhos tremerem pelo nervosismo. – É verdadeiramente submisso, um bom trabalhador, e se recusa a ser falso em qualquer coisa... É um jovem muito nobre. Embora seja pacífico com todos, senhor, ele se mantém muito rígido no que diz respeito à sua religião. Creio que prefira morrer a desobedecer ao seu Deus.

– Sim, Aspenaz – interrompeu o rei. – Também percebi isso. Mas e a tal experiência? Como foi?

O oficial ficou surpreso e admirado com o conhecimento que o rei tinha do que acontecia em seu palácio.

– Bem, senhor, ao final dos dez dias vimos que o resultado foi diferente do que esperávamos. Daniel e seus amigos estavam com uma aparência muito melhor que a dos outros cativos e também fisicamente mais fortes. E ainda pareciam ter mais vigor mental.

– Fantástico! – disse Nabucodonosor. Nunca pensei que uma mudança na alimentação faria tanta diferença.

– Parece que neste caso sim, senhor

O rei sorriu.

Permitir que eles fizessem essa dieta sem o meu consentimento foi muito arriscado para você, Aspenaz.

– Eu sei, senhor. O oficial curvou a cabeça, temendo a desaprovação do rei.

– Bem, não vejo razão para mudar a dieta deles agora. Deixe que continuem comendo seus vegetais. Vamos ver o que acontece. Mas, de agora em diante, consulte-me antes de permitir qualquer outro tipo de experiência.

Salmo 119:98-101.

A Estrela Ascendente

— A língua aramaica não é tão difícil assim — disse Azarias um dia durante o almoço. – É parecida com o hebraico, pois nossos ancestrais vieram desta região. – Ele pegou uma porção de castanhas da tigela que estava na mesa.

– Mas também não é a língua falada pelas pessoas comuns da Babilônia – observou Misael. – Os governantes caldeus que vieram do sudeste da Mesopotâmia com certeza forçaram para que esta fosse a língua diplomática do império.

– É verdade – respondeu Azarias. – E parece que todos os habitantes daqui falam pelo menos duas línguas, alguns até mais.

– Lembro-me de ouvir alguns mercadores falando esta língua lá na feira de Jerusalém – disse Hananias. – Achei estranho na época. Mas já não é tão difícil de entender.

– Não é, não – concordou Misael. – A língua não é difícil, mas a escrita deles é complicada para mim. Estas letras cuneiformes mais parecem rascunhos feitos por pés de pássaros, que nunca têm fim. Eles têm centenas de letras diferentes, algumas com diferenças muito pequenas de significado.

– Mas, mesmo assim, você está se saindo melhor que a maioria dos alunos – Hananias o lembrou. – Na verdade, seu progresso é muito bom, se considerarmos que você está estudando há apenas um ano.

– Estamos todos indo bem – Daniel sorriu enquanto se sentava e comia um pouco de frutas secas.

– É verdade, não é? – observou Misael. – Por que estamos nos saindo tão melhor que os outros?

– Deus tem nos ajudado a aprender mais rápido que os outros alunos – replicou Daniel. – Lembram-se da promessa que Ele fez a Samuel? "Aos que Me honram, honrarei."[1] Temos obedecido à Sua palavra e confiado em Seu cuidado por nós, então Ele nos tem concedido boa saúde e raciocínio rápido.

Houve uma cerimônia logo no começo do treinamento, em que cada aluno recebeu um novo nome, mostrando que pertencia à família real. Os nomes foram escolhidos na esperança de que o aluno assimilasse a cultura e a religião do seu novo lar.

Daniel recebeu o nome de Beltessazar, que significava "que o deus Marduque proteja sua vida". Hananias se tornou Sadraque, "governado por Aku" (o deus babilônico da lua). Misael recebeu o nome de Mesaque, "aquele que é igual a Aku". E Azarias foi nomeado Abede Nego , "servo de Nabu", o deus pessoal de Nabucodonosor.

Embora os oficiais da Babilônia sempre os chamassem pelos novos nomes, Daniel e seus amigos continuavam chamando uns aos outros pelos nomes hebraicos.

– Vamos revisar novamente – Misael pediu enquanto olhava para um gráfico astronômico desenhado numa tábua de argila. Azarias, Hananias e Daniel se juntaram a ele e se concentraram na revisão.

– Se eu estiver certo, a Lua e o Sol passam pelo grupo de estrelas conhecido como zodíaco. O Sol faz um circuito completo a cada ano, enquanto que a Lua faz o circuito uma vez por mês.

– Isso mesmo – disse Daniel. – E os planetas Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno fazem o mesmo caminho estelar, cada um em seu próprio tempo.

– Mas como os astrônomos sabem quando vai acontecer um eclipse? – perguntou Hananias. – Ou quando os planetas vão estar mais próximos um do outro?

– Eles mantêm registros de muitos séculos, medindo o tempo que cada um leva para dar a volta, assim como o caminho que eles fazem – explicou Daniel. – Através dessas informações eles conseguem calcular a posição exata do Sol, da Lua e dos planetas em qualquer noite do ano.

Hananias deu um assobio.

– Fantástico!

– É, sim – Daniel concordou. – É uma pena que eles pensem que os corpos celestes são deuses.

– Eles acreditam que os assim chamados deuses os guiam em todas as suas atividades diárias – comentou Azarias. – Acho que é por isso que os astrólogos têm tanto poder sobre o rei. Ele acredita que tenham um canal direto de comunicação com os deuses.

– Bem, sabemos que não é assim – sorriu Misael. – Seria muito fácil aceitar os ensinamentos pagãos se não soubéssemos que Deus criou todas as coisas.

Os três anos de curso passaram rápido e o exame final se aproximava. A tensão tomava conta da escola do palácio, pois os estudantes sabiam que seu futuro dependia do resultado do teste, fosse ele bom ou ruim.

- Os rapazes estão aptos a fazer o teste? – Nabucodonosor perguntou certo dia.

– Sim, senhor – respondeu Aspenaz – Fizeram um grande progresso Estou certo de que meu rei ficará feliz com os resultados.

– E os comedores de vegetais de Judá? Conseguiram acompanhar os outros?

– Sim, senhor. Na verdade, são melhores que todos eles – Aspenaz sorriu ao lembrar que ele mesmo tinha duvidado. - O senhor ficará muito satisfeito, pois aqueles jovens são o que o rei tem de melhor.

- Veremos – Nabucodonosor não parecia impressionado. Mas sua curiosidade lutava com o conceito daquela estranha dieta e seu aparente sucesso.

Enfim, chegou o grande dia. Os alunos estavam atentos, enquanto Nabucodonosor fazia o exame. Cada concorrente respondia às perguntas que Sua Majestade tinha desenvolvido para testar

a habilidade deles em tomar decisões sábias rapidamente. Também queria ver como trabalhavam sob pressão – e ele sabia que não havia estresse maior para um cativo que estar na presença do rei, sabendo que seu futuro dependia das respostas apresentadas àquelas poucas perguntas.

– Quantos meses tem o ano? – Nabucodonosor perguntou ao primeiro aluno.

– Doze meses, senhor – respondeu o jovem. – Cada um contendo trinta dias.

– Hum – murmurou o rei. – Isso daria um total de 360 dias. Então, de onde surgiram os outros cinco?

– Adicionamos um dia extra em intervalos regulares, senhor.

– Com que frequência adicionamos este dia extra?

– N n não tenho certeza, senhor – o estudante coçou a cabeça. – Acho que temos que consultar o gráfico.

– Explique como funciona o relógio solar – o rei pediu a outro rapaz.

– A luz do Sol bate sobre o ponteiro do relógio e faz uma sombra que paira sobre um círculo desenhado em volta do ponteiro. – O aluno estava visivelmente nervoso. – Podemos dizer que horas são observando os números no relógio.

– Como se sabe qual direção deve ser apontada no relógio solar?

Não sei, senhor. – O jovem abaixou a cabeça. – Sempre consultei relógios já prontos

Os alunos passaram um a um diante do rei. Alguns iam muito bem, outros se atrapalhavam até com as perguntas básicas Alguns ainda tinham dificuldade em falar em aramaico e não conseguiam nem entender a pergunta feita por Nabucodonosor.

– Como contamos os anos de reinado de um rei?

O aluno mantinha uma boa postura e não aparentava nervosismo. Ele olhava fixamente para o rei.

– O primeiro ano de reinado é conhecido como "o ano da acessão" a voz de Daniel era firme, não tremulava, e sua explicação era perfeita. – No primeiro dia de ano-novo depois que o rei ascendeu ao trono, inicia-se seu primeiro ano de reinado.

Faz diferença a duração do ano de acessão?

- Não. Pode ter qualquer duração, de um dia a onze meses e vinte nove dias.

– Em que ano estamos do meu reinado?

– Este é seu segundo ano de reinado.

Mas eu estou no trono há três anos, meu jovem. – O rei falou com dureza, testando o nervosismo de Daniel.

– É verdade, senhor. Contudo, o primeiro foi seu ano de acessão. Assim este é seu segundo ano de reinado.

– Onde nossos mercadores conseguem esmeraldas?

– Na Índia, senhor.

– Pérolas?

– Na costa do Mar Vermelho.

– Por que baseamos nosso sistema numérico em 60 em vez de 10, como fazem as outras nações?

– O sistema baseado em 60 tem muitas vantagens. - A voz de Daniel permanecia estável e bem modulada, e os músculos da face estavam bem relaxados. - Por exemplo, ele é divisível por 12 fatores em vez de apenas 9, como no sistema baseado em 10, e parece ser o ideal para medir o tempo e os ângulos, senhor.

As perguntas continuaram. O tempo passou e o Sol se pôs no horizonte. Alunos e professores, embora estivessem desconfortáveis por ficarem ao Sol o dia todo, pareciam impressionados com o conhecimento e equilíbrio do jovem exilado de Judá.

Nabucodonosor olhou nos brilhantes olhos do jovem cativo à sua frente. Ele estava encantado com as respostas precisas de Daniel. O rapaz nunca errava e sempre apresentava ideias claras e lógicas, embora desconhecidas para o rei.

Os outros três hebreus também impressionaram o rei, mas Daniel excedeu a todos. O rei não conseguiu encontrar nada que Daniel não soubesse ou não conseguisse responder. Mesmo assim, ele continuava sempre calmo e seguro de si.

A maioria que passou no exame de Nabucodonosor, apesar de suas deficiências, recebeu cargos nos vários níveis burocráticos da Babilônia. Mas Daniel foi o único escolhido como membro do círculo mais próximo do rei. E os amigos de Daniel – Sadraque, Mesaque e

Abede-Nego também receberam cargos de grande responsabilidade no império.

– Em minha corte – anunciou o rei tenho homens com os maiores talentos, vindos de todos os lugares do mundo. Mas, ainda assim, hoje, quatro jovens do pequeno reino de Judá superaram todos eles.

– Concordo, senhor – disse Aspenaz. – São inigualáveis.

Você viu? – O rei perguntou como se não tivesse ouvido o que Aspenaz disse. Tinham uma postura ereta, andar gracioso, a pele macia, o hálito impecável! Será que a comida pode nos afetar tanto assim?

– Parece que sim, senhor – Aspenaz também parecia perdido em seus pensamentos.

Eles permaneceram em silêncio por um longo tempo, pensando no exame que os quatro candidatos tinham feito. Nabucodonosor tinha gostado de Daniel desde o dia em que o vira no pátio com os outros cativos. Agora ele conseguia entender por quê. Alguma coisa naquele jovem exilado de Judá chamara a atenção do rei.

O Espírito do Deus dele deve estar com ele – Nabucodonosor quebrou o longo silêncio. – Uma brilhante estrela surgiu hoje, Aspenaz. Uma estrela que iluminará o futuro da Babilônia.

---

1 Samuel 2:30.

Sonho do Destino

— O senhor deseja mais alguma coisa, meu rei? – o mordomo lhe perguntou enquanto vestia o patrão para dormir.

Nabucodonosor parecia não ter ouvido a pergunta, então o criado continuou sua rotina.

Os reis da Babilônia nunca ficavam sozinhos. Fosse dia ou noite estavam sempre cercados por criados, guardas, oficiais da corte, esposas ou crianças. Eles geralmente faziam suas tarefas em silêncio, mas acabavam causando algum tipo de distração. Mesmo quando o rei dormia, os servos e guardas ficavam do lado de fora da porta e das janelas, protegendo o monarca e sua família, prontos a atender qualquer capricho que o rei desejasse.

Naquela noite, Nabucodonosor parecia perdido em seus pensamentos enquanto o servo tirava suas sandálias e as colocava num armário próximo à cama. O criado lavou os pés do seu mestre com água fria, secou-os com uma toalha de linho e jogou a água no buraco usado como privada, que ficava num cômodo adjacente. A água desapareceu num cano que passava por debaixo do palácio e desembocava no rio Eufrates.

O servo vestiu o rei com a roupa de dormir, puxou os lençóis de sua cama e, quando Nabucodonosor se deitou, dobrou o lençol sobre ele, como uma mãe faz com seu bebê. Então, se curvou em sinal de respeito e se retirou para seus próprios aposentos, que ficavam ao lado do quarto real, pois assim ele poderia ouvir qualquer chamado do rei.

O rei continuava acordado, pensando. Ele tinha visitado seu harém naquela noite, consolando sua esposa preferida, a princesa Amuhia.

Mas já tinha se esquecido daqueles momentos. O dia tedioso que passara no palácio, fazendo planos e tomando decisões, parecia muito distante. Ele observava os movimentos na escuridão, ouvindo o barulho longínquo dos sapos e grilos.

Fico imaginando o futuro, pensou. *Meu pai construiu este império e eu o tornei ainda maior. Nenhum outro reino da Terra se compara ao meu. Nunca nenhum outro império na história do mundo jamais chegou sequer perto da magnitude da Babilônia! Será que este reino durará uns cem anos? Talvez mil? Será que... vai durar... para sempre?*

Nabucodonosor pulou da cama aterrorizado. Será que tinha sido um sonho? Não, foi um pesadelo! Tão terrível, tão real e tão apavorante! Mas sobre o que era mesmo? Não conseguia se lembrar de nenhum detalhe.

Isso era muito sério, pois os babilônios acreditavam que os deuses se comunicavam com os humanos através dos sonhos. E, como Nabucodonosor era rei, esperava receber essas mensagens.

Qual dos deuses tentou falar comigo ontem à noite?, pensou. *E o que foi que ele falou?* Por mais que tentasse, não conseguia se lembrar sequer do tema central do sonho

– Isto é terrível! – murmurou. – Tive um sonho que deve ser uma mensagem importante e não consigo me lembrar de nada.

O rei jogou as cobertas no chão e se levantou da cama.

– Guarda! – chamou. – Traga-me meus conselheiros, *depressa!* Onde está meu criado? – O servo entrou no quarto ainda sonolento. – Traga minhas roupas! Meus conselheiros estarão aqui a qualquer momento.

Não havia tempo para tomar o costumeiro banho, ou fazer sua massagem habitual, o corte de unhas e arrumar o cabelo. O criado vestiu as roupas no patrão enquanto corria porta afora. Os guardas também tentavam fazer tudo a tempo.

Quando Nabucodonosor chegou à corte, vários conselheiros já estavam lá, embora alguns ainda estivessem ajeitando as roupas ou os cabelos e barbas. Todos pareciam muito cansados, pois também tinham

sido arrancados da cama, sem nem ao menos ter oportunidade de comer alguma coisa ou fazer algum preparo para o dia.

Aqueles homens despenteados tinham os cargos mais importantes do reino, juntamente com o rei. Eles revelavam ao monarca o que os deuses queriam que ele fizesse. Usando seus apetrechos religiosos, eles diziam poder ver o futuro, revelar segredos e dar conselhos que garantiriam o sucesso do rei em qualquer situação. Todos se curvaram e se aproximaram do rei com a face voltada para o chão.

Nabucodonosor foi direto ao ponto.

Tive um sonho que está me perturbando e quero saber sobre o que era.[1]

Os conselheiros do rei arregalaram os olhos e se entreolharam surpresos. Será que tinham escutado direito?

– Ó grande rei, que o senhor viva para sempre! – o líder deles disse com voz monótona. – Conte-nos o sonho e nós o interpretaremos.

Os olhos do rei se estreitaram enquanto observava os homens à sua frente. Sempre tinha confiado neles. Mas, agora, quando mais precisava deles, sentia que não tinham nada para lhe dizer.

Uma onda de medo fez seu estômago doer. As mensagens dos deuses geralmente estavam relacionadas a algum evento em particular e, se não fossem obedecidas na ocasião certa, poderiam causar a perda da bênção prometida, ou, pior ainda, o recebimento de uma grande maldição. E os homens em quem confiava hesitavam diante de um pedido razoável: revelar o sonho e dizer seu significado.

Será que eles o tinham enganado durante tanto tempo? Resolveu descobrir. Talvez uma pequena ameaça revelasse a honestidade deles!

– Eis a minha decisão. – A voz de Nabucodonosor parecia cortar o ar. – Se não me contarem o que sonhei e me derem a interpretação, vou cortá-los em pedaços e queimarei suas casas até o chão. Mas, se me contarem o sonho e o explicarem, receberão presentes e grandes honras. Então, contem-me o sonho e o interpretem.

Os cérebros sonolentos dos conselheiros acordaram de repente.

– Que o rei nos conte seu sonho e nós o interpretaremos – repetiram.

Aha!, pensou o rei. *Eles têm me enganado! E agora estão tentando se esquivar da situação. Vou piorar a ameaça ainda mais. Assim terei certeza.*

– Estou certo de que estão tentando ganhar tempo, pois sabem que foi isto o que determinei: se não me contarem o sonho, haverá apenas um castigo para vocês. Então, contem-me o sonho e saberei que vocês são capazes de interpretá lo.

Os conselheiros estavam aterrorizados, pois tinham que escolher entre o impossível e a destruição.

· Não há ninguém no mundo que possa fazer o que o rei está pedindo! Ninguém pode revelar isto ao rei a não ser os deuses, e eles não vivem entre nós.

Impostores!, Nabucodonosor pensou. *Sempre afirmaram que podiam revelar segredos divinos, mas agora que preciso deles, descubro que não passam de uma fraude.* Seu coração batia forte e o sangue subia para a face, enquanto a surpresa se transformava em raiva.

Tirem-nos daqui! – gritou Destruam todos os sábios da Babilônia. São todos uns mentirosos e trapaceiros!

Os conselheiros se encolheram, com os rostos pálidos, e o terror fazia tremer suas pernas. Antes que pudessem correr, os guardas do rei os rodearam e os levaram para outro pátio, fazendo-os prisioneiros, até que o exército pudesse prender todos os sábios, assim como suas esposas e filhos.

Nabucodonosor afundou em seu trono, cheio de agonia. Seu corpo estava fraco e seu estômago revirava.

– O que foi que eu fiz? arfou. Repassava os acontecimentos dos últimos minutos em sua mente. Embora fosse jovem, ele tinha um grande senso de justiça e detestava o abuso de poder. Mas, no calor do momento, tinha condenado as esposas e filhos inocentes dos seus conselheiros, como se fossem cúmplices.

– Mordomo! chamou o oficial que tinha entrado na corte. – Traga-me um pouco de vinho e frutas. Não comi nada até agora.

O homem se curvou e se virou para sair.

– Esqueça a comida – o rei disse logo depois. – Traga apenas o vinho, depressa.

O mordomo colocou o vinho numa taça de ouro, provou-o para ver se não tinha veneno e depois o serviu ao rei

– Eu fiz uma grande bobagem – confessou para o único homem

com quem sentia ter alguma intimidade. – Gostaria de poder retirar o que disse... Sem parecer um tolo.

– Sim, senhor – o mordomo chefe meditou. – Mas o senhor deu uma ordem final. Se anulá-la, vai enfraquecer sua autoridade.

Arioque, o chefe dos carrascos, estava aproveitando uma agenda meio calma nos últimos dois anos, pois Nabucodonosor era mais humano que a maioria dos outros governantes. Ele havia executado poucos criminosos e alguns prisioneiros de guerra dispendiosos. Mas, fora isso, pouquíssimos tinham perdido a cabeça.

Agora teria um trabalho difícil. Embora estivesse acostumado com a brutalidade e sempre se gabasse de sua eficiência, sua tarefa atual lhe parecia bem desagradável. Ele não via nada de anormal em executar famílias inteiras, pois em sua cultura as famílias geralmente sofriam o mesmo destino que o ofensor dentre eles, por mais injusto que parecesse, mesmo para o chefe dos carrascos. Mas executar todo o gabinete real? Aquilo sim parecia muito fora do normal.

Não importa, pensou. *O rei manda, eu obedeço. Vai saber? Talvez as famílias sejam tão culpadas quanto eles.* Então, enquanto os guardas mantinham os conselheiros como prisioneiros, ele e seus homens percorriam a cidade atrás dos outros oficiais e suas famílias.

Arioque procurava de acordo com uma lista que um escrivão do palácio tinha lhe dado. Ele batia gentilmente em cada porta, se curvava e explicava educadamente a ordem do rei. Depois, colocava toda a família em uma fila no meio da rua enquanto seus homens destruíam a casa deles. Então, os guardas levavam a família condenada para a corte que virara prisão, a fim de aguardar sua execução.

– Por que o rei deu uma ordem dessas? – Beltessazar, o mais jovem conselheiro do rei perguntou ao saber da missão do homem. – Sua tarefa é muito difícil. – Daniel colocou a mão sobre o ombro do funcionário real. – Mas pode haver uma maneira de pouparmos você desta terrível missão

Arioque não entendeu bem a princípio. Mas a compaixão de Daniel

fez com que ele conseguisse entender a carnificina que ele e seus homens teriam que realizar até o fim do dia – o sofrimento, a dor e a morte de seres humanos. De repente, ele se sentiu muito sozinho. Olhou dentro dos olhos daquele jovem a quem tinha acabado de intimar para a morte e percebeu que Daniel não havia falado em salvar a si mesmo. Não, na verdade, ele tinha dito: "pouparmos você". Ele estava preocupado com seu próprio executor!

– Leve-me até o rei. – O pedido gentil de Daniel superou toda a letargia que havia inundado o coração de Arioque durante aquele dia. Sem pestanejar, pediu que o rapaz o seguisse. Deixou seus homens na rua e seguiu em direção ao palácio.

Quando Daniel confrontou Nabucodonosor, o rei pareceu aliviado por encontrar uma saída. Ele tinha ficado impressionado com o jovem Beltessazar; por isso lhe concedeu algum tempo e pediu que adiassem a execução.

Daniel e seus amigos passaram a maior parte do tempo em oração. E Deus os ouviu. Naquela noite, Ele revelou o sonho de Nabucodonosor a Daniel. Quando Daniel acordou, começou a cantar:

> É Ele quem muda o tempo e as estações;
> remove reis e estabelece reis;
> Ele dá sabedoria aos sábios
> e entendimento aos inteligentes.
> Ele revela o profundo e o escondido;
> conhece o que está em trevas,
> e com Ele mora a luz.
> A Ti, ó Deus de meus pais, eu Te rendo graças e Te louvo,
> porque me deste sabedoria e poder;
> e, agora, me fizeste saber o que Te pedimos,
> porque nos fizeste saber este caso do rei.[2]

– Não execute os sábios da Babilônia – disse Daniel para Arioque enquanto corria para o quartel do palácio. – Leve-me ao rei e eu interpretarei seu sonho.

O chefe dos carrascos sorriu.

- Ótimo. Siga-me.

Nabucodonosor dormiu ainda pior que na noite anterior; por isso, estava extremamente irritado quando se sentou em seu trono. Ainda preocupado com o sonho e com o destino dos conselheiros condenados, não tinha mais paciência para os casos legais que o aguardavam naquele dia. Mas, ainda assim, seu senso de justiça fez com que desse todas as sentenças que precisava. Justiça! Fez uma careta, pois a culpa o estava consumindo. *Como posso julgar a disputa mais insignificante se eu condenei inocentes à morte?*

Naquele momento, Arioque entrou no pátio. Daniel estava logo atrás dele e parecia tão calmo quanto uma brisa de verão. O chefe dos carrascos se curvou e falou:

– Senhor, encontrei um homem dentre os exilados de Judá que pode dizer ao rei o significado do seu sonho.

A esperança começou a nascer no coração do rei.

– Maravilha! ele gritou olhando para Daniel. – Beltessazar. Pode me dizer o que vi no meu sonho e interpretá-lo?

Daniel sentiu imediatamente a agonia do rei. Naquele momento, se sentiu feliz por ser um simples exilado em paz com seu Deus. O olhar amistoso mostrava que Nabucodonosor tinha encontrado o que buscava.

Mas o rei ficou aborrecido com as primeiras palavras proferidas por Daniel.

– Nenhum sábio, feiticeiro, mágico ou adivinho pode explicar ao rei o mistério que o senhor nos pediu.

O quê? A fúria de Nabucodonosor começou a crescer de novo, pois Daniel repetiu as mesmas palavras que os sábios tinham dito. *Será que Beltessazar me traiu?*

– Mas... – Daniel interrompeu os pensamentos do rei – há um Deus no Céu que revela os mistérios. Ele mostrou ao rei Nabucodonosor o que vai acontecer no futuro O sonho e as visões que passaram em sua mente enquanto dormia são os seguintes.

Instantaneamente Nabucodonosor se lembrou do tumulto que ocupara sua mente na noite anterior ao sonho e do seu desejo de saber sobre o futuro, se seu reino duraria para sempre. Ele se inclinou para ouvir a mensagem do Deus do Céu.

– Enquanto o senhor dormia, ó rei, – começou Daniel – sua mente se voltou para as coisas que ainda irão acontecer, e o Revelador dos mistérios lhe mostrou o que se sucederá. Quanto a mim, o mistério me foi revelado, não por ser eu melhor que os outros homens da Terra, mas para que o senhor, ó rei, possa saber a interpretação e compreenda o que se passou em sua mente. Ó rei, o senhor olhou e viu uma grande estátua à sua frente. Enorme, deslumbrante e de aparência impressionante. A cabeça da estátua era de ouro puro; o peito e os braços, de prata; o ventre e os quadris, de bronze, as pernas de ferro e os pés eram feitos em parte de barro e em parte de ferro.

– Sim! – Nabucodonosor exclamou. – É isto! Isto é o que sonhei.

– Enquanto o senhor observava... Daniel ignorou educadamente a interrupção do rei – uma pedra foi cortada, mas não por mãos humanas. Ela feriu a estátua nos pés de barro e ferro e os esmagou. Então, o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro se fizeram em pedaços, se tornando como palha na colheita do verão. O vento carregou a palha sem deixar rastros. Mas a pedra que tinha ferido a estátua se tornou uma montanha e encheu a Terra Esse era o sonho. Agora eu o interpretarei para o rei.

Nabucodonosor se sentiu nas nuvens. Beltessazar tinha descrito seu sonho de forma precisa e seu estômago começou a doer novamente. Esperava boquiaberto para saber qual era o significado do sonho

– O Deus do Céu lhe concedeu poder, domínio, força e glória. Em suas mãos Ele colocou a humanidade, os animais do campo e as aves do céu. Enquanto viverem, Ele fez do senhor seu governante. O senhor é a cabeça de ouro.

Nabucodonosor sempre tinha creditado sua honra e glória ao deus Marduque. Mas Daniel deixou claro que seu verdadeiro poder vinha do Deus do Céu E a cabeça de ouro representava Nabucodonosor, seu reino. O orgulho tomou conta dele. O Deus do Céu não somente tinha lhe dado um sonho, mas o colocou como o número um!

Mas sua autoestima caiu por terra quando Daniel continuou.

– Depois do senhor, outro reino se levantará...

Depois de mim? Meu reino não durará para sempre?

– ... Inferior ao seu. Então, um terceiro reino, o reino de bronze, governará toda a Terra. Finalmente, haverá um quarto reino, forte

como o ferro, pois assim como o ferro destrói e esmaga tudo, também esse reino destruirá e esmagará todos os outros.

O jovem refém político contou o restante do sonho ao rei: os pés e os dedos representavam uma divisão do reino de ferro e, depois disso, muitos tentariam uni-lo novamente, mas sem obter sucesso. Nenhum império como o de Nabucodonosor voltaria a atropelar as pessoas da Terra.

– No tempo desses reis, – Daniel se referia aos pés da estátua – o Deus do Céu estabelecerá um reino que nunca será destruído nem será deixado para outros reis. Ele destruirá todos os outros reinos e lhes dará um fim, mas o reino dEle durará para sempre. O grande Deus mostrou ao rei o que acontecerá no futuro. O sonho é real e a interpretação é confiável.

O retrato que Daniel fez do sonho tinha sido tão preciso que Nabucodonosor sabia que podia aceitar sua interpretação. Maravilhado com o conhecimento do Deus de Daniel, não conseguia conter seu pavor. Ele cambaleou de seu trono, se lançou aos pés de Daniel e o adorou como um servo faria com seu senhor.

– Certamente o seu Deus é o Deus verdadeiro – declarou. – O Senhor dos senhores, revelador de mistérios, pois você foi capaz de revelar este mistério.

Nabucodonosor sempre tinha achado que Marduque fosse o deus supremo. Mas um Deus maior que Marduque tinha Se revelado e o rei O havia declarado como "Deus verdadeiro" e "Senhor dos senhores".

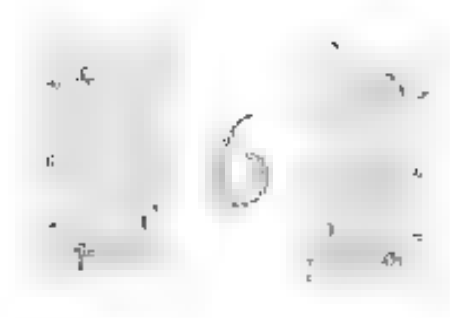
O governante da Babilônia nomeou Daniel como comissário-chefe, uma posição que lhe dava autoridade sobre todos os conselheiros. Os três amigos de Daniel também receberam importantes posições.

Grande alegria tomou conta dos conselheiros e suas famílias condenadas quando saíram da corte transformada em prisão depois de 36 horas de detenção. Deviam a vida ao seu novo líder, Beltessazar (Daniel), um homem de sabedoria, servo do Deus Altíssimo.

---

[1] A maior parte dos diálogos usados neste capítulo foi extraída do segundo capítulo do livro de Daniel.

[2] Daniel 2:21-23.

6

Um Burro Dá seu Último Zurro

— Não temos homens suficientes! — Nabucodonosor gritou com seus oficiais. — Recuem ou os egípcios vão acabar conosco! — O jovem rei amaldiçoou os deuses. A maior parte do seu exército estava lutando em outro lugar e sem eles seria impossível vencer a batalha.

Durante os dias que se seguiram, o faraó lutou para armar o bote e destruir o inimigo, mas os soldados remanescentes de Nabucodonosor ziguezagueavam, confundindo-o. Cruzando o rio de Carquemis, os babilônios venceram e perderam ao mesmo tempo. Fugiram da destruição, mas perderam o controle da Palestina.

— Vocês lutaram bem. — Nabucodonosor consolou seus soldados enquanto passava pelo meio deles. — Vão para casa agora. Descansem um pouco. Vingaremos nossos mortos outra hora. — Mas ele sabia que demoraria anos até que enfrentasse os egípcios novamente. Perder sempre era difícil para os dois lados, mas suas carruagens tinham sido destruídas, seus cavalos massacrados e a maior parte de sua infantaria veterana fora assassinada.

O rei Jeoaquim se regozijou quando o faraó expulsou Nabucodonosor da Palestina.

— Vá para casa imediatamente — ordenou ao embaixador babilônio. — Ou o entregarei ao Egito como espião.

— Eu irei — o mensageiro se curvou educadamente. — Mas se o senhor parar de pagar os impostos, Nabucodonosor o punirá quando voltar. .

— Ele não vai voltar! — gritou o rei de Judá. — Guardas! Tirem-no daqui!

O diplomata egípcio entrou no palácio de Jeoaquim assim que os guardas tiraram o babilônio de sua presença.

-Vossa Majestade – ele disse – Admiro seu novo palácio. Lembra-me o palácio do faraó.

– Que bom que gostou – o rei acenou. Ele tinha esvaziado os cofres do palácio e escravizado grande parte do povo para construir a enorme estrutura de cedro. Jeremias o avisou do castigo de Deus para tais abusos e o público enfurecido odiou tanto o prédio quanto quem o construiu.

–Vejo que o senhor pavimentou a estrada para o senhor do Nilo. – O embaixador acenou com a mão em direção ao sudeste.

Sim. – Jeoaquim parecia satisfeito. – Nós rompemos os laços com a Babilônia e queremos nos unir ao Egito.

O embaixador não conseguia esconder sua alegria.

– Seu retorno agradará ao faraó, pois ele guerreou para trazê-lo de volta.

– Ele não ficará tão contente quanto eu. – Jeoaquim não apenas considerava o Egito menos opressor que Nabucodonosor, mas também se identificava com o espírito aventureiro do faraó. – Mas a Babilônia pode voltar – acrescentou. –Vocês nos ajudarão?

– Em tudo o que pudermos.

– Malditos babilônios! – Jeoaquim explodiu.

Muitos anos tinham se passado desde que Nabucodonosor deixara a Palestina.

– Aqueles saqueadores do deserto não são babilônios – corrigiu o primeiro-ministro pela quarta vez.

– Eu sei, eu sei! Mas Nabucodonosor os instiga e apoia. – O rei judeu odiava os bajuladores reais que o cercavam e eles o desprezavam da mesma forma.

Se eu pudesse ao menos encontrar homens capacitados em quem pudesse confiar, pensou, *substituiria estes idiotas.* Mas ele tinha mandado executar ou exilado todos os homens que tinham algum valor moral e nem sequer conseguia perceber isso.

– Temos tentado impedi-los – murmurou o general, cerrando os dentes. – Assim que sabemos de um ataque, nos apressamos em confrontá-los. Mas até lá os saqueadores já foram embora e...

– Levaram muitos cativos – interrompeu o chefe de gabinete, que andava pela sala. Sua posição de confiança também o tornara primeiro-ministro e intercessor entre o povo e o rei. – Perdemos centenas de pessoas.

– Isso sem falar no ouro, na prata, nos animais e mantimentos. – O rei se preocupava mais com as perdas materiais do que com o sofrimento do povo.

– Por que não pedimos ajuda aos egípcios? – sugeriu o general. – Eles prometeram ajudar.

– Poderíamos fazer isso. – O rei olhava para fora da janela. – Mas não pode haver mais que uma centena de saqueadores. – Voltou-se novamente para o conselho. – E devemos estar preparados para nos defender deles. Se pedirmos ajuda ao Egito, o mundo todo pensará que não sabemos nos defender.

– Então vamos recrutar mais homens nas cidades – disse o general. – Vamos trazê-los antes que sofram um ataque.

– Ótimo. – A voz do rei parecia cortar o ar. – Mas mantenha um esquema forte de defesa em Jerusalém.

– Seremos cuidadosos – suspirou o general.

Mas os saqueadores continuavam destruindo cidades, matando e capturando pessoas e animais, levando tudo o que era de valor para o covil dos bandidos no deserto. O exército matou um bom número de saqueadores, mas mesmo depois de anos não conseguia evitar um ataque sequer.

O povo das cidades sofria muito e o desespero crescia em todo lugar.

– Se o exército não consegue nos proteger de bandidos do deserto... – protestavam. – Como vão conseguir impedir as grandes invasões?

– Chegou a hora de tomarmos o território dos Hatti (Palestina) novamente. – Nabucodonosor anunciou ao mordomo durante uma

festa no palácio. Nossos mercadores precisam de proteção contra os ataques egípcios.

O mordomo concordou com a cabeça enquanto ouvia sua canção favorita:

> Ó Grande Babilônia,
> Quem a contempla se enche de alegria,
> Quem reside em Babilônia melhora sua vida,
> Quem fala mal de Babilônia
> É como alguém que mata sua própria mãe;
> Babilônia é como uma doce palmeira,
> Cujo fruto é atraente aos olhos.

Quando a música terminou, Nabucodonosor falou novamente.

Se aquele imbecil do Jeoaquim fosse tão fiel ao seu Deus quanto Beltessazar, ele manteria sua palavra. Ele nos pouparia muito trabalho. – Acrobatas davam cambalhotas na corte, distraindo momentaneamente a atenção do rei.

A preparação para a campanha manteve Nabucodonosor ocupado por várias semanas. E muitas outras semanas se passariam até que ele pisasse em solo palestino novamente Já tinham se passado oito anos desde o último confronto em Carquemis.

O rei seguia uma velha estratégia de guerra dos assírios conforme avançava dominava qualquer cidade rebelde no caminho; assim seu oponente maior não teria nenhum aliado quando fosse atacado.

Depois de semanas cruzando o Eufrates, Nabucodonosor chegou a Jerusalém A máquina de guerra mais eficiente do mundo tinha mais que devastado qualquer um que tentasse resistir. Os sentinelas informavam sobre qualquer movimentação.

Quando as forças inimigas cercaram a capital judaica, o rei reuniu secretamente alguns oficiais maiorais para decidir o destino da nação. Resistiriam ou se renderiam?

– Render-nos? protestou o general. – Não sem lutarmos. Não somos impotentes.

– Se oferecermos resistência, vamos provocá-los – opôs-se o primeiro-

ministro. – Então, quando finalmente nos rendermos, muitos morrerão.

– Lutar para quê? – disse Jeoaquim sentindo sua raiva virar frustração. - Nosso exército teve dificuldade para se defender dos saqueadores do deserto durante oito anos. Por que levantar nossas armas agora?

– O senhor sabe como aqueles saqueadores são espertos disse o general, levantando o queixo com desdém.

– Eu sei! Eu sei Também sei com que velocidade você e seus companheiros se movimentam. Nunca vi tamanha incompetência em toda a minha vida! – Ele cerrou os dentes enquanto cuspia as palavras. E quer lutar contra Nabucodonosor? Se ele não arrancar sua pele, eu mesmo arrancarei!

Um grande silêncio tomou conta do recinto enquanto o rei Jeoaquim andava de um lado para outro, com as mandíbulas contraídas, os braços cruzados e a rebeldia emanando de todos os poros.

– Nossa única esperança é a rendição - disse o rei em voz baixa, mas ainda com muita hostilidade. – Nabucodonosor nos tratou com justiça antes. Talvez ele nos favoreça novamente.

– Idiota! – rugiu o general.

– Silêncio, seu estorvo! – O rei rodopiou, girando a espada enquanto encarava o comandante. – Saia da minha frente!

O soldado saiu espumando da sala, falando consigo mesmo.

Veremos quem é que vai se render... Eu vou comandar as tropas!

Os outros conselheiros bateram em retirada, perturbados com a explosão de raiva do rei. Jeoaquim deu de ombros e chamou um escriba para lhe ditar uma nota de rendição: "Não temos intenção de lutar", escreveu. "Abriremos os portões como fizemos anteriormente. Por favor, tenham misericórdia."

Depois de dispensar o mensageiro para que pregasse a mensagem no muro, o rei se sentou em seu trono. Raiva e dúvida consumiam o estômago do rei. *A rendição não é nenhuma vergonha,* pensou, *já que a vitória é impossível. Mas um general me humilhar publicamente é inadmissível!*

– Tenho que substituir aquele homem. - rosnou quando o primeiro-ministro voltou. – Talvez não agora, mas quando os babilônios forem embora.

Nabucodonosor sorriu quando o escrivão traduziu a mensagem. Ele esperava ter que passar meses subjugando Jerusalém. Mas parecia que o rei traidor de Judá não tinha coragem suficiente para sustentar seu orgulho. Ele se entregava novamente sem lutar.

– Não vejo razão para não atendermos seu pedido – disse o rei, rindo para seu general. – Não nos causaram problemas da última vez.

– Talvez – disse o comandante com cautela. – Mas pode ser uma armadilha.

– Então, fique atento – Nabucodonosor chamou um escrivão para anotar sua aceitação. – Fique com uma unidade pronta para capturar o rei se alguma coisa der errado. Traga-o para mim se o prender vivo.

Jeoaquim recebeu a resposta de Nabucodonosor em pouco tempo. A nota dizia, "Aceito sua rendição. Encontre com meus homens no Portão Leste." O selo de Nabucodonosor adornava a mensagem escrita num pedaço de argila.

O rei judeu estava cercado por alguns guardas escolhidos a dedo, liderando seus oficiais. As ruas estavam vazias, mas os muros da entrada estavam cheios de homens armados. O rei estava totalmente concentrado no portão e, por isso, não percebeu que cada soldado tinha uma flecha em seu arco.

A procissão parou e o portão de cedro se abriu, mostrando a rua toda feita de pedras. O rei olhou para a multidão do lado de fora. Estavam esperando atrás do cortejo de oficiais.

O grupo real parou a certa distância do portão e os babilônios começaram a avançar. Quando os enviados se aproximaram, Jeoaquim começou a se pôr de joelhos, como mandava a tradição.

De repente, várias flechas voaram dos muros. Emboscada!

Tomado pelo pânico, Jeoaquim percebeu que não tinha uma espada. Apavorado, fugiu, deixando seus guarda-costas para serem mortos. Centenas de soldados babilônios adentraram os portões, matando a todos que encontravam em seu caminho.

Jeoaquim corria pelas ruas, procurando um lugar para se esconder. Logo, os babilônios capturaram os guarda-costas sobreviventes e

encurralaram o rei num beco sem saída. Mãos cruéis o acorrentaram e o arrastaram pelas ruas. Ele implorou por misericórdia enquanto o puxavam de volta pelo caminho por onde tinha vindo, mas seus gritos foram ignorados.

Não tinham ido muito longe quando perceberam que o prisioneiro real estava morto. Alteraram o percurso e arrastaram o corpo pela porta do monturo para o Vale de Hinom – o depósito de lixo da cidade. Ali estavam várias carcaças apodrecidas e inúmeros esqueletos de animais, deixados lá para que pássaros e cães selvagens os devorassem.

Jeoaquim morreu aos 36 anos de idade. Ele governou Judá por onze anos.

Nabucodonosor colocou o filho de Jeoaquim, que tinha 18 anos, como rei de Judá e continuou sua campanha pela Palestina.

– Não tenho certeza se posso confiar em Joaquim – comentou com seu general. O rei tinha deixado a carruagem de lado para se exercitar sobre seu garanhão preferido.

– Por que não?

– Ele me odeia por ter matado seu pai. – Nabucodonosor analisou as tropas que marchavam em direção a Gaza. – Um dos meus espiões o ouviu dizer: "Vamos esperar a Babilônia sair daqui e depois procuraremos o Egito."

– Ele disse isso?

– De acordo com nosso agente, essas foram suas palavras exatas.

O general passou as mãos no cabelo.

– O que faremos?

– Não posso deixá-lo no governo. – Nabucodonosor olhou para os muros distantes de Gaza, que já podiam ser vistos de onde estava. – Eu gostaria de ter outro Beltessazar aqui comigo.

Desceram o morro e cruzaram um rio seco, andando lado a lado com a infantaria. O rei coçou sua barba negra e deu de ombros.

– Acho que Matanias, o irmão mais novo de Joaquim, pode ocupar o cargo.

Então, quando Nabucodonosor retornou para Jerusalém depois de três meses, mandou Joaquim e sua família para a Babilônia, colocando no trono seu irmão Matanias, que tinha 21 anos de idade

- Seu nome não será mais Matanias – anunciou Nabucodonosor. – De hoje em diante seu nome será Zedequias, que significa "Jeová é justiça". Que isso lhe seja um lembrete de que você jurou lealdade a mim em nome de Deus.

Prova de Fogo

Durante algum tempo depois do episódio em que Daniel interpretou o sonho de Nabucodonosor, o rei demonstrou respeito a Jeová, o Deus dos judeus Mas sua ambição por grandeza logo o levou a desviar se da adoração ao Deus de Daniel e voltar para seus deuses babilônicos. Seus conselheiros, se sentindo desconfortáveis com seu interesse no Deus judeu, inventaram um plano para fortalecer sua lealdade aos deuses nativos.

– Ó rei, viva para sempre disse um deles certo dia. – Seus servos desfrutam de grande prosperidade porque o senhor é nosso rei. Queremos expressar nossa gratidão em seu próximo aniversário

– Continue.

– Se for do seu agrado, faremos uma estátua do senhor para que todos saibam da nossa lealdade ao rei.

– Isso me agrada muito – replicou Nabucodonosor, lembrando-se da imagem que tinha visto no sonho. As palavras de Daniel "Tu és a cabeça de ouro" ainda ecoavam em sua mente. – Façam tudo o que tiverem em mente

– Senhor – outro conselheiro falou –, por que não cobrimos a estátua com ouro, prata, bronze e ferro, como aquela do seu sonho?

– Sim, senhor – acrescentou outro. – O Deus de Beltessazar fez do senhor a cabeça de ouro. Por que não celebrar o sonho e sua posição como a cabeça de ouro da imagem?

Nabucodonosor olhava para os desenhos nas paredes do palácio. O sonho o impressionara muito. Mas ser somente a cabeça?

Seu império tinha se expandido do Golfo Pérsico até o Mar Mediterrâneo. Os artesãos capturados de diferentes lugares tinham feito

da Babilônia a mais bela cidade do mundo e seu reino era respeitado em todos os lugares por causa de seu conhecimento, sabedoria e política. Suas conquistas geralmente ofuscavam seu interesse no Deus de Daniel e, às vezes, ele O esquecia completamente.

O sonho... Uma grande revelação, claro.. – ele continuou. – E a interpretação de Beltessazar foi memorável. Mas o sonho faz de mim apenas a cabeça. Não quero ser apenas a cabeça. Quero ser a imagem inteira!

Os conselheiros sorriram uns para os outros. Ficaram felizes por se beneficiarem da interpretação que Deus tinha dado através de Daniel. Mas viram a fascinação de Nabucodonosor pelo Deus de Judá como uma ameaça à sua posição e poder e temiam que a influência de Beltessazar sobre o rei pudesse ser mais forte que a deles.

Claro, senhor – o conselheiro mais velho concordou. – O senhor é o rei mais poderoso que já existiu. O senhor é a imagem completa.

Nabucodonosor sorriu.

Então vamos cobrir toda a imagem de... ouro – ele pesou as palavras com cuidado. – E vamos usar isso como uma oportunidade para que todas as nações declarem sua lealdade a mim. O maior que *viverá* sobre a Terra. A Babilônia *existirá para sempre!*

– Diga-me como andam as coisas em Judá – pediu Nabucodonosor ao chefe de inteligência do Estado.

– Não tenho boas notícias, senhor.

– Ah, não? – disse o rei franzindo a testa.

– Seu servo recebeu um relatório do nosso agente em Jerusalém ontem, senhor. Um dos profetas da religião deles, um tal de Hananias...

– Nosso Sadraque?

– Não. Parece que o nome Hananias é bem comum entre os judeus. – O homem coçou o queixo. – Há algum tempo, Hananias falou no templo, senhor, e disse que Babilônia será destruída e que todos os judeus cativos serão livres em dois anos.

– O maldito deve morrer!

– Isso não é tudo, senhor. Outro profeta chamado Jeremias o censurou

diante de uma grande multidão, chamando-o de mentiroso e dizendo que o cativeiro duraria setenta anos. Na verdade, senhor... – o rapaz deu uma risadinha –, ele disse que o rei da Babilônia é, em suas próprias palavras, "servo de Deus para punir os judeus por sua deslealdade a Jeová".

– Ele disse isso?

– Sim, senhor.

– Gostei desse tal Jeremias – o rei sorriu. – Tem que ser corajoso para dizer uma coisa dessas na frente de tanta gente – ele riu. – Então sou servo de Deus, hein? Conte mais.

– Bem, senhor, as coisas ficaram meio pesadas por alguns minutos. Hananias chamou Jeremias de mentiroso e ameaçou matá-lo. Mas aí. . – o homem fez uma pausa.

– O que aconteceu?

– Jeremias disse: "Assim diz o Senhor: Observe, Hananias, eu o banirei da face da Terra. Neste mesmo ano você vai morrer, pois você incitou a rebelião do Meu povo" Então, Hananias ficou com muito medo e saiu do templo.

– Ele se apavorou?

– Parece que sim. Mas agora vem a parte mais interessante da história.

– Tem mais?

– Menos de dois meses depois, Hananias apareceu morto.

– Huuuummm. Preciso saber mais sobre esse tal Jeremias. De certa forma, ele me lembra Beltessazar.

Nabucodonosor olhou para o horizonte por alguns minutos, pensando nos diferentes judeus que havia conhecido. Alguns tinham um excelente caráter – Beltessazar, seus amigos e agora Jeremias. A fidelidade deles o tinha tentado por algum tempo a abandonar os muitos deuses da Babilônia e favorecer o único Deus que podia criar homens íntegros como aqueles. Mas depois, a traição de Jeoaquim, Hananias e outros que diziam servir a Jeová fez com que desistisse da ideia.

– E como está indo o governo de Zedequias?

– Não muito bem, senhor. – Nabucodonosor franziu a testa enquanto o oficial continuou. – O homem não é confiável. Prometeu servir à Babilônia, mas depois que o senhor saiu, se envolveu em

alianças locais. Seus conselheiros quase o convenceram a formar uma "aliança de assistência mútua" com o Egito.

– O quê? – O rei se levantou do seu trono e caminhou pelo pátio por alguns minutos. - Tenho que fazer alguma coisa a respeito. – Ele coçou a cabeça. – Já sei! A estátua do meu aniversário é uma ótima oportunidade para que os líderes de todas as nações reafirmem sua lealdade a mim. Quero que Zedequias e seus conselheiros venham para a dedicação da estátua. Isso deve impressioná-los a manterem sua fidelidade a mim.

Uma fumaça negra encobria o céu por causa dos tijolos em forma de cone que rodeavam a estrutura incompleta. Tijolos que ainda estavam no forno produziam calor enquanto os trabalhadores colocavam mais lenha para garantir que o forno atingisse a temperatura certa.

A gigantesca estátua de Nabucodonosor tinha sido fabricada durante muitos meses. Sua altura correspondia a 27 metros e sua largura era de 2,70 metros. Foi erguida na planície de Dura. Um grande andaime rodeava a estátua para que os artesãos pudessem cobri-la com finas camadas de ouro puro. Teriam que usar quatro toneladas do metal dourado para completar a obra. Outros trabalhadores construíam uma plataforma, onde o rei receberia as honras pelo seu aniversário. A plataforma tinha degraus mais baixos para os músicos, os sacerdotes e os guardas.

Muitos chefes de Estado de vários territórios já tinham chegado a Babilônia para fazer uma excursão pelo local e se preparar para as festividades.

– O que faremos? – Misael perguntou certo dia. – Nossa posição requer que vamos à festa. Vocês sabem que eles vão querer que nos curvemos diante daquele ídolo.

Hananias colocou a mão sobre o ombro do companheiro mais jovem.

– Não podemos nos curvar, Misael, você sabe disso.

– Eu sei. – Seu rosto mostrava a tensão causada pela angústia que sentia. – Mas se nos recusarmos a nos curvar, teremos sérios problemas.

– Com certeza!

– Queria que Daniel estivesse aqui. – Azarias parecia mais quieto que o normal. – Ele sempre nos encoraja nos momentos difíceis.

– Mas ele não está – replicou Hananias. – E não voltará nos próximos meses. Teremos que confiar em Deus e enfrentar esta situação sozinhos.

– Nunca vi tanta gente assim – sussurrou Misael enquanto os três se sentavam nos lugares demarcados, bem perto dos pés da estátua.

– Nem eu – disse Azarias. – Parece que o mundo inteiro veio homenagear Nabucodonosor.

Uma trombeta soou.

– Silêncio – Hananias os preveniu. – O comitê real está chegando.

– Lembrem-se do nosso acordo – Misael recomendou.

A multidão se movimentava a fim de se curvar em respeito ao seu rei. Nabucodonosor estendeu seu cetro de ouro e depois se assentou sob uma liteira ornamentada. Uma onda de sussurros surgiu, mas se desfez quando o arauto subiu numa das plataformas.

– Ó povos, nações e homens de todas as línguas, isto é o que devem fazer. – O arauto não gritava, mas sua voz treinada alcançou todo aquele imenso público. Ele fazia pausas enquanto outros traduziam a mensagem em vários idiomas.

Então continuou.

– Assim que ouvirem o som da trombeta, flauta, cítara, lira, harpa, gaita e todos os tipos de instrumentos, vocês devem se curvar para adorar a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor fez.[1] – A ordem foi lida em várias línguas até atingir toda a distância. Ninguém se opôs, mas o homem ainda não tinha terminado.

– Aqueles que não se curvarem para adorar a estátua serão jogados imediatamente numa fornalha de fogo ardente. – O oficial se virou e se curvou diante do rei enquanto os tradutores terminavam sua tarefa.

Hananias olhou para seus companheiros e sorriu de modo inflexível. O momento da verdade havia chegado. No passado eles tinham decidido obedecer a Deus nas menores coisas, mas agora a vida deles

estava em jogo Mesmo assim, eles não estavam com medo ou arrependidos. Tinham escolhido confiar em Deus e agora Ele estava lhes dando uma grande paz.

O regente da orquestra levantou as mãos e a música encheu o ar. Milhares de pessoas se ajoelharam com o rosto prostrado ao chão.

Um sorriso iluminou a face de Nabucodonosor. Não havia ninguém na multidão que estivesse em pé...

O quê? Três homens estavam em pé bem na frente da multidão, desafiando a ordem do maior rei de todos os tempos.

Um burburinho tomou conta da multidão prostrada ao chão e milhares de olhos se fixaram nos três homens que, com certeza, tinham perdido o bom senso.

– Ó rei, viva eternamente! – A voz fez com que todos olhassem para a plataforma real. Um grupo de astrólogos tinha vindo trazer a notícia que o rei já sabia. Eles estavam zangados já havia um bom tempo, pois aqueles estrangeiros tinham sido colocados no mesmo patamar que eles. Há uns judeus que o senhor colocou em altas posições na província da Babilônia que não se importam com o senhor, ó rei. São Sadraque, Mesaque e Abede-Nego – eles anunciaram. – Não servem aos seus deuses e não adoram a imagem de ouro que o senhor fez.

O rosto de Nabucodonosor estava vermelho de raiva enquanto olhava para os três indivíduos em pé na multidão três jovens que ele tinha favorecido entre tantos cativos.

– Traga-os para mim – o rei ordenou, e logo eles foram trazidos para o rei.

Nabucodonosor foi direto ao ponto:

É verdade, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que vocês não adoram aos meus deuses e se recusam a adorar a imagem de ouro que fiz?

O rei já sabia a resposta que dariam e isso fez com que seu estômago revirasse. A aparente falta de medo dos rapazes o estava deixando nervoso, pois lembravam-lhe Beltessazar. Ele tinha mandado Daniel para longe, pois sabia que ele se recusaria a adorar um ídolo de ouro. Mas como podia ter se esquecido dos três amigos dele!

O rei sabia que eles eram tão leais a ele quanto o eram ao seu Deus e, por isso, os valorizava. Mas agora estava num beco sem saída. Não

via outra saída a não ser que eles se rendessem. Afinal, ele os tinha honrado, tirando-os da escravidão para o serviço real. Será que estava esperando demais em pensar que eles poderiam ajudá-lo naquela si tuação – *só daquela vez?*

Dê mais uma chance a eles!, disse a si mesmo.

- Quando ouvirem novamente a música... – Sua voz era ouvida por toda a multidão. – Se estiverem dispostos a se ajoelhar e adorar a imagem que fiz, ótimo. Mas se não a adorarem, serão imediatamente jogados na fornalha de fogo ardente.

A voz autoritária do rei surpreendeu até a ele mesmo, o que sustentava ainda mais seu orgulho e alterava seu raciocínio. O que começou como uma confirmação de apoio tinha se transformado em uma grosseira demonstração de orgulho. Levantando-se de seu trono, o rei apertou o maxilar e gritou:

– Que Deus será capaz de livrá-los?

Nabucodonosor tinha feito um grande espetáculo. Estava vestido com roupas reais, usando uma coroa cheia de pedras preciosas, cercado por magníficas riquezas, centenas de criados e os maiores homens do mundo e se encontrava diante da maior estátua já construída.

O olhar de Mesaque encontrou os raivosos olhos do rei. A confiança que o jovem judeu tinha em Deus o ajudara a vencer sua timidez.

– Ó Nabucodonosor! – Suas palavras calmas, porém potentes, eram ouvidas por toda a multidão. – Não precisamos nos defender diante do senhor nesse assunto. Se formos lançados na fornalha, o Deus a quem servimos pode nos salvar dela e nos livrar de suas mãos, ó rei.

Nabucodonosor não podia acreditar no que ouvia. Um deus que os salvaria do fogo? Livrá-los de *suas* mãos?

– Mas mesmo que Ele não faça isso... – Mesaque continuou - queremos que o senhor saiba, ó rei, que *não* serviremos aos seus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que o senhor fez. – O rapaz se curvou educadamente e então continuou em pé diante do rei.

O rei sentiu a mente rodopiar. Que coragem! Quanta dedicação! *Que grande traição!*

Ele tinha sido tolerante com a religião deles, pois ainda não tinham causado nenhum problema ao seu governo. Mas agora tinham

desobedecido publicamente uma ordem sua, insultando sua autoridade com aquele ato de rebelião contra seu governo. Sua raiva explodiu com a força de um vulcão.

– Seus ingratos! – ele gritou. – Vou fritá-los vivos!

– Arioque! – o rei gritou para o carrasco que estava ali perto. – Aqueça a fornalha – disse, apontando para o forno ali perto. – Aqueça-a sete vezes mais. – O rei sabia que estava diante de homens especiais e precisava de forças também especiais. – Amarre estes homens e chame os homens mais fortes que você tem para jogá-los no fogo. Veremos o resultado dessa blasfêmia contra nossos deuses.

Os homens de Arioque viram que Nabucodonosor tinha pressa e agarraram os três rapazes, jogaram-nos ao chão e amarraram suas mãos e pés.

Hananias citava as Escrituras. Sua voz soava instável por causa dos fortes movimentos que os guardas faziam com seu corpo.

"Quando passares pelas águas, Eu serei contigo..." - Misael e Azarias se juntaram a ele. "Quando, pelos rios, eles não te submergirão, quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque Eu sou o Senhor, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador."[2]

Enquanto mãos fortes arrastavam os ofensores, outras mãos jogavam uma mistura de betume e palha na fornalha. Em questão de minutos os tijolos do forno ficaram vermelhos. Quando os três hebreus chegaram ao local, os tijolos já estavam brancos. Chamas de fogo e fumaça negra saíam do topo da fornalha.

Os que aqueciam a fornalha estavam cozinhando com o calor do fogo, mas continuavam a colocar mais combustível e o fariam enquanto conseguissem.

Guardas reais que carregavam os rapazes pelos pés e ombros, sofrendo com a intensidade do calor, jogaram os rapazes dentro do fogo. A multidão assistia a tudo. Os soldados que lançaram os judeus no fogo foram atingidos pelo calor que saía da fornalha, o que os fez cambalear e cair, ficando vermelhos e cheios de bolhas, cozinhando até a morte na frente de todos.

Qual seria então o destino daqueles que foram lançados ao fogo?

Todos entenderam que Nabucodonosor exigia lealdade de seus súditos. A desobediência às suas ordens tinha um fim horrível!

O rei sentou se novamente em seu trono, exausto. O que tinha acabado de fazer? Num acesso de raiva tinha destruído a vida de três jovens e perdido seis de seus guardas mais leais. Entorpecido, olhou para o fogo.

Se ao menos pudesse reverter os últimos acontecimentos...

Desejou nunca ter construído aquela imagem, nem testado a fidelidade de seus súditos. Tudo estava dando errado.

Mas seus pensamentos congelaram quando fixou os olhos na fornalha.

– O que é aquilo? – gritou, num salto. Seus olhos estavam fixos na abertura da fornalha. Será que estava vendo coisas? Não foram três homens que jogamos no fogo? – disse com o rosto pálido.

– Certamente, meu rei – replicou o mordomo-chefe.

Mas olhe lá! exclamou Nabucodonosor, esquecendo-se da multidão. – Olhe! Estou vendo quatro homens andando no meio do fogo e estão soltos e vivos.

Os outros viam a mesma coisa, apesar do brilho das chamas. Mas como alguém sobreviveria a um calor daqueles? E quem era o quarto homem?

O rei tremia de medo enquanto as palavras saíam espontaneamente de sua boca.

O quarto homem parece o Filho de Deus.

Nabucodonosor se encheu de vergonha. Esquecendo se de sua dignidade, desceu a escadaria e se uniu à multidão Aproximou-se da fornalha, chegando o mais perto que o calor do fogo lhe permitia.

– Sadraque! Mesaque! Abede-Nego! – ele chamou. – Servos do Deus Altíssimo, venham para fora! Saiam daí!

Os três homens ainda estavam no fogo para obedecer à ordem do rei. Mas agora saíram pela porta da fornalha ardente. Estavam livres, pois o fogo tinha feito com que as cordas evaporassem.

A multidão curiosa se aproximou da cena e os cercou, tocando-os e cheirando suas roupas. Não havia sequer uma marca de queimadura e nem um fio de cabelo tostado podia ser visto. Também não cheiravam a fumaça.

O rei não conseguia conter o espanto. Sua alegria era contagiante.

A tensão que passara na última hora e o reconhecimento do poder do Deus do Céu o deixaram exausto.

A imensa imagem de ouro, construída com grande despesa e esforço, se tornara tão importante para Nabucodonosor que a vida de seus servos mais fiéis se tornara nada em comparação a ela. Mas tudo tinha sido esquecido por causa do brilho da glória que tinha presenciado na fornalha. Lágrimas de alívio desciam por sua face enquanto ele abraçava os três amigos de uma só vez. Já não podia mais ficar calado.

Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego ele gritou, certificando-se de que todos ouvissem. – Ele enviou Seu Anjo, que livrou Seus servos! Eles confiaram nEle a ponto de desacatarem uma ordem do rei e estavam dispostos até a darem a vida para não ter que adorar outro deus senão o Deus deles.

– Então... ele chamou um escrivão para anotar suas palavras – decreto que todos os povos e nações de todas as línguas que falarem mal do Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego... – o som da voz de Nabucodonosor mostrava que a paixão e o orgulho começaram a tomar conta dele novamente - serão cortados em pedaços e terão suas casas destruídas, pois nenhum outro deus pode salvar alguém dessa maneira.

Partes deste capítulo foram retiradas do capítulo 3 do livro de Daniel.

[3] Isaías 43:2, 3

Quase Persuadido

— Jure em nome de Jeová – Nabucodonosor exigiu –, pois assim eu saberei se você será fiel a mim.

Antes de voltar para casa, o rei de Judá se curvou diante do trono de ouro da Babilônia para garantir ao rei sua lealdade incondicional. Nabucodonosor sabia da fidelidade de Daniel ao Deus do Céu e imaginava que Zedequias também respeitaria um juramento feito em nome dEle.

Mas a religião de Jeová não significava nada para o monarca de Judá, pois para ele aquilo não passava de um meio para conseguir vantagens políticas. Então, ele não via diferença entre jurar em nome de Deus e se curvar diante de uma imagem de ouro.

Na verdade, a recusa dos três jovens judeus em se curvar diante da imagem o deixara muito irritado, pois aquele ato tinha lhe causado um grande embaraço em público. Sua dedicação irracional a Jeová não fazia o menor sentido para ele, que, aliás, tinha ficado tão surpreso quanto qualquer outro com aquele livramento.

Ele estava realmente irritado com a insistência de Nabucodonosor para que ele adicionasse mais uma pessoa ao seu círculo mais próximo.

– Este novo conselheiro... – ordenou Nabucodonosor – deve ser o profeta Jeremias. Dê ouvidos àquele homem, Zedequias. Ele pode lhe poupar muitos problemas.

Muitos exilados de Judá ficaram em uma cidade pequena no Canal Quebar, que ficava ao sudeste da Babilônia. Esse canal feito para

irrigação tinha aproximadamente 320 quilômetros de extensão e ia do norte de Sipar até o sul de Uruk. No começo, os judeus eram escravos e lavravam a terra nos arredores da comunidade rural. Mas então, a política da Babilônia permitiu que os escravos obtivessem sua liberdade e, naquela época, a maioria se tornou livre

Trabalhavam duro e geralmente não tinham o que precisavam para melhorar suas terras. No tempo apropriado, construíram suas casas e compraram pequenos terrenos para fazer jardins ou estabelecer um negócio próprio. Não muito tempo depois, a maioria já tinha uma condição financeira tão boa quanto ou até superior a dos seus vizinhos babilônios.

Apesar de sua prosperidade, ficaram desencorajados. Sentiam que Deus os havia abandonado e alguns deixaram suas tradições, misturando-se com os babilônios e casando-se com eles. Muitos abandonaram totalmente a vida passada.

Ezequiel e outros líderes tentaram impedir que isso acontecesse, a fim de preservarem sua identidade. Ensinavam sobre a verdadeira observância do sábado, sobre a circuncisão dos bebês judeus e encorajavam o povo a praticar as tradições de seus pais.

A despeito disso, os problemas continuavam. Muitos estavam cansados do estilo de vida da Mesopotâmia e tinham muita saudade dos vales de Judá Rumores de que logo voltariam se espalharam entre o povo e os jovens já frustrados começaram a confrontar as autoridades babilônicas

As notícias sobre a profecia de Hananias em Jerusalém provocaram o antigo ódio e estimularam o descontentamento. Com vontade de liderar o povo de volta para casa, dois líderes locais chamados Acabe e Zedequias inventaram falsas profecias. Embora tivessem se envolvido em muitos casos de adultério, a calúnia de que logo o povo voltaria para Judá fez com que ficassem famosos e, assim, muitos fingiam não ver seu comportamento e aceitavam sua mensagem.

Enquanto o rei Zedequias estava na Babilônia, seu escrivão, Seraías, visitou o povoado de Quebar. Reuniu os líderes da comunidade às margens do rio, junto com uma pequena multidão e leu as palavras de Jeremias, mesmo indo contra as objeções dos falsos profetas.

– Para os judeus na Babilônia – começou o escrivão. – Construam casas, constituam família, estabeleçam negócios e plantem vinhas, pois a maioria de vocês vai passar o resto da vida aí. Não deem ouvidos aos que dizem que o cativeiro terminará logo, pois essas mentiras vão lhes causar problemas.

Quando terminou, Seraías amarrou o pergaminho numa pedra e o atirou no rio, conforme Jeremias tinha instruído. Então, se despediu de Ezequiel e dos outros líderes e foi se juntar ao rei Zedequias na Babilônia.

– Daniel! – Misael exclamou logo que entrou no quarto. – Os dois falsos profetas de Quebar, Acabe e Zedequias, foram executados, queimados na fogueira!

Ah, não! – Daniel tinha retornado de sua missão especial e estava conversando com Hananias e Azarias sobre sua libertação da fornalha. Os olhos dele se encheram de lágrimas. – Podiam ter sido uma bênção para nosso povo.

– Se ao menos eles tivessem lido a carta de Jeremias... – suspirou Azarias. – Ele lhes disse que o cativeiro duraria setenta anos. Mas mesmo assim eles insistiram que o povo voltaria para casa em dois anos.

Com certeza foram desviados por aquele falso profeta Hananias – disse Misael. – Mesmo tendo morrido (como Jeremias tinha predito), muitos ainda acreditavam nele. Acho que é porque ele pregava o que queriam ouvir.

– E isso causou destruição entre nosso povo – acrescentou Daniel. – Recebi inúmeros relatórios sobre como eles se recusaram a trabalhar e cooperar com as autoridades. Em alguns lugares, a resistência e a desordem levaram à morte e prejuízos.

– Tudo por causa do falso testemunho de dois autodenominados profetas – suspirou Azarias.

Que pena! – disse Hananias. – Mas as coisas devem se acalmar agora que eles foram punidos.

Daniel colocou a mão no braço do amigo.
–Vamos orar para que você esteja certo.

Quando o rei Zedequias e seu comboio voltaram para Jerusalém encontraram um grupo de embaixadores de várias nações da Palestina em seu palácio.

– Nós desprezamos a opressão da Babilônia – um mensageiro de Edom anunciou, curvando-se em respeito ao rei de Judá. – Preferimos que o Egito controle nossos negócios.

– Sim – disse o embaixador amonita. – O faraó cobra impostos de nós, mas não arrasta nosso povo para o Egito.

– Ele vai arrastá-los se nos recusarmos a pagar os impostos – reprovou o moabita, buscando um argumento para rebater seu inimigo tradicional.

– Verdade – rosnou o amonita, não querendo criar um confronto. – Mas não por qualquer coisa como Nabucodonosor. Se todos nos uníssemos ao Egito, acredito que a Babilônia nos deixaria em paz.

– Isso mesmo! – concordou o representante de Tiro. – E se vocês se lembrarem, o Egito já entrou em conflito com a Babilônia muitas vezes. Se tivéssemos apoiado os egípcios na época, teríamos destruído o leão da Mesopotâmia juntos.

–Vocês me envergonham. – Zedequias levantou as mãos, tentando impedi-los. – Acabei de voltar da Babilônia. Fiz um juramento para confirmar minha lealdade a Nabucodonosor.

– E daí? – O embaixador sidônio riu. – Não precisa ter medo de não cumprir com sua palavra. Nós protegeremos uns aos outros.

– Queria poder acreditar nisso. – Zedequias fez cara feia. – Mas a proposta é muito boa. – O rei de Judá geralmente oscilava entre opiniões contrárias, pois não tinha capacidade de tomar decisões sozinho. Na verdade, ele até permitia que um grupo de conselheiros estabelecesse políticas do governo, às vezes, consentindo que outro grupo as revisasse. Tanto amigos quanto inimigos o influenciavam de uma maneira ou de outra, depreciando-o, usando-o, mas ainda assim temendo confiar na palavra dele.

– Nossa aliança vai funcionar. – Sorriu o edomita, tentando enterrar antigos conflitos. – O faraó prometeu nos proteger com todo o seu exército, se preciso for. Não temos nada a temer.

Naquele exato momento Jeremias entrou na sala e começou a entregar pequenos objetos de madeira para os embaixadores. No começo, todos acharam que fossem presentes de Zedequias. Mas, quando olharam para sua expressão de ira, afastaram aquela ideia.

– Isto são jugos, senhores. – Jeremias sorriu e ajustou um deles em seu próprio pescoço para que ficasse no ângulo certo. – Usem-nos do jeito que estou usando o meu. Por favor, aceitem-nos como presentes de Deus para os seus reis – disse, colocando um no colo de Zedequias. – Deus diz: "Eu criei os Céus, a Terra, o mar e tudo o que neles há. Tenho poder para fazer o que Eu quiser com todas as coisas e dá-las a quem Eu desejar. Eu dei a Terra e tudo o que há nela para Nabucodonosor e seus sucessores. Todas as nações o servirão. Algum dia Eu destruirei a Babilônia. Mas até lá, todas as nações que não quiserem se submeter ao seu jugo morrerão pela espada, pela fome e pelas pestes. Mas aqueles que se submeterem ao jugo babilônico permanecerão em suas terras. Não deem ouvidos a ninguém que lhes diga para resistir, pois Deus disse: 'O que Eu disse acontecerá.'"

– São belos suvenires – disse o amonita depois que Jeremias deixou o recinto. – Mas não tenho a menor intenção de servir a Babilônia.

– Nem eu – Zedequias concordou.

– Senhores – anunciou o moabita, quebrando seu jugo no joelho –, vamos formar uma aliança contra a Babilônia.

Quando a notícia sobre a rebelião de Zedequias chegou aos ouvidos de Nabucodonosor, ele ficou irado.

– Aquele judeu maldito! – gritou, fazendo com que seus servos se afastassem. – Não faz nem um ano que ele fez um juramento em nome de Jeová, o Deus dele. Ele fez um voto de me servir durante toda a sua vida. Sua palavra e o seu Deus não significam nada para ele?

– Não entendo esses judeus. – Nabucodonosor esbravejou mais

tarde para o mordomo-chefe. – Beltessazar e seus amigos estão acima de qualquer repreensão. Queria eu ter a paz que eles têm e a certeza de estar cumprindo a vontade do meu deus.

O rei coçou a barba Alguns fios brancos começavam a aparecer em sua barba negra e linhas de expressão já apareciam em sua testa. Governava a Babilônia havia quinze anos, já tinha construído inúmeros prédios bonitos e dispendiosos, aumentando a cidade em mais de 20 quilômetros quadrados. Os visitantes veneravam seus jardins suspensos como uma maravilha da arquitetura.

Ainda assim, Judá tinha se tornado um pesadelo repetitivo Nabucodonosor tinha feito todos os esforços para manter a paz com aqueles que se uniam a Babilônia. Precisava deles, de sua localização estratégica, seus artesãos, seus impostos.

– Ezequiel e Jeremias, os profetas. Um aqui e outro em Jerusalém. Que coragem de se levantarem contra seu próprio povo! Tenho ouvido alguns relatórios sobre seus sermões. São muito parecidos com nosso Beltessazar.

O rei passou as mãos em seus cabelos, pensando nos judeus que conhecia.

- Às vezes me impressiono com Beltessazar e seus amigos. O Deus deles parece muito atrativo. Daria qualquer coisa para ter a coragem e a paz que eles têm! Que Deus poderoso, que os livrou até do fogo!

Mas... O rei olhava para os desenhos na parede oposta, o medo se misturando com a raiva. – Mas Jeoaquim e Zedequias! Aqueles canalhas adoram ao mesmo Deus, só que isso não faz a menor diferença na vida deles. Recusaram honrar os juramentos que fizeram em nome do Deus deles! E aqueles profetas, qual era mesmo o nome deles?

O mordomo tinha saído do seu canto.

–Acredito que esteja falando de Hananias de Jerusalém e de Acabe e Zedequias de Quebar, senhor.

Sim, sim. Profetas! Eles também adoravam o Deus de Beltessazar? Só nos causaram problemas. Nabucodonosor balançou a cabeça. Que Deus é esse que cria personalidades tão diferentes entre seus adoradores?

O mordomo, acostumado aos discursos do rei, sorriu e concordou com a cabeça enquanto o governante da Babilônia continuava.

Veja os nossos deuses, eles têm coisas boas e ruins. Então esperamos que nosso povo tenha coisas boas e ruins também. Mas o Deus dos judeus só tem coisas boas. Beltessazar e Jeremias parecem só ter coisas boas também. Mas os outros?

O rei se sentou em seu trono, com a cabeça entre as mãos.

- Não sei se gosto desse tipo de divindade. Prefiro os nossos deuses. Parecem estar sempre zangados, exigindo o impossível, mas ao menos sabemos com o que estamos lidando.

Ele acariciou a barba, pensativo.

– Dizem que se conhece um deus através de seus adoradores. Se todos os judeus fossem como Beltessazar e Jeremias, eu adoraria o Deus deles com o maior prazer. Mas... Bem, não sei.

Aniquilando a Revolta

— Aquele traidor! – rosnou Nabucodonosor. – Zedequias fez outra vez! Parou de pagar os impostos e expulsou meu embaixador...

– Isso é muito sério – concordou o mordomo.

Preciso da terra dos Hatti. Minhas melhores rotas de comércio passam dentro daquelas terras. Meu povo paga o dobro de impostos ao faraó e tudo porque o rei de Judá resiste à minha autoridade.

– O que o senhor vai fazer?

Nabucodonosor coçou a cabeça.

–Vou... – ele hesitou e depois prosseguiu. -Vou aniquilá-los. Destruirei as cidades e mandarei os sobreviventes para outro lugar.

– São medidas cruéis. – Por causa da sua posição de confiança (provar o vinho do rei para ver se estava envenenado), podia oferecer conselhos mais realistas que aqueles cujo trabalho dependia da aprovação do rei.

O rei franziu a testa.

– É verdade. Mas os judeus têm me desafiado desde que ascendi ao trono. Eu tenho feito tudo para que fiquem do meu lado. Até tenho um conselheiro que é judeu.

– Beltessazar?

– Sim. É um homem muito bom. Muito confiável. Se todo o seu povo fosse como ele... – A voz do rei se calou.

Havia milhares de pessoas nas planícies da Babilônia enquanto Nabucodonosor planejava a campanha contra a região de Hatti. Muitos tinham trazido suas esposas ou concubinas e cada um carregava suas armas favoritas: machados de guerra, espadas de todos os tamanhos e formatos, escudos de couro, arco e flecha, lanças e fundas.

Durante as semanas de preparação, o próprio rei fazia o treinamento e a organização dos soldados. No tempo apropriado, o barulhento grupo de bandoleiros, fazendeiros, artesãos, aventureiros e soldados profissionais era transformado em eficiente máquina de guerra.

Enfim chegou o dia em que todos os planos já estavam traçados, todos os suprimentos tinham sido empacotados em milhares de carrinhos e todas as despedidas tinham sido feitas. O gigantesco exército estava apenas esperando a ordem para marchar.

Nabucodonosor sorriu para seu adjunto.

É hora de ir.

As trombetas deram o toque para avançar e os líderes gritaram a ordem para as infinitas filas de soldados. A grande massa multirracial de homens começou sua longa viagem em direção ao Eufrates. Eram centenas de milhares de pés marchando e cascos de cavalos cavalgando, e também rodas de carruagens e carros de carga que faziam um barulho tão grande que podia ser ouvido a quilômetros de distância. Nos dias em que não havia vento, a multidão levantava nuvens de poeira pelo ar.

Nabucodonosor sabia que um exército como aquele não conseguiria fazer um ataque surpresa.

– Mas quem se importa – riu ele. Nenhuma cidade, nenhuma nação ousaria resistir ao meu poder.

– Não seremos vitoriosos se essa não for a vontade dos deuses. Nabucodonosor partilhou sua preocupação com o mordomo.

O copeiro real se curvou.

– Eu reuni seus astrólogos e profetas, senhor.

Muito bem. O rei marchou em volta da sua carruagem, parando de vez em quando para fazer carinho em seus cavalos brancos e olhar o horizonte. Observava uma bifurcação na estrada ao norte de Damasco. Um lado levava a Jerusalém, o outro ia para Tiro e Sidom. Apesar de querer terminar com a revolta de Zedequias, aquilo poderia se transformar num desastre se os deuses escolhessem outro caminho. Embora tivesse seguido a vontade deles muitas vezes, ainda queria ter certeza.

– Seus conselheiros estão aqui, senhor – o mordomo anunciou poucos minutos depois.

Ótimo. – Nabucodonosor se virou para eles. O homem exigia acesso direto aos deuses que controlavam o destino da Babilônia. Tinha desmascarado o caráter enganador dos conselheiros no episódio do sonho da estátua. Mas aquilo acontecera havia muito tempo e sua atitude em relação a eles tinha mudado diversas vezes nos últimos anos.

Cada conselheiro carregava consigo um saco com os apetrechos que usava para descobrir qual era a vontade do seu deus. O grupo raramente dava uma mesma posição. Mas a posição que fosse mais comentada era considerada uma ação segura, e claro que todos sabiam do desejo que Nabucodonosor tinha de punir Jerusalém.

- Cavalheiros, devemos ir a Jerusalém, ou devemos ir a Tiro e Sidom?

Os conselheiros fizeram seus rituais: um deles matou um bode e examinou seu fígado para receber a mensagem do seu deus. Outro girava uma aljava, amarrava flechas em sua cabeça e esperava até que uma flecha caísse, revelando a decisão do seu deus. Outro ainda examinava a luz do Sol através de uma imagem do seu deus.

Compararam os resultados e avisaram Nabucodonosor. Unanimidade.

– Vá para Jerusalém. Os deuses lhe darão a vitória

– Estão vindo! - A notícia se espalhou tão rápido quanto uma fofoca.

O exército babilônico mais parecia uma avalanche. Milhares de soldados ferozes se aglomeravam pelas colinas e vales ao redor de Jerusalém. Traziam inúmeras carruagens e carros de suprimentos, puxados pelos mais belos cavalos que os habitantes da cidade já tinham visto.

Um enorme acampamento se formou ao redor da cidade quando os soldados se organizaram para fechar o cerco. Um sentinela reconheceu a carruagem de Nabucodonosor, que estava no meio dos soldados, em cima do Monte das Oliveiras – o melhor local para observar a cidade. Mensageiros iam e vinham trazendo notícias. Mais tarde, seu guarda-costas ergueu uma tenda e o rei desapareceu dentro dela.

O sol estava se pondo no horizonte, formando sombras perturbadoras

na paisagem que escurecia. O céu parecia um grande veludo enquanto os soldados se reuniam em volta de fogueiras para contar piadas, cantar e discutir a missão à sua frente. Inúmeras fogueiras tremulavam nas colinas e vales Algumas montanhas distantes cintilavam com as luzes das tochas noturnas que se confundiam com o céu iluminado, tornando difícil definir onde terminava o fogo e começava o céu estrelado.

A noite passou e as fogueiras se apagaram. A aurora trouxe de volta o movimento, mas não como o povo de Jerusalém esperava. Em vez de soldados bombardeando os muros com pedras e flechas, os babilônios cortaram várias árvores e começaram a construir cercas com elas. Os sentinelas analisavam os portões, os muros e os defensores da cidade. Milhares de soldados rebocavam cestas de entulho e pedras para a construção de uma rampa contra o muro, desviando-se de vez em quando dos projéteis lançados pelos arqueiros que ficavam em cima das muralhas. Os babilônios carregavam consigo enormes escudos de couro sobre a cabeça, protegendo-se das pedras e flechas atiradas pelos judeus.

Durante muitas semanas os babilônios bloquearam qualquer lugar de onde pudesse vir alguma ajuda. Os engenheiros militares fabricavam estruturas gigantes que enfraqueceriam a cidade: torres altas de onde os arqueiros poderiam atingir os defensores do reino; catapultas para lançar pedras contra os muros e destruir as casas e as pessoas; grandes estacas de madeira sobre rodas.

Quando os soldados terminaram de construir a estaca, começaram a empurrá-la colina acima, lançando sua ponta de ferro contra a parte mais alta e frágil do muro.

Manejar as estacas era um trabalho muito perigoso. Os defensores de Jerusalém lançavam enxurradas de flechas e pedras contra aqueles que operavam as toras de madeira, pois queriam impedir sua missão Os babilônios tentavam desviar a atenção deles, lançando flechas, atirando pedras com as fundas e arremessando rochas com as catapultas Cada pessoa que matavam deixava a cidade mais fraca, pois nao poderia ser substituída.

O barulho contínuo da estaca contra o muro indicava a aproximação do momento em que a cidade seria dominada.

Enquanto o exército principal sitiava a cidade de Jerusalém, Nabucodonosor enviava patrulhas para saquear a zona rural. Capturavam as cidades menores, incendiando-as. Em Laquis, o fogo se tornou tão intenso que a pedra calcária do muro se tornou pó.

Em Jerusalém, os corações estavam se tornando cada vez mais covardes. A multidão de inimigos os cercava, e não tinha como entrar suprimentos ou recrutas na cidade. Poucos ainda negavam que era só uma questão de tempo para que fossem derrotados ou sofressem uma terrível morte.

Zedequias não era como Ezequias. Envolvido em assuntos pessoais, não havia se preparado para a batalha. Os depósitos de comida estavam quase vazios e a maioria dos grãos tinha mofado. A maior parte das cisternas estava vazia e algumas abrigavam os restos decompostos de animais. O túnel de Ezequias não era limpo havia anos e apenas um fio de água corria dentro dele.

O rei não poderia ter sido mais displicente, pois em seu palácio havia comida e água em abundância.

Os babilônios estão blefando – zombou. Logo vão se cansar de tentar passar pelas muralhas e vão embora.

Não tinha a menor ideia da persistência de Nabucodonosor. Assim, a vida continuava normalmente em Jerusalém, como se não houvesse nenhum inimigo cercando a cidade.

Mas, depois de muitos meses, Jerusalém começou a sentir o impacto do inimigo. A água e a comida ficaram escassas, pois não havia sido feito um racionamento para proteger os suprimentos restantes Os nobres foram forçados a libertar seus escravos e agora tinham que fazer as tarefas sozinhos. As pessoas começaram a ficar irritadas. Brigas, roubos e assassinatos se tornaram comuns. As doenças começaram a se espalhar entre o povo.

Sem que ninguém percebesse, um dia os babilônios simplesmente desapareceram. Será que tinham desistido? Ou tinham ido para outro lugar? Ninguém sabia. O enorme acampamento agora estava vazio, exceto pelo lixo que agora ocupava o campo. As máquinas de guerra estavam lá, intocadas, e as pedras que tinham abrigado o fogo das fogueiras enfeitavam os vales.

Um grande grupo de pessoas se aventurou a sair da cidade para coletar o que conseguisse. Homens que se autodenominavam profetas previam uma morte prematura para Nabucodonosor e também a libertação de Jeoaquim e o retorno dos cativos e dos objetos do templo.

O povo descobriu o motivo do desaparecimento dos babilônios no dia seguinte. Notícias da aproximação do exército do faraó Hofra deviam tê-los assustado, mandando-os embora. A alegria tomou conta de Jerusalém. Mas não se regozijaram por qualquer livramento que Deus pudesse ter-lhes dado. Em vez disso, proclamavam o faraó como o salvador de Judá.

Jeremias foi ao templo.

– Nabucodonosor vai voltar e destruir Jerusalém e o templo – contou aos sacerdotes. – Não devemos permitir que a arca da aliança caia em suas mãos.

O sumo sacerdote não acreditou na menção de que o templo seria destruído, mas o profeta levantou suas mãos.

– Lembram-se da primeira vez que ele veio aqui?

– Sim – o sumo sacerdote gemeu.

– Ele não destruiu nem o templo nem a cidade naquela época. Mas roubou muitos objetos sagrados.

O sumo sacerdote balançou a cabeça concordando, porém ainda parecia aborrecido.

– Mas a questão não é se ele vai ou não destruir o templo. – Jeremias colocou o braço em volta do ombro do sumo sacerdote, como se falasse com um grande amigo. – Quando Nabucodonosor voltar, com certeza vai levar os objetos sagrados que ainda restam, incluindo a arca da aliança.

O sacerdote suspirou.

– O que devemos fazer?

– Temos que esconder a arca num lugar onde os babilônios não possam encontrá-la. Então, quando tudo terminar, a traremos de volta ao templo.

– Certo. – O sumo sacerdote fez uma careta enquanto falava. – Você vai nos ajudar?

– Claro que sim.

Depois que escureceu, vários sacerdotes se vestiram de pano de saco e entraram no templo O sumo sacerdote entrou sozinho do Lugar Santíssimo, cobriu a arca com um grande pano, puxou o véu para o lado e chamou os outros Quatro homens adentraram o recinto sagrado, seguraram as alças da arca e a retiraram do lugar em que estivera por tantos séculos

Andavam nas pontas dos pés enquanto passavam pelo altar de ouro, pela mesa dos pães da proposição, pelo candelabro de sete braços e saíram pela porta, entre os pilares de bronze, descendo a escadaria. Não sabiam que a arca nunca mais seria vista.

A morte pairava sobre Jerusalém. Nabucodonosor venceu os egípcios e voltou para a capital de Judá. Agora, depois de meses de guerra, o ar cheirava a esgoto e corpos em decomposição.

Nabucodonosor avaliava a cena.

– É só uma questão de tempo até eu obter a vitória – gabou se. – Nada pode me deter agora. O profeta Jeremias não tinha me chamado de "servo de Deus para punir Seu povo desobediente"?

Nabucodonosor determinou que seus generais deviam tomar o cerco de Jerusalém Nergal-Sarezer Sangar, Nebo-Sarsequim e outro Nergal-Sarezer. Esboçou os procedimentos que deviam ser adotados no último assalto.

Então, bateu em retirada com um exército considerável para Ribla, no rio Orontes, a cerca de 290 quilômetros ao norte de Judá. Ele queria traçar os planos para a conquista de outros territórios palestinos antes de voltar para a Babilônia.

O ar permanecera estável por vários dias, o Sol brilhava no céu azul de verão. A pele do povo estava escura por causa do calor e da fome e, às vezes, a confusão se armava, desenvolvendo grandes aflições. A fome fazia com que muitos enlouquecessem. Mães comiam os próprios filhos. Outros comiam fezes de animais e de seres humanos.

Os soldados nos muros foram os que mais sofreram. Embora estivessem famintos e padecendo sob o Sol castigante, eles se forçavam a permanecer em guarda contra os ataques inimigos. Alguns caíam mortos pela exaustão.

Chegou o dia em que as flechas foram trocadas entre os defensores de Jerusalém e o inimigo que atacava o Portão de Efraim. Muitos morriam de ambos os lados com o desenvolvimento da batalha. A luta se concentrou por horas numa fenda do muro, causada por uma estaca durante a noite.

Mas agora, nas primeiras horas da manhã, o buraco era a ponte entre o muro e a torre. Os soldados mais valentes de Judá iam na frente para expulsá-los, morrendo pelas flechadas. O mesmo destino caiu sobre os primeiros babilônios que tentaram cruzar o buraco.

Jeremias assistia a tudo do pátio da prisão do palácio, onde fora encarcerado.

– Se ao menos Zedequias tivesse sido fiel a Deus e mantido sua promessa a Nabucodonosor – ele lamentou. – Todas estas pessoas não estariam morrendo agora.

Os minutos pareciam demorar uma eternidade. Centenas de pessoas mortas. Os soldados inimigos se arrastaram através do buraco, atacando os defensores por trás. Os defensores se encontraram face a face com os invasores e agora lutavam corpo a corpo. Nenhum judeu sobreviveu. Um brado cortou o ar enquanto os soldados invadiam a cidade sem esperanças.

Durante a noite, antes que o muro fosse derrubado, Zedequias achou que era hora de fugir.

– Jeremias previu que seríamos capturados – ele disse para um ajudante. – Mas vamos fugir esta noite! E o velho leão da Babilônia não vai nos impedir. – A confissão forçada disfarçava seu medo.

Está maluco! – o general rosnou quando Zedequias lhe explicou seu plano. – Estamos cercados.

– Podemos fazer isso – o rei garantiu afobado, apontando para um

rascunho de mapa. – O inimigo colocou as melhores tropas no norte e oeste, mas só uma meia dúzia de guardas no portão perto de Siloé. Se os surpreendermos, atravessaremos o rio Jordão de manhã.

– Talvez funcione – resmungou o general, encantado com a nova autoridade encontrada pelo rei. – Quando começamos?

– Esta noite – o rei sorriu ao se levantar de seu trono. – Escolha seus melhores homens e os vista de preto. Esta é nossa última chance de salvar o trono.

Na hora marcada, o jardim real próximo ao tanque estava cheio de soldados vestidos de preto, prontos a buscar sua liberdade. Zedequias e sua família se uniram a eles por volta da meia-noite.

De repente, um grito ecoou vindo da direção do Portão de Efraim:

– O muro foi arrombado! O muro foi arrombado!

–Vamos! – sussurrou Zedequias, e todos passaram pelo portão.

O servo pessoal de Nergal-Sarezer o acordou de seu sono profundo.

– A estaca perfurou o muro, senhor – falou em voz baixa.

O general abriu os olhos e observou o homem que atendia a todos os seus pedidos.

– Ótimo. Diga aos meus capitães que entraremos na cidade ao amanhecer.

Quando estava quase adormecendo novamente, o jovem comandante levantou alerta ao ouvir passos na trilha próxima à sua tenda. Sem pensar, pegou sua espada e esperou.

Ouviu um barulho de vozes agitadas, e então abriu a tenda para ver o que estava acontecendo. Um dos soldados lhe disse:

– Um guarda que estava desfalecendo me disse que Zedequias e seus guardas fugiram da cidade há cerca de uma hora

– Zedequias?

– Sim. Foram para o sul pelo Vale de Cedrom em direção ao Mar Vermelho.

– Organize uma tropa a cavalo e vá atrás deles – o general ordenou para um ajudante que estava por perto. – Quero Zedequias vivo.

Avançando noite adentro, Zedequias ouviu o barulho de cascos e a batida do próprio coração. O pânico comprimiu seu peito e ele começou a sentir dificuldade para respirar. Sua cabeça parecia que ia explodir com a pressão causada pelo medo. *Devo estar doido em tentar lutar contra Deus,* pensou. *Mas, mesmo assim, tenho que fugir. Não quero morrer!*

Seu povo estava morrendo aos milhares porque ele os tinha encorajado a resistir ao poder de Deus e de Nabucodonosor. Mas *ele* queria *viver!*

O Vale de Cedrom parecia deserto.

– Mais rápido! – Zedequias sussurrou para seu general.

O grupo galopava rápido, a fim de não topar com uma patrulha inimiga. Ansiavam o sol matutino e a visão do Jordão. Zedequias frequentemente encorajava uma esposa ou filho enquanto cruzavam as montanhas e desciam as colinas rumo a Jericó.

O sol começava a despontar no céu.

– Nuvens de poeira! – gritou um dos guardas. – O inimigo está nos perseguindo!

Zedequias se remexeu em sua cela, pensando no que aconteceria se o inimigo os capturasse.

– Rápido! – gritou, fazendo um movimento para que todos avançassem. – Vamos para o Jordão!

Os homens esporearam seus cavalos, mas como não tinham planejado nada daquilo, se espalharam em todas as direções, deixando apenas três guardas, suas esposas e seus três filhos com o rei Zedequias.

– Voltem aqui, seus covardes! – berrou Zedequias, balançando o punho. – Eu disse: voltem!

O vento devolveu suas palavras enquanto sua escolta militar desaparecia.

– Vamos! – ele gritou, chicoteando seu cavalo. Mas o animal estava cansado e faminto; já não tinha mais forças.

Embora conseguisse avistar o rio Jordão, Zedequias foi capturado. Os babilônios o alimentaram e lhe deram água para beber. Depois o acorrentaram ao pescoço do cavalo do seu captor, para que andasse os

trinta e poucos quilômetros de volta a Jerusalém. Permitiram que as esposas do rei fossem no lombo dos cavalos.

– Jeremias estava certo – murmurou. – Se ao menos eu tivesse lhe dado ouvidos...

Depois de dois dias de marcha forçada, Zedequias e seus companheiros cansados avistaram os restos de sua outrora orgulhosa cidade. O mau cheiro dos corpos em decomposição enchia o ar, provocando náuseas. Até seus captores pareciam nauseados e continuaram rumo ao norte, buscando um lugar melhor para acampar.

Dia após dia, o grupo misto de Zedequias andava com dificuldade pelo calor do sol, as estradas cheias de pedregulhos e os pés descalços já cheios de bolhas. O atrito do seu colar de ferro tinha lhe causado feridas, o que lhe acarretava muita dor enquanto caminhava. Como os braços estavam amarrados para trás, ele não conseguia espantar as moscas e os outros insetos que assentavam em suas feridas.

Os cativos torturados, andando de doze a dezesseis quilômetros por dia, caminharam durante dezoito dias até se encontrarem com Nabucodonosor em Ribla. Mais da metade dos homens de Zedequias morreu e seus corpos foram abandonados pelo caminho para apodrecerem ao sol.

Nabucodonosor ficou irado quando viu Zedequias.

– Seu ingrato! – rosnou. – Eu lhe fiz rei sobre Judá. Dei-lhe honras, riquezas e autoridade. Você jurou em nome de Jeová que me serviria *fielmente!* – ele disse cerrando os dentes. – Beltessazar teria mantido a palavra. Por que você não manteve a sua?

Zedequias tremia, mas se manteve em silêncio.

– Eu lhe disse para ouvir o que Jeremias tinha a dizer. Ele lhe disse para se render – Zedequias ficou surpreso ao ver como o governador da Babilônia sabia dos assuntos internos de Judá. – Mas você não o ouviu. Sabia que ele era inocente e ainda assim o lançou na prisão. Que rei injusto você se tornou!

O babilônio chacoalhou o punho no rosto de Zedequias.

-Você me causou problemas demais! Destruiu seu próprio povo! Você deve morrer.

Os carrascos se aproximaram de Zedequias, mas Nabucodonosor mandou-os se afastarem e cuspiu no rosto de Zedequias.

- Antes que eu termine, você vai desejar estar morto.

Nabucodonosor sussurrou alguma coisa no ouvido do carrasco e olhou novamente para o rei de Judá.

Veja as consequências da sua rebelião, Zedequias. Carrascos... - ele chamou por sobre os ombros. – Comecem seu trabalho.

Aterrorizado, Zedequias observava enquanto os carrascos forçavam vários líderes judeus a se ajoelharem com as mãos atrás do pescoço, a cabeça baixa, expondo a nuca. Cada carrasco levantou sua espada e, com apenas um golpe, cortaram a cabeça de cada um. Os líderes morreram um a um: Seraías, o sumo sacerdote (não o irmão de Baruque); Zefanias, o segundo sacerdote (não o profeta), três porteiros do templo; um oficial do exército; cinco conselheiros reais; o chefe dos escribas e outras sessenta pessoas capturadas na cidade.

Toda aquela sangria deixou Zedequias entorpecido. Ele gritou quando seus três filhos foram levados para a área de execução.

– Meus filhos não! Um guarda olhou para o rei e riu. O monarca observava angustiado enquanto cada um de seus filhos se ajoelhava e perdia a cabeça.

– Matem me! Matem me! pranteou Zedequias quando um carrasco se aproximou. *É a minha vez,* pensou. *Logo tudo isso vai acabar e finalmente vou ter paz.*

Mas o babilônio limpou sua espada e a guardou na bainha. Depois agarrou a barba de Zedequias e com o dedo indicador arrancou os olhos do rei, um a um. O prisioneiro real uivou de dor.

– Levem-no para a Babilônia! – Nabucodonosor gritou. – Deixem-no vivo para que se lembre até o dia de sua morte de tudo o que fez.

Já faz um mês que Jerusalém foi destruída. – Nabucodonosor conversava com o chefe de sua guarda pessoal, Nebuzaradã. Embora

seu título oficial fosse "padeiro-chefe", os judeus o chamavam de "açougueiro-chefe".

– Muitas pessoas ainda moram lá. – Nabucodonosor se sentou em seu trono portátil em Ribla. – Elas podem reconstruir a cidade e voltar a ser uma ameaça. Não gosto nada disso suspirou.

– Posso ajudar em alguma coisa, senhor?

Os dois homens conversaram durante horas antes que o rei formulasse um plano Chamou um escrivão para anotar sua decisão: detalhes sobre o que deveria ser feito com as pessoas que ainda viviam em Judá, como demolir a cidade, o transporte dos cativos que estavam na prisão de Ramá e outros assuntos importantes.

Nebuzaradã reuniu milhares de soldados e marchou para Jerusalém. A situação que encontrou ali era bem parecida com a que Nabucodonosor temia: exceto pelo buraco no muro, que era o dano maior, a cidade continuava praticamente intacta.

– Um comboio bem organizado reconstruiria Jerusalém em poucas semanas – disse a um servente.

Os babilônios mataram todos os que resistiram ao seu poder e prenderam os demais, levando os para Ramá e para a Babilônia. Então, pegaram tudo o que era de valor e destruíram a cidade. Derrubaram pedras e prédios, atearam fogo em tudo o que era feito de madeira, incluindo os portões de cedro, reduzindo tudo a cinzas.

Dia após dia, se ouvia o barulho das pedras que ruíam e das chamas que devoravam tudo o que viam pela frente. Uma fumaça negra cobria o céu.

Quando terminaram, não havia quase nada onde um dia tinha sido Jerusalém. Um viajante teria dificuldade para se abrigar da chuva ali. O glorioso Templo de Salomão virou fumaça cerca de quatrocentos anos depois de sua dedicação O palácio cor de escarlata, construído a um alto preço e com o custo de muitas vidas humanas, tinha se tornado um monte de poeira branca

Jerusalém estava morta.

Nebuzaradã mandou os objetos roubados para a Babilônia e seguiu rumo a Ramá, onde encontrou Jeremias entre os cativos. Nunca tinha visto um rosto que transmitisse tanta paz. Mesmo assim, aquele

homem tinha passado anos como prisioneiro por tentar salvar seu povo daquela tragédia. *Se o profeta tivesse sido rei,* pensou o oficial babilônio, *seu povo ainda habitaria aquela cidade.*

– Você não é mais um prisioneiro – disse a Jeremias.

– Obrigado, senhor. Mas por que eu deveria ser tratado com tanta bondade? Sou apenas um pobre escravo...

– O grande rei sabe que você avisou Zedequias para que permanecesse leal a ele – o capitão o interrompeu. – E você já sofreu muito pelos seus atos. Se todo o seu povo tivesse servido a Jeová da maneira que você e Beltessazar servem, nada disso teria acontecido.

– Só fiz meu trabalho diante de Deus. Não estou pedindo nenhum favor.

– Mas mesmo assim vai ter favores – o líder militar fez uma pausa para ler algo em suas instruções. – O grande rei, rei Nabucodonosor da Babilônia, diz: "Você deve vir para a Babilônia, onde lhe darei tudo o que precisar. Ou então, fique com o governador Gedalias em Mispá."

– Você é muito gentil, senhor – Jeremias se curvou. – Ficarei em Mispá. Conheci o pai de Gedalias e me sinto seguro com ele.

– Que assim seja – Nebuzaradã deu um pequeno saco para Jeremias com pedras de ouro. – Este presente do grande rei deve suprir suas necessidades por vários meses. Que Jeová, seu Deus, o abençoe!

– Que Deus abençoe ao senhor e ao rei Nabucodonosor!

A política de Judá depois da destruição de Jerusalém continuou tão complicada quanto antes. Gedalias e seus oficiais morreram num ataque surpresa organizado por Joanã, um líder militar judeu que enganou os babilônios. Mas Joanã, achando que salvaria seu povo de Nabucodonosor, os levou para o Egito.

Joanã deixou seus prisioneiros em Tafnes, onde o faraó tinha um palácio. Mas não muito tempo depois, eles começaram a adorar os deuses egípcios nos altares vizinhos.

Nabucodonosor, envolvido num plano para sitiar Tiro, evaporou a contínua resistência dos judeus. Depois de conquistar Moabe e

Amom, marchou para o Egito, derrotou o faraó e capturou Migdol, Mênfis e Tafnes. Cercando os exilados judeus, matou a maior parte deles e enviou os sobreviventes para a Babilônia. Como não confiava mais nos líderes judaicos, Nabucodonosor colocou Judá sob a autoridade do governo babilônico em Samaria.

Podiam ter tantas bênçãos do Deus deles – disse para seu mordomo já de volta a Ribla. – Provamos que os deuses da Babilônia são mais poderosos, até mais que o Deus que resgata pessoas do fogo.

Embora Nabucodonosor tenha rido de sua piada, sua consciência o incomodou. Sentiu um mau presságio, avisando-o a não ir tão longe.

Cortando a Árvore

— Agora que o problema de Judá foi resolvido – disse Nabucodonosor para seu genro –, podemos nos concentrar em Tiro.

Aquela cidade tem sido uma pedra no nosso sapato por muitos anos – replicou Nergal-Sarezer. – Mas nós conseguimos atrapalhar o comércio deles.

– Eu diria que os arruinamos – riu o homem mais velho - Fiz da Babilônia o novo centro comercial do mundo.

– Com certeza! E isso apenas desviando a rota de comércio que tinham com a Índia e outras nações do leste.

O rei levou a conversa para outra direção

Reúna o exército e comece a jornada para Tiro imediatamente. Vou concluir alguns negócios na Síria e em Judá e me juntarei a você dentro de algumas semanas.

Situada na costa do Mar Mediterrâneo, Tiro tinha sido o berço do comércio no mundo mediterrâneo por muitos séculos. A área residencial ficava no continente e havia uma fortaleza numa pequena ilha. Ali estavam o palácio, os depósitos de mantimentos, os arsenais de guerra, as fábricas e os estaleiros.

Os cidadãos eram ricos e arrogantes e faziam suas próprias leis. Acreditavam que nenhum exército, independentemente do tamanho, poderia conquistar a fortaleza.

Ezequiel, descrevendo a atitude deles, previu o destino final da cidade:

Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:
[...] ao príncipe de Tiro:
[...] Visto que se eleva o teu coração,
e dizes: Eu sou Deus, [...]
e não passas de homem e não és Deus,
ainda que estimas o teu coração
como se fora o coração de Deus –
Sim, és mais sábio que Daniel,
não há segredo algum que se possa esconder de ti;
Pela tua sabedoria e pelo teu entendimento [...]
aumentaste as tuas riquezas [...].

Eis que Eu trarei sobre ti
os mais terríveis estrangeiros dentre as nações,
os quais desembainharão a espada
contra a formosura da tua sabedoria
e mancharão o teu resplendor.
Eles te farão descer à cova,
e morrerás da morte dos traspassados
no coração dos mares.[1]

Quando viram o exército babilônico se aproximando, os habitantes de Tiro se esconderam dentro da fortaleza. Embora estivesse cheia de gente, tinham muito estoque de alimento, água, armas e navios para suprir tudo o que precisassem ou quisessem.

O continente foi rapidamente dominado e as tropas de Nabucodonosor capturaram todos os habitantes que tentaram fugir para a fortaleza, mandando-os como prisioneiros para a Babilônia.

Mas como tomar uma ilha? Nenhum dos métodos normais funcionaria, já que os muros de Tiro tinham suas fundações construídas dentro do mar. Nabucodonosor não poderia construir uma rampa, ou usar torres, ou se aproximar o suficiente para usar uma catapulta.

Sua esperança era uma luta corporal. Assim, Nabucodonosor comandava cada navio, barco e bote que pudesse encontrar, na tentativa de bloquear a ilha. Mas tudo em vão. Os babilônios sabiam muito

pouco sobre navios e sobre o mar; assim não eram páreos para os navegadores veteranos de Tiro.

A situação chegou a um impasse. Ano após ano, a invencível máquina de guerra babilônica levava sua tropa supereficiente para tentar vencer a estática fortaleza de Tiro. Durante treze anos, Nabucodonosor tentou guerrear contra eles, irritado por não conseguir fazer sequer um arranhão na fortaleza.

Tiro sofria, apesar de sua posição invulnerável. A cidade gastou grandes somas de dinheiro em navios e equipes que trouxessem mantimentos para a população e seus defensores. Enquanto isso, o próspero comércio do passado definhava cada vez mais, por causa da invasão do comércio babilônico.

Com o passar dos anos, o orgulho do povo por conseguir manter o maior exército do mundo afastado da cidade começou a se desfazer, por causa da depressão econômica. Os líderes da cidade que já fora próspera começaram a entender que logo poderiam estar arruinados. Nabucodonosor não desistiria sem antes conquistar a fortaleza. Alguma coisa teria que acontecer se a cidade quisesse sobreviver como centro do comércio.

Então, o rei de Tiro pediu uma trégua. Ele se submeteria a Nabucodonosor e pagaria impostos muito caros se a cidade pudesse manter seu próprio rei, mas permitiria que alguém de confiança se encarregasse de assegurar os interesses da Babilônia.

Nabucodonosor nunca tinha visto uma árvore com folhagem tão densa e com tanta abundância de frutos. Seus galhos se espalhavam como se fosse abraçar o mundo todo sob sua sombra. Ele chegava cada vez mais perto. Vilas inteiras se abrigavam debaixo da árvore e inúmeros bois e ovelhas pastavam em verdes prados que se estendiam até onde seus olhos podiam ver.

A árvore parecia crescer ainda mais enquanto ele a observava. Multidões viviam sob sua influência. Um grande entusiasmo encheu seu coração quando ele percebeu que a árvore abrigava e nutria todos os seres viventes. Nunca tinha sentido tamanha paz, tamanha satisfação.

Ele se assustou com um grande relâmpago vindo do céu. Quando se virou, viu um mensageiro celeste em pé diante dele. Os dois se olharam por um momento, sem dizer uma só palavra.

Então, o mensageiro começou a gritar.

Cortem a árvore e podem seus galhos. Arranquem suas folhas e espalhem seus frutos. Afugentem os animais de debaixo dela e os passarinhos de seus galhos. Mas deixem que seu tronco e suas raízes, cobertos de ouro e bronze, permaneçam no solo, na erva do campo.[3]

Nabucodonosor assistia a tudo horrorizado, enquanto trabalhadores cumpriam as ordens. Mas o mensageiro continuou:

Que seja regado com o orvalho do céu e deixem-no viver com os animais, entre as plantas da terra. Que sua mente seja mudada da mente de um ser humano para a de um animal, até que se passem sete anos. A decisão é anunciada por mensageiros. Os santos declaram o veredicto. Assim os seres vivos saberão que o Altíssimo é soberano sobre todos os reinos da Terra e os dá a quem Ele quiser, até ao mais humilde dos seres humanos.

Nabucodonosor abriu os olhos. Um sonho? Não... Um pesadelo! As cenas permaneciam vívidas em sua mente. O rei deu um grito de lamúria por causa do pavor que atingiu seu coração.

– O que aconteceu, senhor? – Seu servo pessoal correu para dentro do quarto.

– Ahhhhhh! – o rei berrou. – Um sonho... O presságio de um desastre... Jogando os pés para fora da cama, sentou se na beirada dela com a cabeça enterrada nas mãos. – Chame meus conselheiros, rápido!

O servo sumiu somente o suficiente para dar o recado a um mensageiro e logo voltou. Ele verteu uma taça de vinho, provando um gole para ver se não estava envenenado. Depois, o serviu ao rei.

Nabucodonosor começou a beber, mas devolveu o cálice com um suspiro.

– Não consigo abandonar a ideia de que algo terrível vai acontecer... Comigo.

O servo ajudou seu senhor a se vestir e o seguiu até o pequeno pátio que ficava junto ao quarto. O rei andava diante de um pequeno

trono que ficava próximo ao muro traseiro, aceitando o segundo copo de vinho que seu servo lhe ofereceu. Olhava impaciente para a porta, esperando seus conselheiros.

Nabucodonosor se sentia mais deprimido que nunca. Seus conselheiros não conseguiam interpretar o sonho. Este tinha sido diferente do sonho da estátua que tivera havia mais de trinta anos, pois, desta vez, ele se lembrava de todos os detalhes. Mas mesmo com essa ajuda, os sábios "divinamente inspirados" não podiam lhe dizer seu significado.

– Beltessazar! – O rei sorriu quando Daniel se curvou. – Estou tão feliz que tenha vindo. Não há mistério difícil para você.

Nabucodonosor relatou cuidadosamente o sonho a Daniel: a árvore, como abençoava a todos os seres viventes, a felicidade que sentiu em sua presença, o mensageiro, a perda da árvore, as partes de metal, os sete anos previstos, o animal e o poder do Altíssimo em governar toda a humanidade.

– Esse é o sonho, Beltessazar, e nenhum dos sábios conseguiu interpretá-lo. Mas você consegue, porque o espírito dos santos deuses está com você.

O sorriso de Daniel desapareceu quando o rei lhe contou o sonho. Alarmado com o que tinha acabado de ouvir, parecia incapaz de falar.

– Beltessazar, não permita que o sonho ou seu significado o deixem atemorizado.

– *Meu rei...* – *A voz de Daniel parecia um pouco rouca.* – *Se ao* menos o sonho fosse sobre seus inimigos!

Uma expressão de tristeza tomou conta do seu rosto e lágrimas encheram seus olhos.

– A árvore que o senhor viu – continuou –, que crescia forte e vigorosa, com o topo atingindo o céu, que era visível a toda a Terra, com folhas belas e frutos abundantes, provendo alimento para todos, dando abrigo para todos os animais do campo e aves do céu... – Daniel quase engasgou ao dizer as palavras seguintes –, o senhor, ó rei, é a árvore!

O senhor se tornou forte e grandioso; sua grandeza cresceu até atingir o céu e seu domínio se estende a lugares longínquos da Terra.

Então, ele prosseguiu:

– O senhor, ó rei, viu um mensageiro, um santo, que veio do Céu e disse: "Cortem a árvore, mas deixem o tronco na erva do campo. Que seja regado com o orvalho do céu. Deixem-no viver como os animais, até que se passem sete anos."

Agora as lágrimas rolavam pela face de Daniel.

– Esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto que o Altíssimo emitiu contra meu senhor, o rei: o senhor será tirado do meio das pessoas, viverá entre os animais selvagens, comerá pasto como o gado e será regado pelo orvalho do céu. Sete anos se passarão até que o senhor perceba que o Altíssimo é soberano sobre todos os reinos da Terra e os dá a quem Ele deseja. A ordem para que deixassem o tronco da árvore com suas raízes significa que seu reino será restaurado quando o senhor entender que o Céu comanda o mundo.

Daniel se sentiu exausto e caiu de joelhos diante de Nabucodonosor. Seus olhos buscavam os do seu senhor enquanto lhe implorava.

– Então, ó rei, aceite meu conselho: renuncie aos seus pecados, fazendo o que é certo, e também à sua maldade, sendo gentil com os oprimidos. Talvez assim sua prosperidade continue.

Daniel sabia que o cumprimento das profecias divinas, fossem boas ou más, geralmente dependiam da reação daquele que recebia a mensagem. Todas as promessas e ameaças de Deus são condicionais. Se o coração for mudado, então a promessa ou a maldição também pode mudar.[3]

– Ó rei – repetiu Daniel –, se o senhor se arrepender dos seus pecados, voltar-se para Deus e O servir fielmente, esse destino terrível pode nunca acontecer – Abaixando os olhos, ele enxugou as lágrimas com a manga da túnica. Então, se levantou e deixou a corte.

O rei ficou sentado em silêncio por um longo tempo. Estava visivelmente abalado, pensando nos acontecimentos das últimas horas.

Beltessazar deve mesmo se importar comigo, arriscando sua vida desse jeito pensou. *Ele está certo. Tenho sido mau. Devo me arrepender. Se eu me arrepender... Se me arrepender de verdade, então as coisas horríveis que vi no sonho nunca acontecerão.*

– Vou fazer isso – disse em voz alta.

O mordomo-chefe olhou para ele, assustado.

– Vou seguir o conselho de Beltessazar – ele sorriu. – Nunca cortarão esta árvore.

O sonho sobre a árvore assombrou Nabucodonosor por várias semanas. Ele sabia em seu íntimo que Beltessazar tinha lhe dito a verdade e que sofreria o terrível destino do sonho caso se desviasse de seu compromisso com Jeová, o Deus dos judeus.

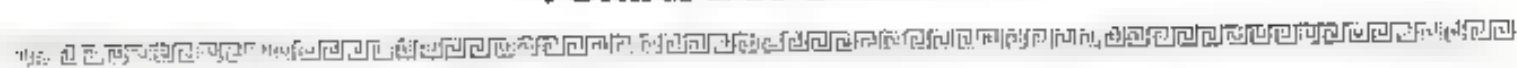
Mas era muito difícil manter uma decisão dessas num lugar pagão como a Babilônia. O problema não era o comprometimento espiritual entre os super-religiosos babilônios, que adoravam a muitos deuses Mas Nabucodonosor tinha escolhido se aliar a um só Deus, excluindo todos os outros deuses. Contudo, o pior de tudo isso era que aquele era o Deus de um povo subjugado.

A maioria dos babilônios sabia que Daniel e seus três amigos prestavam culto a esse "Deus único". Assim, muitos líderes religiosos os culpavam pelas heresias que Nabucodonosor incluía em seus decretos de vez em quando.

Todos acreditavam em sonhos, obviamente. Mas poucos gostaram da interpretação que Daniel deu ao sonho sobre a árvore. Não conseguiam entender por que o conselheiro-mor havia repreendido o rei, embora tivesse sido necessário. E por que o rei aceitou a reprovação sem mandar executar Daniel? E como, depois de tudo isso, ele ainda tinha se comprometido a adorar um Deus que dava sonhos tão ruins?

Não muito tempo depois, Nabucodonosor começou a analisar as atitudes de seus servos e os conselhos dados por Daniel começaram a se desvanecer em sua mente. Logo, o rei já não se lembrava de seu compromisso com Deus.

Por muitos anos, ele havia subjugado seus inimigos e passava a maior parte do tempo fazendo planos e construindo. Nos tempos de paz, ele tinha fortalecido e embelezado sua cidade, satisfazendo sua necessidade de transformar a Babilônia na maior cidade do mundo. Isso tinha cultivado o orgulho da cidade – e o seu próprio orgulho.

Entre seus sucessos estavam os jardins suspensos, construídos para sua esposa, a amada Amuhia, filha do rei da Média, a fim de lembrá-la

das belas e floridas encostas de sua terra natal. A estrutura em forma de terraço ficava do lado nordeste do palácio, perto da Porta de Ishtar.

Ele também tinha construído uma série de canais de irrigação para aproveitar melhor o rio Eufrates. A estrutura incluía uma enorme bacia artificial, com cerca de doze metros de profundidade, que coletava a água em excesso durante as chuvas da primavera para ser utilizada nos períodos mais secos do ano. As planícies do deserto de Sinear tinham se tornado uma grande cesta de grãos para a maior parte da região.

E ele não tinha se esquecido dos seus deuses. Construiu mais de cinquenta templos durante seu reinado, mais de novecentos santuários e cerca de quatrocentos altares.

Enquanto embelezava a cidade, o rei também fortalecia suas defesas. Praticamente dobrou o comprimento dos muros e adicionou um segundo muro do lado de fora, com torres a cada cinquenta metros.

Todas essas estruturas tinham muros que consistiam de uma estrutura central de tijolos, coberta com uma camada de tijolos de vidro. A maior parte dos muros era de cor amarela. Os portões eram de cor azul celeste Os palácios eram cor de rosa e os templos eram brancos.

Em toda a cidade restavam poucos prédios, ruas e muros que não tinham sido afetados pelos planos arquitetônicos de Nabucodonosor

Já havia se passado um ano desde que o rei tivera o sonho sobre a árvore. Certo dia, Nabucodonosor levou um grupo de visitantes reais para fazer um *tour* por sua gloriosa cidade. Depois de andarem por um circuito espetacular, voltaram para o palácio. Saíram sobre uma segunda sacada de onde se viam os jardins suspensos. A torre do templo ascendia acima deles, a menos de um quilômetro de distância. O rei, dominado pelos encantos daquele esplendor, chamou um escrivão para anotar suas palavras. Cheio de orgulho pessoal e cercado pelos maiores homens do seu reino, encheu-se de eloquência.

– Eu, Nabucodonosor, fiz da Babilônia, a cidade santa, a glória dos grandes deuses, ainda mais proeminente que antes e promovi sua reconstrução. Iluminei o santuário dos deuses e deusas como a luz do dia.

Nenhum outro rei criou ou construiu o que eu construí para Mardu que Eu melhorei ao máximo o que havia em Esagila (o templo de Marduque) e renovei a Babilônia mais que qualquer outro antes de mim. Que minha vida seja longa, que eu me alegre com minha descendência, que esta descendência governe sobre o povo de cabeça negra por toda a eternidade e que meu nome seja glorificado para todo o sempre.[4]

Os convidados de Nabucodonosor começaram a aplaudir o discurso tão bem elaborado do maior rei que já...

Uma trovoada os assustou.

O dia tinha sido claro, ensolarado e quente Temporais com trovões eram muito raros por ali e assustavam as pessoas que viviam nas planícies do deserto.

Mas aquele trovão não trouxe nenhuma chuva. Ribombou por mais de um minuto, fazendo as fundações da cidade balançarem. Os convidados do rei ficaram apavorados, quase ensurdecidos com o barulho. Alguns se jogaram ao chão, agarrando-se ao solo em busca de estabilidade no mundo que parecia girar naquele momento.

Nabucodonosor caiu de joelhos, olhando de um lado para outro, com os braços levantados, como se estivesse se defendendo de um ataque surpresa. Mas, para ele, aquilo não era um trovão. Era uma voz vinda do Céu, proclamando uma maldição sobre ele.

– A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino. E serás tirado de entre os homens, e a tua morada será com os animais do campo; e far-te-ão comer erva como os bois, e passar-se-ão sete tempos sobre ti, até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer.[5]

Os olhos de Nabucodonosor começaram a ficar envidraçados. A inteligência elevada com que tinha governado seu império se desvaneceu, limitando-se a uma parte inalcançável de seu cérebro. Começou a andar como um animal, sobre suas mãos e pés, emitindo sons guturais. Havia saliva escorrendo pelo canto de sua boca e dentro de alguns minutos sua barba tão bem aparada e limpa se tornou desbotada pela mistura de cuspe e poeira.

Os criados do rei se encolheram aterrorizados. A criatura que babava e rastejava começou a encará-los. Reconhecia todas as pessoas, podia

ver a expressão de nojo com que lhe observavam e ouvia cada palavra que diziam, mas não tinha controle sobre suas ações. Apesar de uma parte dele querer falar e dizer que ainda conseguia pensar e fazer planos e administrar seu império, sua garganta produzia apenas grunhidos.

Engatinhou até um dos seus convidados, um amigo pessoal, implorando por ajuda. Mas o homem recuou apavorado. Poucos minutos depois, todos tinham ido embora, exceto seus guarda-costas. Mas até eles se mantinham distantes.

Queria alguém para ajudá-lo; então entrou no palácio e tentou chamar seus servos pessoais. Mas os murmúrios e grunhidos, a expressão do rosto e as caretas que não conseguia deixar de fazer assustavam a todos.

Por fim, Nabucodonosor se arrastou até o jardim que havia projetado. A grama e as belas flores fizeram com que sentisse uma estranha fome, que o consumia por dentro. Ele tentou se conter, controlar suas ações, mas não conseguiu. O maior rei do mundo estava agachado no pátio do seu palácio, arrancando a grama, levando-a à boca e mastigando como se fosse um boi.

Daniel foi correndo até o palácio. Ele estava orando havia muito tempo para que Nabucodonosor se lembrasse do aviso que Deus tinha lhe dado no sonho sobre a árvore. Mas o orgulho tinha tomado conta do coração do governante e o pior havia acontecido.

Daniel entrou no jardim do palácio e viu Nabucodonosor pastando na grama. Aproximou-se dele e se curvou educadamente.

Até que enfim, Nabucodonosor pensou. *Beltessazar vai compreender tudo e vai me ajudar.*

Mas o rei não conseguia controlar seu comportamento. Em vez de pedir ajuda, rosnou nervosamente e atacou seu amigo.

Daniel foi obrigado a recuar.

– Ó rei – implorou –, sou eu, Beltessazar. Deixe-me ajudá-lo.

Mas a resposta de Nabucodonosor foi um novo ataque, o que forçou Daniel a deixar o jardim.

- Os médicos do palácio não podem curá-lo explicou um dos servos a Daniel. – Chamamos um famoso feiticeiro egípcio especializado no tratamento da loucura. Mas ele está viajando e pode levar semanas até que volte.

– E quando ele voltar... – replicou Daniel, olhando novamente para o jardim -, também vai descobrir que nada pode ser feito.

– Nada, senhor?

Nada O que ele está passando é um castigo de Jeová, o Deus do Céu e da Terra. Vai durar sete anos e não há nada que possamos fazer. Tem que acontecer assim.

– Tem que acontecer assim? - O mordomo-chefe tinha acabado de chegar.

– Não tenha medo, senhor mordomo. Os guardas do rei o protegerão. Você sabe que as pessoas pensam que os loucos estão, na verdade, possuídos por espíritos maus. Todos vão temer machucá-lo ou tentar tomar seu trono, pois pensam que isso trará uma grande maldição sobre eles.

- Está dizendo que temos que deixá-lo pastar nos jardins do palácio e protegê-lo de alguém que queira molestá-lo?

– Exatamente.

– Mas o que vamos fazer com o reino?

– Você conhece o rei muito bem e sabe o que ele faria numa circunstância como esta. Ele fez uma pausa, colocando o dedo sobre os lábios, sabendo a autoridade que estava colocando sobre si mesmo. – Você deve governar o império como o rei faria se ainda estivesse no comando. Continue com seus planos e cuide do reino para ele. Depois que se passarem os sete anos de maldição, Nabucodonosor vai voltar a governar. Deus decretou assim e tudo isto vai passar.

Daniel visitava o pátio várias vezes por semana, procurando sinais de sanidade em Nabucodonosor. Embora o decreto divino tenha sido de "sete anos", ele sabia que Deus geralmente mudava de ideia quando a pessoa se arrependia. E ele tinha esperança de que o rei se humilhasse e fosse curado.

De tempos em tempos, Daniel ajudava o servo pessoal do rei. Com a ajuda dos guardas, encurralavam o maníaco real, amarravam-no

e o limpavam – cortavam seu cabelo, aparavam sua barba e cortavam as unhas – para que não sofresse com a infestação de moscas e piolhos.

Nabucodonosor tinha consciência daqueles que o estavam ajudando em seu período de insanidade, mesmo que não conseguisse interagir com eles. No começo, ele culpou Daniel por ter feito aquela terrível previsão. Se fosse capaz de controlar seus movimentos, com certeza o teria matado.

Conforme os anos foram passando, sua amargura se transformou em depressão, fazendo com que deixasse de ter qualquer tipo de preocupação, tanto com o passado quanto com o futuro. A glória que experimentara no passado lhe parecia apenas uma vaga lembrança de algo que aconteceu rapidamente, mas logo desapareceu para sempre.

Contudo, no momento certo, o desespero deu lugar à aceitação. Ele entendeu que não poderia mudar sua condição e, então, parou de lutar. Ainda que por fora parecesse tão insano quanto antes, a paz reinava em seu coração. Gradualmente, ele começou a apreciar o calor do sol e o frescor da grama, e até o sabor dela já não o irritava mais. Deleitava-se com as muitas cores das flores do seu jardim e até começou a ansiar pelo gentil tratamento de Daniel e dos seus servos que se aliaram a ele.

Enquanto pensava em seu reino – os triunfos, problemas, sonhos e as pessoas que conheceu – se surpreendia com a estupidez e a arrogância dos reis de Judá: Jeoaquim, Joaquim, Zedequias e seus falsos profetas. A traição deles o enchia de raiva.

No entanto, ele tinha permitido que a insignificância deles o cegasse para algo muito mais importante: muitos judeus serviam a Jeová fielmente – Daniel, Jeremias, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Eles eram um exemplo vivo da verdadeira adoração a Deus. Agora ele conseguia entender que em vez de se irritar com as coisas ruins, devia ter se concentrado nas coisas boas.

Se eu tivesse entendido isso antes, repreendeu-se. *Se eu tivesse confiado em Deus e dado ouvidos a Beltessazar, não estaria nesta situação agora. Mas se não fosse por esta loucura*, pensou, *eu não teria descoberto o poder pessoal de Deus em minha vida.*

Senhor, Deus do Céu e da Terra – o choro mudo veio do rei que o mundo julgava estar louco, uma oração que vinha do fundo de uma alma ansiosa por paz e alegria. *Ó Senhor Deus, perdoa-me por meu orgulho bobo. Por favor, abençoa-me como Tu abençoaste a Beltessazar.*

Ele não estava pensando na cura, ou na recuperação de seu trono. Aquela era uma simples oração pedindo por perdão, por bênçãos.

Um suave calor tomou conta do corpo de Nabucodonosor, uma vitalidade que não sentia havia anos. Suas pernas e braços estavam cheios de vida. Sem pensar, ficou em pé.

Olhando para o céu, falou suas primeiras palavras em sete anos, uma oração:

– Glória a Jeová por Seus maravilhosos dons!

Daniel entrou no jardim naquele exato momento, para fazer sua visita diária. Seu coração quase saiu pela boca quando viu Nabucodonosor em pé com o rosto voltado para o céu, dizendo palavras de agradecimento.

– Meu rei! – o oficial hebreu correu até o gramado.

– Beltessazar! – o rei deu um grande abraço em seu amigo. – Como tive vontade de lhe agradecer por sua bondade e seu cuidado comigo durante todos esses anos!

– Não foi nada, meu senhor. – Lágrimas rolavam pelo rosto de Daniel ao olhar para aquela face que mais uma vez expressava lucidez.

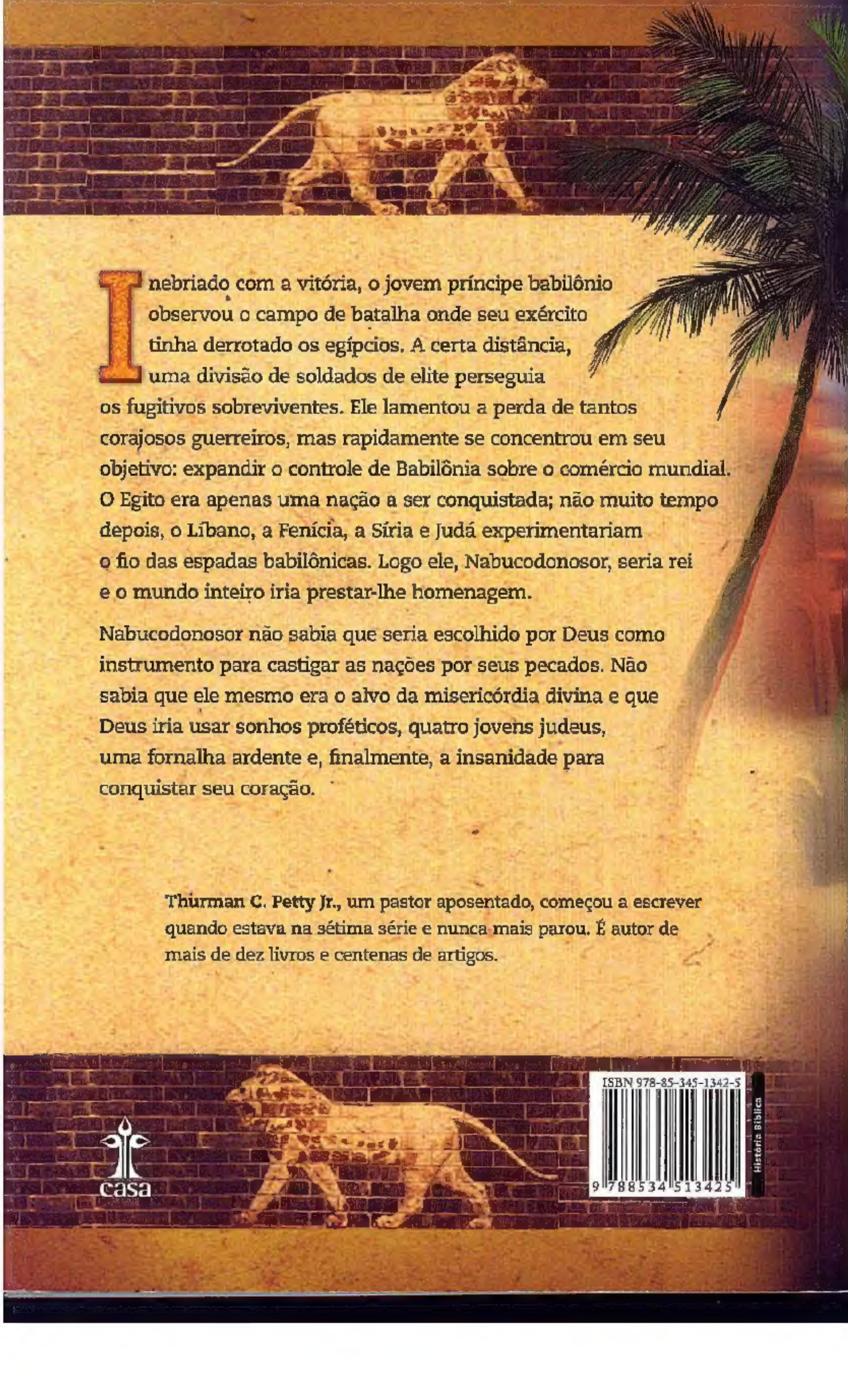
Os guardas que relaxavam num banco ali perto pularam assustados quando viram Daniel e o agora lúcido rei se aproximarem. Mas se acalmaram quando viram o brilho nos olhos de Nabucodonosor e um sorriso amistoso em seus lábios.

Um deles correu para o palácio a fim de espalhar a notícia, enquanto os outros cercaram o rei e, esquecendo-se de sua posição, o abraçaram. Nabucodonosor estava curado!

Toda a Babilônia se alegrou com o retorno do magnífico Nabucodonosor. Contudo, ele parecia diferente. Tinha a mesma energia, o mesmo amor pela justiça, a mesma exigência com a qualidade dos

seus empregados. Mas, em vez de exaltar a si mesmo, proclamava sua recém-descoberta fé no Deus criador de todas as coisas.

Pouco depois de voltar ao trono, Nabucodonosor pediu a Daniel que o ajudasse a escrever um edital que explicasse como seu orgulho se transformou em humilhação e que também revelasse sua alegre aceitação de um novo Mestre divino.

> Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre,
>
> cujo domínio é um domínio sempiterno,
> e cujo reino é de geração em geração.
> Todos os moradores da Terra
> são por Ele reputados em nada;
> e, segundo a Sua vontade,
> Ele opera com o exército do Céu
> e os moradores da Terra;
> não há quem possa deter a mão,
> nem Lhe dizer: Que fazes?
>
> Tão logo me tornou a vir o entendimento, também, para a dignidade do meu reino, tornou-me a vir a minha majestade e o meu resplendor; buscaram-me os meus conselheiros e os meus grandes; fui restabelecido no meu reino, e a mim se me ajuntou extraordinária grandeza. Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do Céu, porque todas as Suas obras são verdadeiras, e os Seus caminhos, justos, e pode humilhar aos que andam na soberba.[6]

[1] Ezequiel 28:1-8.
[2] A maior parte do diálogo desta seção se encontra no capítulo 4 do livro de Daniel.
[3] Veja Ezequiel 33:14-16.
[4] Passagem retirada de uma inscrição verdadeira, que está hoje exposta no Museu de Berlim.
[5] Daniel 4:31, 32.
[6] Daniel 4:34-37.

Inebriado com a vitória, o jovem príncipe babilônio observou o campo de batalha onde seu exército tinha derrotado os egípcios. A certa distância, uma divisão de soldados de elite perseguia os fugitivos sobreviventes. Ele lamentou a perda de tantos corajosos guerreiros, mas rapidamente se concentrou em seu objetivo: expandir o controle de Babilônia sobre o comércio mundial. O Egito era apenas uma nação a ser conquistada; não muito tempo depois, o Líbano, a Fenícia, a Síria e Judá experimentariam o fio das espadas babilônicas. Logo ele, Nabucodonosor, seria rei e o mundo inteiro iria prestar-lhe homenagem.

Nabucodonosor não sabia que seria escolhido por Deus como instrumento para castigar as nações por seus pecados. Não sabia que ele mesmo era o alvo da misericórdia divina e que Deus iria usar sonhos proféticos, quatro jovens judeus, uma fornalha ardente e, finalmente, a insanidade para conquistar seu coração.

Thurman C. Petty Jr., um pastor aposentado, começou a escrever quando estava na sétima série e nunca mais parou. É autor de mais de dez livros e centenas de artigos.

ISBN 978-85-345-1342-5
9 788534 513425